



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



DÉBORA PAULA DE ANDRADE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA NO CURSO DAS ÁGUAS:
PAISAGENS E REPRESENTAÇÕES NA BACIA DO RIO COISA BOA, CHAPADA
DIAMANTINA – BAHIA**

Vitória da Conquista - BA
2018

DÉBORA PAULA DE ANDRADE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA NO CURSO DAS ÁGUAS:
PAISAGENS E REPRESENTAÇÕES NA BACIA DO RIO COISA BOA, CHAPADA
DIAMANTINA – BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do espaço geográfico
Linha de pesquisa: Dinâmicas da natureza e do território.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Oliveira
Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Geisa Flores Mendes

Vitória da Conquista - BA
2018



Esta dissertação de mestrado está sobre os termos do Creative Commons

Oliveira, Débora Paula de Andrade

000x A memória no curso das águas: paisagens e representações na bacia do Rio Coisa Boa, Chapada Diamantina – Bahia /Débora Paula de Andrade Oliveira; orientador Edvaldo Oliveira; co-orientadora: Geisa Flores Mendes. – Vitória da Conquista, 2018. 134 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

.
1. Lugar. 2. Memória Social 3. Paisagens e representações. 4. Chapada Diamantina. I. Oliveira, Edvaldo, oriente. Geisa Flores Mendes, coorient. II. Título.

CDU 000.0:000.000.0(000.0)

DÉBORA PAULA DE ANDRADE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA NO CURSO DAS ÁGUAS:
PAISAGENS E REPRESENTAÇÕES DA BACIA DO RIO COISA BOA, CHAPADA
DIAMANTINA – BAHIA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edvaldo Oliveira (PPGEO/UESB)
Orientador
Presidente

Prof^a. Dr^a. Geisa Flores Mendes (PPGEO/UESB)
Co-orientadora

Prof^a. Dr^a. Meirilane Rodrigues Maia (PPGEO/UESB)
Examinadora interna

Prof^a. Dr^a. Sônia Mendonça de Souza Menezes (PPGEO/UFS)
Examinadora externa

Vitória da Conquista, 21 de fevereiro de 2018.

Com amor, eu dedico:

*Aos meus pais, **Gilson e Maria do Socorro** que com amor e simplicidade me ensinaram o valor da educação, da honestidade e da família.*

*À minha amada tia **Maria de Lourdes** (in memoriam) que sempre compartilhou comigo lições de sabedoria e amor ao próximo.*

*Aos meus professores, em especial a **Gaetana Palladino, Meirilane Maia, Edvaldo Oliveira e Geisa Mendes** que despertaram em mim a paixão e a alegria de ensinar e aprender Geografia todos os dias.*

Essa vitória nos pertence.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente agradecida a **Deus** pela realização desse sonho: “Senhor, quero dar-te graças de todo o coração e falar de todas as tuas maravilhas. Em ti quero alegrar-me e exultar, e cantar louvores ao teu nome” (Salmos 9:1-2). Agradeço a Ele pelas pessoas especiais que tanto tem acrescentado a minha vida, perdoam minhas ausências e colorem meus dias com felicidade, amor e conhecimento. Como numa oração, expresso minha gratidão e reconhecimento:

Aos meus pais **Gilson e Maria do Socorro**, pelo infinito amor e por não medirem esforços para a concretização desse sonho, que é nosso.

A minha amada tia **Maria de Lourdes** (*in memoriam*). Será sempre minha referência de generosidade e sabedoria, sou grata a Deus pelos momentos que compartilhamos.

Aos meus irmãos: **Paloma, Wanderson Ricardo e Lucas Leonardo**. Minhas eternas crianças, à vocês o meu amor incondicional e para sempre. Agradeço também a **Manoel**, a quem considero como um irmão mais velho.

A minha Dinda, **Marinalva Coqueiro**, pelo amor, incentivo e apoio nos momentos difíceis.

As minhas tias: **Zelita, Elaine, Selma, Célia, Xica e Branca**, pelas orações sinceras, por todo carinho e palavras de fé e conforto.

Aos meus avós, **Geni, Salvador, Anália** (*in memoriam*) e **Marcionílio** (*in memoriam*), pelos valiosos ensinamentos compartilhados ao longo da vida.

A minhas primas-irmãs, **Josy e Sinha**, que sempre partilham comigo alegrias e saudades.

A todos os meus familiares, sem vocês a vida perderia o sentido. Obrigada por estarmos juntos nos momentos de alegria e tristeza.

A professora **Gaetana Palladino**, pela generosidade, dedicação, ternura e especialmente, por nos ajudar a descobrir a beleza de ensinar e aprender Geografia. Seu abraço terno e acolhedor são expressões do amor de Deus.

Ao professor **Edvaldo Oliveira**, que desde os momentos iniciais da graduação me ensinou a pensar a nossa Geografia com seriedade e dedicação. Sou grata por todo o aprendizado no Laboratório de Cartografia da UESB. Agradeço, também, pela confiança, generosidade e compromisso na orientação das nossas pesquisas, especialmente, dessa dissertação.

A professora **Geisa Mendes**, pelo amor, delicadeza, compreensão, paciência e sabedoria. Sou grata pela confiança e apoio incondicional na realização desse sonho e de outros que estão por vir. Agradeço pela orientação tão presente e dedicada. Sou grata a Deus por tê-la em minha vida.

A professora **Meirilane Maia** pela amizade sincera, incentivo e apoio incondicional, grande amiga a quem jamais conseguirei agradecer o suficiente. Terá sempre meu reconhecimento e gratidão por contribuir tão generosamente na construção desse e de outros projetos.

A professora **Sônia Mendonça**, pelas valiosas contribuições na pesquisa. Agradeço pelo apoio e confiança na construção dessa pesquisa e de outros desafios que estão por vir. Sou grata pela acolhida tão calorosa.

A professora **Fernanda Viana**, pela pessoa maravilhosa que é. Agradeço o carinho, a paciência e o cuidado de sempre.

A professora **Ana Emília** pela amizade, apoio e dedicação na realização do Curso de Mestrado.

A **Janaína Serejo**, pela disponibilidade, atenção e paciência que sempre tem comigo.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Geografia** e a **UESB** pelas inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e aprendizado, especialmente pela concessão da bolsa de estudos.

Ao **Laboratório da Cartografia da UESB**, especialmente a **Íris, Rosa e Luciana** por tornarem nossos dias de trabalho mais agradáveis, com conversas, sorrisos e cafés.

Aos professores **Espedito Maia, Andrecksa Oliveira, Nereida Mafra, Clecione Soares, Mirian Cléa, Renato Leone, Poliana Machado, Macário Costa, Cláudia Cruz, Aline Fialho, Suzane Tosta, Mário Rubem, Nádia Sampaio e Greziene Araújo** pelo exemplo de compromisso e dedicação com o trabalho docente, tão relevantes em minha formação acadêmica.

Ao **Colégio Estadual de Brumado**, especial agradecimento à **Gláucia Brito, Lélia Leite, Aparecida Lima, Carla Ida Aguiar, Gorete Caires, Evanilda Mascarenhas, Anildo Ferreira e Nájila Martins**, que desde cedo me fizeram acreditar num futuro melhor para a sociedade pela via da Educação, gratidão eterna a vocês! Sinto saudade do aprendizado descontraído e dos momentos de leveza e alegria no nosso querido colégio.

Aos professores **Wagner Pinchemel e Nájila Rodrigues**, geógrafos que têm meu respeito e admiração. Amigos que a Geografia me deu de presente.

Aos grupos de pesquisa **NUAMSE** e **APLAGET** pelas tardes leves de aprendizado e discussões tão proíficas.

A **Lorene e família**, especialmente a **D. Noeme, D. Lorene e D. Janice** pela generosidade e acolhida tão calorosa.

A **Rafael Carvalho** pela disponibilidade, parceria e amizade na realização do trabalho de campo.

A **Gabriela Plácido** pelo apoio, companheirismo e amizade nas conversas sobre Igatu e na realização dos trabalhos de campo.

A **Thuane Souza** pela amizade sincera, cuidado, paciência e cuidado na leitura dessa dissertação. Te agradeço por ser uma amiga tão querida, presente e especial.

A **Denise Santos e Daniela Silva** pela acolhida tão calorosa em Aracaju. Agradeço pela confiança, cuidado, amizade e carinho.

A **D. Janete**, pela torcida, acolhimento e orações tão sinceras.

A **Nádia Sousa**, pela amiga incrível que é. Agradeço por sua amizade sincera, palavras de incentivo e disponibilidade em me ajudar em todos os momentos.

A **Silmara Moreira**, pessoa iluminada que tive o prazer de conhecer durante o curso de mestrado. Agradeço pela atenção e cuidado na leitura dessa dissertação.

A **Paulo Marinho**, pela amizade, paciência e disponibilidade em dialogar e refletir sobre as inquietações de pesquisa.

Aos amigos e companheiros de caminhada no mestrado e na graduação, em especial, agradeço a **Crislane, Juliete, Manara, Fernanda, Joscimara, Luzia, Marília, Vera, Jormam, Mateus, Edvagno, Flávia, Acssuel, Vagner e João**. Compartilhar as alegrias e dificuldades com vocês fez o nosso percurso mais prazeroso.

A **Polliana Freire**, amiga que mesmo distante, está sempre a mim incentivar e inspirar. Terá sempre meu apreço e respeito, gratidão pelos ensinamentos tão significativos nas letras e na vida.

A **Patrícia Godoia**, minha dupla dinâmica com quem compartilho momentos de alegria e tristeza. Amiga preciosa que a Geografia me concedeu, e levarei para toda vida. Agradeço a Deus por sua vida e da sua família. Um simples obrigada não seria o bastante para traduzir o reconhecimento e amor que construímos ao longo desses anos.

Meu agradecimento mais do que especial a todos aqueles, que contribuíram sobretudo aqueles que por meio de conversas e entrevistas, partilharam comigo vivências e saberes. Sem eles, essa pesquisa não seria exequível.

...um homem que já viu o Atlântico da praia e depois olha um mapa do Atlântico está trocando a coisa real pela menos real: troca as ondas de verdade por um pedaço de papel colorido. Mas é exatamente essa a questão. Admito que o mapa não passa de uma folha de papel colorido, mas há duas coisas que devemos lembrar a seu respeito. Em primeiro lugar, ele se baseia nas experiências de centenas ou milhares de pessoas que navegaram pelas águas do verdadeiro oceano Atlântico. Dessa forma, tem por trás de si uma massa de informações tão reais quanto a que se pode ter da beira da praia; com a diferença que, enquanto a sua é um único relance, o mapa abarca e colige todas as experiências de diversas pessoas. Em segundo lugar, se você quer ir para algum lugar, o mapa é absolutamente necessário. Enquanto você se contentar com caminhadas à beira da praia, seus vislumbres serão mais divertidos que o exame do mapa; mas o mapa será de mais valia que uma caminhada pela praia [...]

C. S. Lewis

RESUMO

A pesquisa teve o propósito de analisar as distintas nuances das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, Igatu, Chapada Diamantina - Bahia. O eixo norteador do estudo está pautado na análise integrada das paisagens, considerando a memória social e as representações das paisagens da bacia. O desejo de compreender melhor a Geografia e a memória social da Chapada Diamantina surgiu, a *priori*, da necessidade de não se afastar desse lugar tão pleno de significados e representações. Caminhar pelas ruas de pedras da vila de Igatu convida a pensar a geograficidade que rege o compasso da vida, num lugar que parece existir em outro tempo. A leitura da paisagem está pautada tanto na análise dos seus aspectos físicos, quanto na sua dimensão social e humana. Os procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa lastrearam-se na sistematização do projeto cartográfico, nas pesquisas de campo, na realização de entrevistas e na análise da memória social e das representações. No que se refere a análise geográfica, com ênfase na leitura integrada da relação sociedade natureza nas (re)configurações das paisagens, buscou-se suporte nos estudos de Ab'Saber (1994, 2003), Bertrand (2004[1971]), Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2004), entre outros. Quanto à memória e as representações sociais no processo de produção socioespacial, a ancoragem teórica fundamenta-se em Lefèbvre (1991) Halbwachs (1990), Nora (1993) e Santos (2006). Nos estudos de Moreira (2007) Guerra (2008) e Sauer (2000) foram encontradas as balizas teóricas para a compreensão da relação intrínseca entre a Geografia e a Cartografia na leitura do espaço. É provável que a associação entre esses referenciais teóricos, a princípio, tão distintos, cause certo estranhamento. Contudo, a opção por construir um diálogo entre as categorias memória social, paisagem, lugar e representações na leitura das configurações socioespaciais foi guiada por um claro propósito: compreender que a análise integrada das paisagens de uma bacia hidrográfica requer a leitura da sua dimensão humana, pois os sujeitos sociais vivenciam e produzem esse espaço por meio das experiências pautadas na intensa relação com a natureza do lugar. No que tange aos resultados encontrados, infere-se que a singularidade expressa nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa reitera a indissociabilidade da dimensão sociedade natureza em sua composição, posto que, embora as belezas naturais sejam marcantes no lugar, suas paisagens são intensamente humanizadas, constituídas de memória, como matéria prima fundamental para que adquirissem os significados que possuem hoje.

Palavras-chave: Chapada Diamantina. Lugar. Memória Social. Paisagens. Representações.

ABSTRACT

The research had the purpose of analyzing the different nuances of the landscapes of the Coisa Boa River basin, Igatu, Chapada Diamantina - Bahia. The main discussion of the study is based on the integrated analysis of the landscapes, considering the social memory and representations of the basin landscapes. The aim to understand better the Geography and the social memory of the Chapada Diamantina resulted, a priori, from the need to move away from this place full of meanings and representations. Walking through the cobblestone streets of the village of Igatu invites you to think about the geography that governs the compass of life, in a place that seems to exist in another time. The reading of the landscape is based both on the analysis of its physical aspects and its social and human dimension. The methodological procedures for developing this research were based on the systematization of cartographic design, field surveys, interviews, analysis of social memory, and representations. In terms of geographic analysis, with emphasis on the integrated reading of the relationship between nature and landscape (re) configurations, we found support in the studies of Ab'Saber (1994, 2003), Bertrand (2004 [1971]), Rodriguez, Silva and Cavalcanti (2004), among others. As for memory and social representations in the socio-spatial production process, the theoretical anchorage is based on Lefèbvre (1991) Halbwachs (1990), Nora (1993), and Santos (2006). In the studies of Moreira (2007) Guerra (2008), and Sauer (2000) the theoretical guideline were found in order to understand the intrinsic relation between Geography and Cartography in space analysis. It is probable that the association between these theoretical references, at first is different, might cause certain peculiarity. However, the option to construct a dialogue between the categories social memory, landscape, place and representations in the analysis of the socio-spatial configurations was directed to a clear purpose: to understand that the integrated analysis of the landscapes of a river basin requires the reading of its human dimension, because social subjects experience and produces this space through experiences based on the intense relationship with the nature of the place. Regarding the results found, it is inferred that the singularity expressed in the landscapes of the Coisa Boa River basin reiterates the inseparability of the nature society dimension in its composition. In this sense, although the natural beauty is a striking feature in the place, its landscapes are intensely humanized, constituted of memory, the fundamental raw material for them to acquire the meanings they have today.

Key words: Chapada Diamantina. Place. Social Memory, Landscape, Representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização da bacia do Rio Coisa Boa, Igatu, Chapada Diamantina, Bahia, 2017.....	18
Figura 2	Entrada da vila de Igatu.....	19
Figura 3	Mirante na trilha da Rampa do Caim, Igatu.....	21
Figura 4	Trecho do alto curso da bacia do Rio Coisa Boa.....	22
Figura 5	Organograma da metodologia da pesquisa.....	25
Figura 6	Mapa de curvas de nível da Bacia do Rio Coisa Boa.....	71
Figura 7	Vista do encontro do Rio Laranjeiras com o Rio Coisa Boa.....	72
Figura 8	Toca de garimpeiro na trilha do Rio Laranjeiras.....	74
Figura 9	Carta Hipsométrica da Bacia do Rio Coisa Boa.....	75
Figura 10	Vale do Rio Coisa Boa.....	77
Figura 11	Carta Clinográfica da Bacia do Rio Coisa Boa.....	78
Figura 12	Cachoeirinha nas proximidades da vila de Igatu.....	79
Figura 13	Contexto geomorfológico e hidrográfico da Chapada Diamantina.....	82
Figura 14	Capa e ilustração do livro O Cascalho na edição romena, publicado em 1969.....	84
Figura 15	Vila de Igatu - década de 1970.....	87
Figura 16	Mercadão da Vila de Igatu - 1970.....	88
Figura 17	Mercadão da Vila de Igatu - 2017.....	88
Figura 18	Mirante da rampa do Caim.....	90
Figura 19	Descarte inadequado de lixo na vila Igatu.....	92
Figura 20	Lançamento de esgoto doméstico na vila de Igatu.....	93
Figura 21	Classificação etária dos sujeitos sociais entrevistados na pesquisa.....	97
Figura 22	Carta imagem da vila de Igatu.....	100
Figura 23	Praça José da Silva Gomes, vila de Igatu.....	101
Figura 24	Casario antigo na vila de Igatu - 1970.....	102
Figura 25	Casario antigo na vila de Igatu - 2017.....	103
Figura 26	Ruínas de casas de pedras.....	104
Figura 27	Ferramentas utilizadas no garimpo.....	106
Figura 28	Trecho do Rio dos Pombos.....	109
Figura 29	Entrada da Gruna do Brejo Verruga.....	111
Figura 30	Esculturas expostas no interior do Brejo Verruga.....	112
Figura 31	Edificações em ruínas e residências em construção na vila de Igatu.....	113
Figura 32	Igreja e cemitério de São Sebastião.....	115
Figura 33	Representações sobre as temporalidades nas paisagens da Bacia do Rio Coisa Boa.....	116
Figura 34	Lugares de memória nas paisagens da Bacia do Rio Coisa Boa.....	117

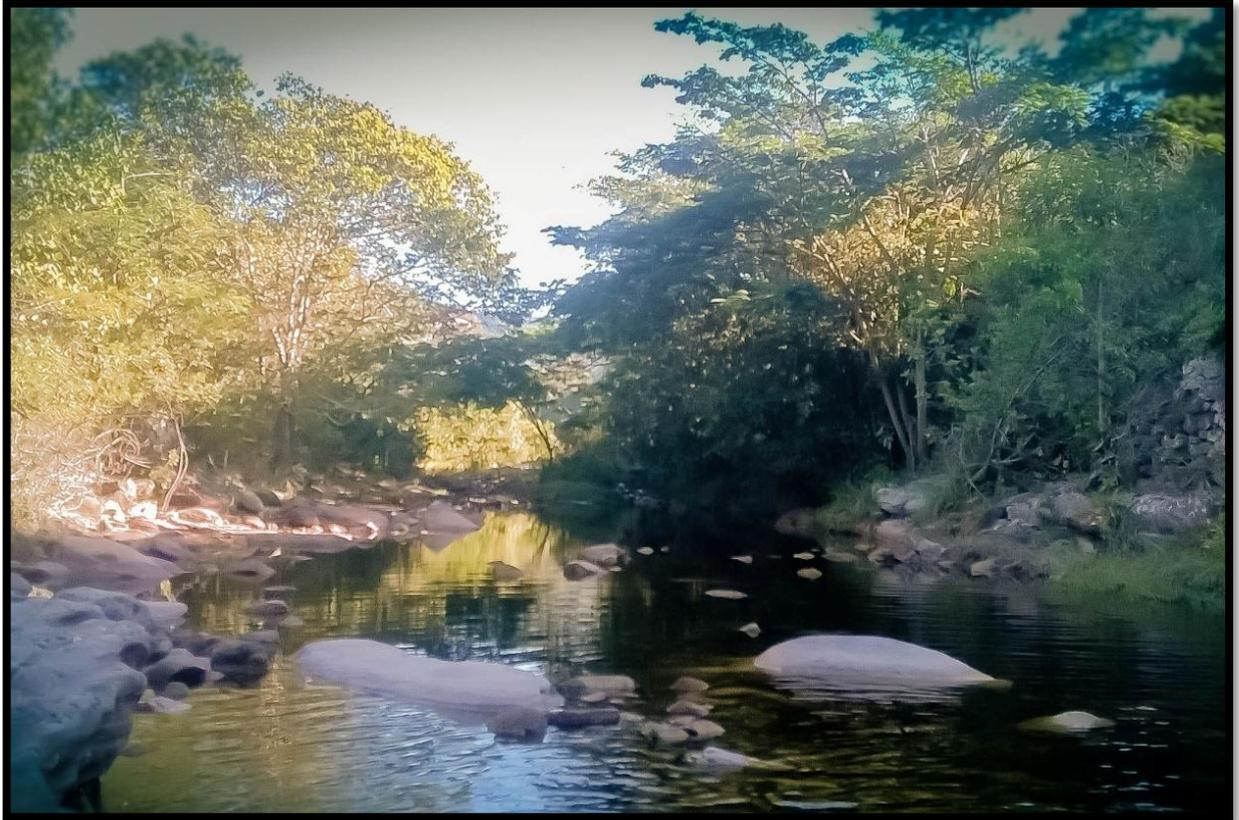
SIGLÁRIO

ANA	Agência Nacional de Águas
APLAGET	Análise Planejamento e Gestão Territorial
BH	Bacia Hidrográfica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>
NUAMSE	Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SHP	<i>Shapefille</i>
SL	<i>Software Livre</i>
SIG	Sistema de Informações Geográficas
SRTM	<i>SRTM - Shurtle Radar Topographic Mission</i>
TGS	Teoria Geral dos Sistemas
TICD	Território de Identidade Chapada Diamantina
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	GEOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL.....	29
2.1	Entre paisagens e representações	37
2.2	Sobre lugar e memória social.....	48
2.3	Dimensão socioambiental das paisagens em bacias hidrográficas.....	59
3	LEITURA INTEGRADA DAS PAISAGENS DA BACIA DO RIO COISA BOA – IGATU, CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA.....	66
3.1	Paisagens e representações da bacia do Rio Coisa Boa.....	68
3.2	Histórias de Igatu: lugar de memória, encontro e partida na Bacia do Rio Coisa Boa – Chapada Diamantina.....	80
3.3	Dimensão socioambiental das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.....	91
4	PAISAGEM E MEMÓRIA NA BACIA DO RIO COISA BOA - IGATU, CHAPADA DIAMANTINA - BAHIA.....	96
4.1	Rios que atravessam memórias: narrativas sobre o ambiente vivido.....	107
4.2	Prelúdios do amanhã: paisagens e cenários socioambientais possíveis.....	113
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
	REFERÊNCIAS.....	123
	APÊNDICES.....	130
	Apêndice A – Modelo de questionário aplicado na pesquisa.....	131
	Apêndice B – Matriz de análise dos conflitos socioambientais nas paisagens.....	134

INTRODUÇÃO



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

1 INTRODUÇÃO

Não cruzarás o mesmo rio duas vezes, porque outras são as águas que correm nele.

Heráclito de Éfeso (540 a.C. a 470 a.C.)

A Filosofia de Heráclito convida a refletir sobre a fluidez das coisas do mundo e das relações efêmeras que marcam a imbricação entre os tempos humanos e os tempos da natureza. É imperativo reconhecer que não faz sentido pensar em um mundo estático e compartimentado, como propunha os paradigmas positivistas do pensamento científico, que há muito vêm demonstrando seu insucesso.

É pertinente reconhecer os limites impostos pelo pensamento disciplinar, no tocante a aproximação da realidade para, então, enxergar a possibilidade de transbordá-los para além das dicotomias simplistas e do reducionismo. Como aponta Lefèbvre, “[...] el concepto se desarrolla superando las oposiciones de la forma y del contenido, de lo teórico y de lo práctico, de lo subjetivo y de lo objetivo [...] Es la conciencia de la forma, del movimiento interno del contenido (1969, p.25)¹”.

As reflexões de Lefèbvre permitem compreender melhor os movimentos da realidade, que a todo tempo revela-se dinâmica, o que torna sua interpretação mais complexa. Ao ponderar sobre a mobilidade das fronteiras do pensamento científico, Hissa afirma que a ciência convencional cria e desenvolve fronteiras no seu processo de construção, e alheio a isso, “[...] a vida pulsa, põe o mundo em movimento e amplia as fronteiras” (HISSA, 2002, p.28). O autor considera que o conhecimento científico não pode ser compreendido como um produto de uma razão dissociada de sensibilidades. Destaca ainda que “[...] A ciência é a arte, interpretando o que muitos denominam realidade, de sempre rearranjar informações [...] que permitem construir o desenho do mundo, das coisas e dos seres, das complexas relações e dos seus lugares” (HISSA, 2002, p.14).

Pensar e fazer ciência como possibilidade de leitura e transformação da realidade é um grande desafio. No entanto, o compromisso de pensar o mundo adquire outros contornos quando há motivações por parte do cientista, uma vez que as problemáticas de pesquisa mais interessantes surgem de questões cotidianas que atravessam nossas representações sobre o mundo vivido e suscitam inquietações e questionamentos.

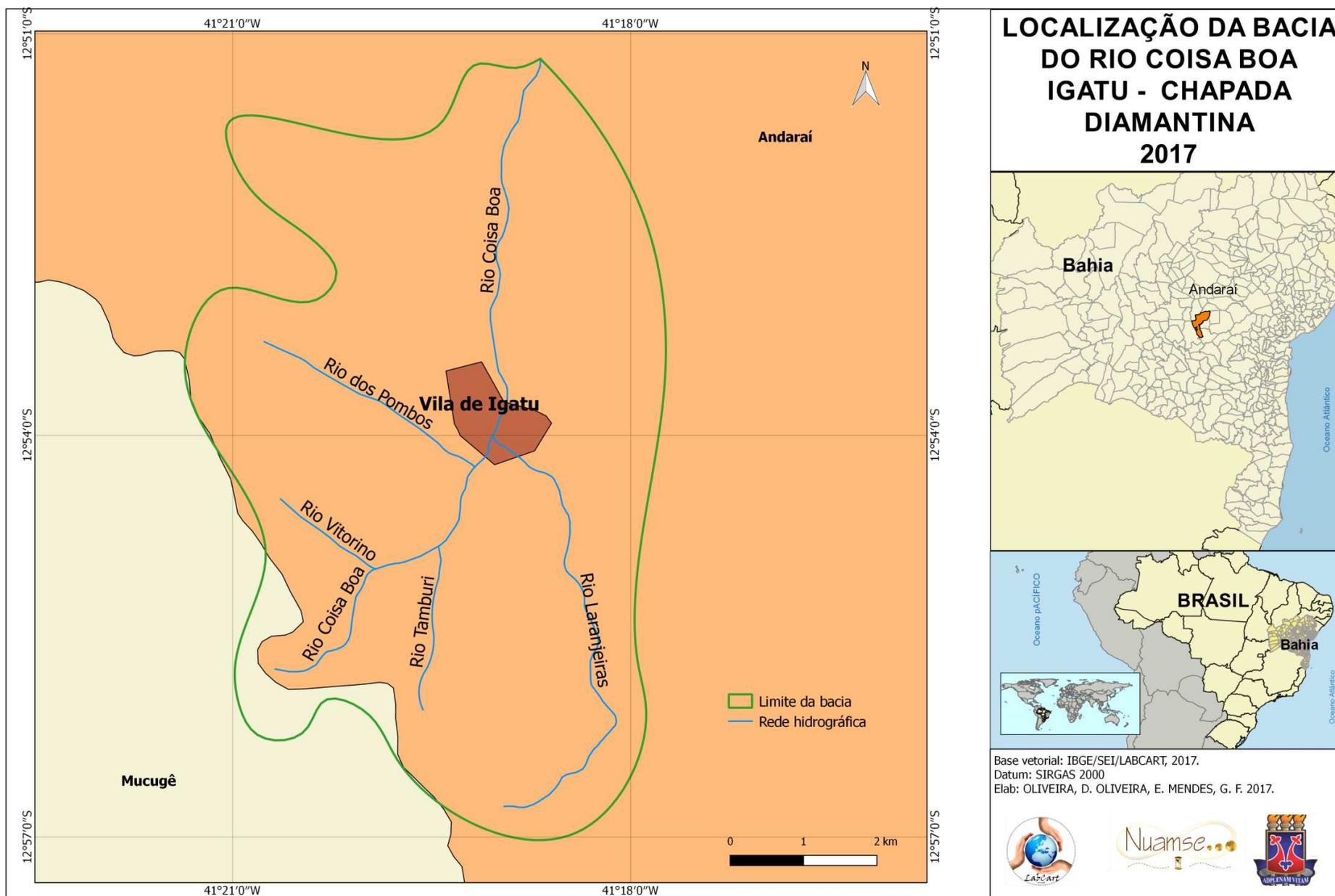
¹ O conceito se desenvolve superando as oposições entre a forma e conteúdo, do teórico e do prático, do movimento interno do conteúdo (Tradução nossa).

A intensa relação entre os sujeitos sociais e as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, Chapada Diamantina - Bahia é um traço marcante na memória social dos que a vivenciam, pois é comum deparar-se com afirmativas que evidenciam tal aspecto, a exemplo da narrativa de um morador ao ser instigado a refletir sobre o significado da paisagem. Para ele, as paisagens: “Fazem parte da minha vida. Todos os dias eu estou na natureza, assim como a natureza está em mim. Trabalho, vivo e existo...²”. A vivência dos sujeitos sociais na bacia do Rio Coisa Boa ultrapassa a contemplação das belezas cênicas das paisagens do lugar. A existência desses sujeitos sociais é eivada do sentimento de pertencer à natureza, de viver em constante interação com ela.

Sublinham-se as relações socioambientais, expressas pela dimensão sociedade natureza, nas transformações e permanências das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa (Figura 1). Diante dessa realidade e, por definição no projeto de pesquisa, o eixo norteador desse estudo está pautado na análise integrada das paisagens, considerando a memória social e as representações dos sujeitos sociais que vivenciam e produzem o espaço na bacia.

² Entrevista concedida pelo senhor João, 37 anos, empresário local. Agosto de 2017.

Figura 1 – Localização da bacia do Rio Coisa Boa, Igatu, Chapada Diamantina – Bahia, 2017.

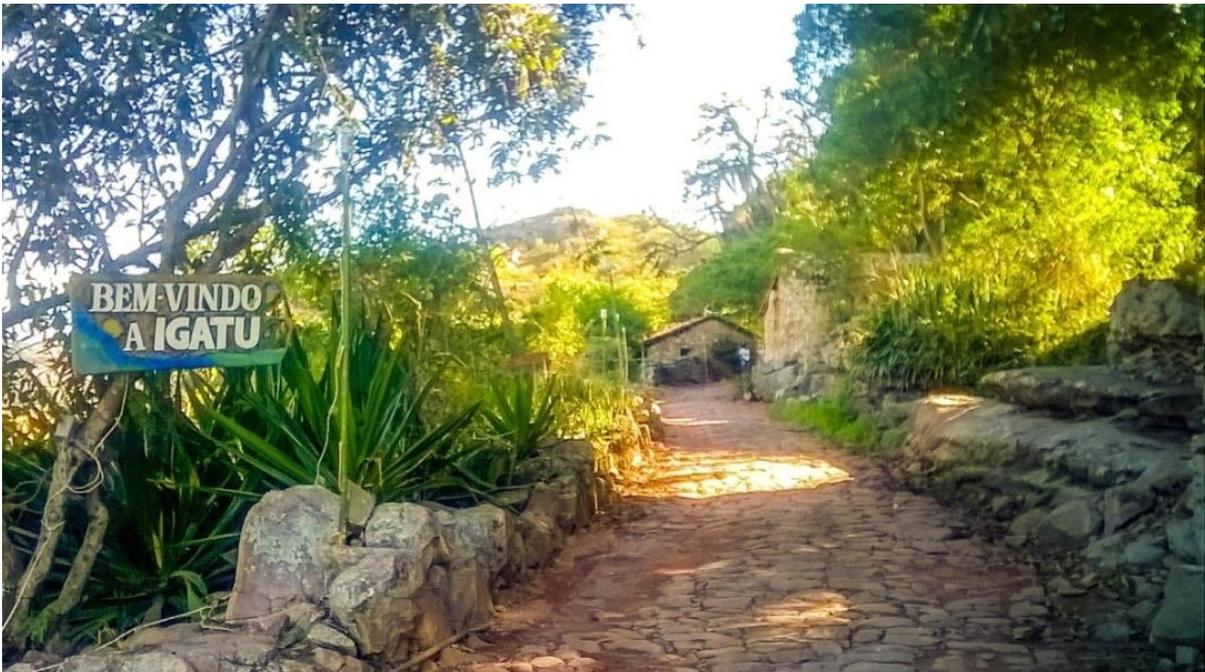


Fonte: Projeto cartográfico, 2017.

O desejo de compreender a Geografia e a memória social na Chapada Diamantina surgiu, das diversas experiências em trabalhos de campo nos municípios dessa região, realizados na graduação em Geografia. Tais experiências suscitaram mais do que curiosidade: desvelaram o desejo de interpretar as paisagens do lugar considerando o olhar dos sujeitos sociais que as vivenciam. Trata-se de ir além do olhar meramente contemplativo do turista, tecendo o desafio de percorrer os roteiros que a Geografia traça na vida da gente.

Os percursos da pesquisa aqui apresentados suscitaram inquietações por constituírem-se num viés de leitura relativamente pouco explorado na Geografia. É certo que a aproximação entre memória social e Geografia é profícua e instigante, embora represente ainda a superação de grandes desafios epistemológicos, a exemplo da ruptura da dicotomia entre o mundo físico e humano, das fronteiras disciplinares e a desconstrução do falso antagonismo que se sedimentou entre as dimensões do real e das representações na leitura da realidade. Limitar-se a análise dissociada dos aspectos físicos, isolando-os do mundo vivido, seria negar as interações, dinâmicas, sentidos e representações que permeiam as relações construídas pelos sujeitos sociais com as paisagens. Caminhar pelas ruas de pedras da vila de Igatu³ (Figura 2) convida a pensar a geograficidade que rege o compasso da vida, num lugar que parece existir em outro tempo.

Figura 2 – Entrada da vila de Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

³ A vila de Igatu é o principal núcleo de povoamento da bacia do Rio Coisa Boa.

O ritmo da vida em Igatu parece existir alheio à pressa e aos tempos rápidos do presente, imprimindo ao cotidiano dos sujeitos sociais que ali vivem um modo singular de existir e relacionar-se com a natureza. Para Santos (1992), existem tempos lentos e tempos acelerados, regidos pelos múltiplos conteúdos sociais que os requalificam, atribuindo-lhes significados e sentidos diversos.

É imprescindível reconhecer a dimensão social do tempo, para além da simples datação dos fatos que compõem a realidade e isso não significa negligenciá-las. Segundo Bosi (1992), as datas são pontas de icebergs no mar da história, e quem singrar a imensidão desse mar bendiz sua existência, ainda que elas sejam apenas sólidos geométricos, visíveis a olho nu e a grandes distâncias. No entanto, sem as datas “[...] que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se veem?” (BOSI, 1992, p. 19). Como ponto de partida, as datas surgem como direcionamentos para a leitura das temporalidades que constituem os movimentos das sociedades no mar da história.

As datas se constituem então como balizas para pensar os conteúdos sociais presentes nas temporalidades da memória social. Tais temporalidades se inscrevem nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, que transformadas pelo trabalho no garimpo, trazem as cicatrizes dos processos históricos do lugar. Os caminhos construídos pela atividade garimpeira tornaram-se trilhas e mirantes para a contemplação das paisagens. A Figura 3 mostra um dos mirantes encontrados no percurso para a Rampa do Caim, um lugar de memória⁴ pleno de significados nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, que instiga a imaginação de quem por ali passa.

⁴Proposto por Pierre Nora (1993), o conceito de lugar de memória está relacionado a lugares que tem como função primordial estabelecer um elo entre o passado e o presente, considerando a necessidade da preservação das memórias coletivas em lugares como museus, arquivos e bibliotecas. Todavia, outros lugares não mencionados pelo autor podem constituir-se em lugares de memória, pois a história de vida e a memórias dos sujeitos sociais são intensamente relacionados a esses lugares.

Figura 3 –Mirante na trilha da Rampa do Caim, Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Compreende-se que a análise integrada das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa consiste numa leitura pautada na indissociabilidade entre as relações, fenômenos e processos sociais e naturais que a constituem. Essas premissas convergem para a desconstrução da leitura dualista que tradicionalmente impera na análise da dimensão sociedade natureza, clássica na Ciência Geográfica. Propõe-se reconhecer o humano como expressão da natureza que permite interpretar os sentidos, os signos e os significados inscritos na paisagem.

A leitura da paisagem está pautada tanto na análise dos seus aspectos físicos, quanto na sua dimensão social e humana. As múltiplas representações construídas pelos sujeitos sociais em relação às paisagens permitem compreender a Geografia que lhe é intrínseca. Desse modo, os rios (Figura 4) se configuram como elementos emblemáticos na natureza e na vida das pessoas que com eles estabelecem vínculos de pertencimento e afetividade.

Figura 4 –Trecho do alto curso da bacia do Rio Coisa Boa.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

É nessa perspectiva que Leite (2001) discute os conteúdos sociais das águas dos rios e suas influências na configuração das paisagens e na vida dos sujeitos sociais que com elas se relacionam. No âmbito dos sujeitos e da paisagem, infere-se que as relações sociedade natureza se apresentam em múltiplas vertentes analíticas para a leitura do processo de produção socioespacial. A pluralidade de sentidos, representações e perspectivas dos sujeitos sociais se concretizam nas paisagens, impregnando-as de memória, valores e significados humanos, o que torna essencial reconhecer o espaço como processo, meio e condição das relações sociais. A produção do espaço transcende a esfera estritamente econômica das relações sociais, uma vez que a esta é intrínseca à (re)produção da vida humana em sociedade, que expressa nas paisagens as memórias, os símbolos e as representações dos sujeitos sociais envolvidos nesse processo.

O presente estudo considerou o vínculo de pertencimento dos sujeitos sociais com as paisagens que integram a bacia do Rio Coisa Boa, associado à utilização de recursos da Cartografia para a análise socioambiental do recorte espacial em questão. A proposta buscou a aproximação entre os conceitos de paisagem, lugar, memória social e representações e a dimensão sociedade natureza como premissa fundamental para compreender a Geografia da bacia do Rio Coisa Boa.

Considerando as potencialidades e limitações de cada abordagem metodológica elencada, buscou-se compreender, à luz das categorias paisagem, lugar, memória social e representações, a Geografia da bacia do Rio Coisa Boa. A análise parte do princípio que

Cartografia e Geografia são indissociáveis na leitura do espaço, pois o mapeamento das paisagens por meio das representações cartográficas se constitui como um instrumento metodológico essencial para sua análise integrada.

As reflexões em torno da relação sociedade natureza possibilitam uma melhor compreensão dos processos naturais, históricos e sociais que as regem. Tais relações foram se transformando ao longo dos diferentes contextos espaciais e históricos, ocorrendo de forma conflituosa, uma vez que os recursos naturais e os ambientes têm sido explorados de forma predatória, o que compromete seu equilíbrio ecodinâmico (TRICART, 1977).

Elencou-se como fio condutor das análises, a leitura integrada da paisagem considerando a perspectiva da memória social e das representações. Buscou-se uma aproximação entre o método sistêmico, pautado na Teoria Geral dos Sistemas (TGS) e o viés fenomenológico. Além disso, destaca-se, também, a Cartografia como instrumental metodológico essencial, uma vez que as representações cartográficas permitem uma melhor compreensão da espacialidade das reflexões suscitadas.

É imperativo reconhecer que, embora a pesquisa científica tenha o propósito de analisar e tecer explicativas sobre a realidade, nenhuma ciência, ou abordagem metodológica detém o estatuto de verdade absoluta sobre esta. A realidade é una, complexa e em permanente transformação. As distintas áreas do conhecimento científico e as diferentes abordagens metodológicas apresentam vertentes e possibilidades calcadas em suas próprias epistemologias, filiações teóricas e objetos de estudo, que por intermédio de arcabouços teóricos próprios, permitem analisar a realidade.

Parte-se do princípio de que nenhuma investigação científica é neutra, uma vez que é imbuída das representações e perspectivas de mundo do pesquisador, que em última instância, também, é um sujeito social integrante da sociedade. Minayo (2000) enfatiza que nenhuma das matrizes de pensamento detém o monopólio de apreensão total e completa da produção do saber. Convém sublinhar que os diferentes métodos existentes apresentam possibilidades para a compreensão da realidade, em suas múltiplas nuances, portanto, nenhum deles pode ser qualificado como melhor que outro.

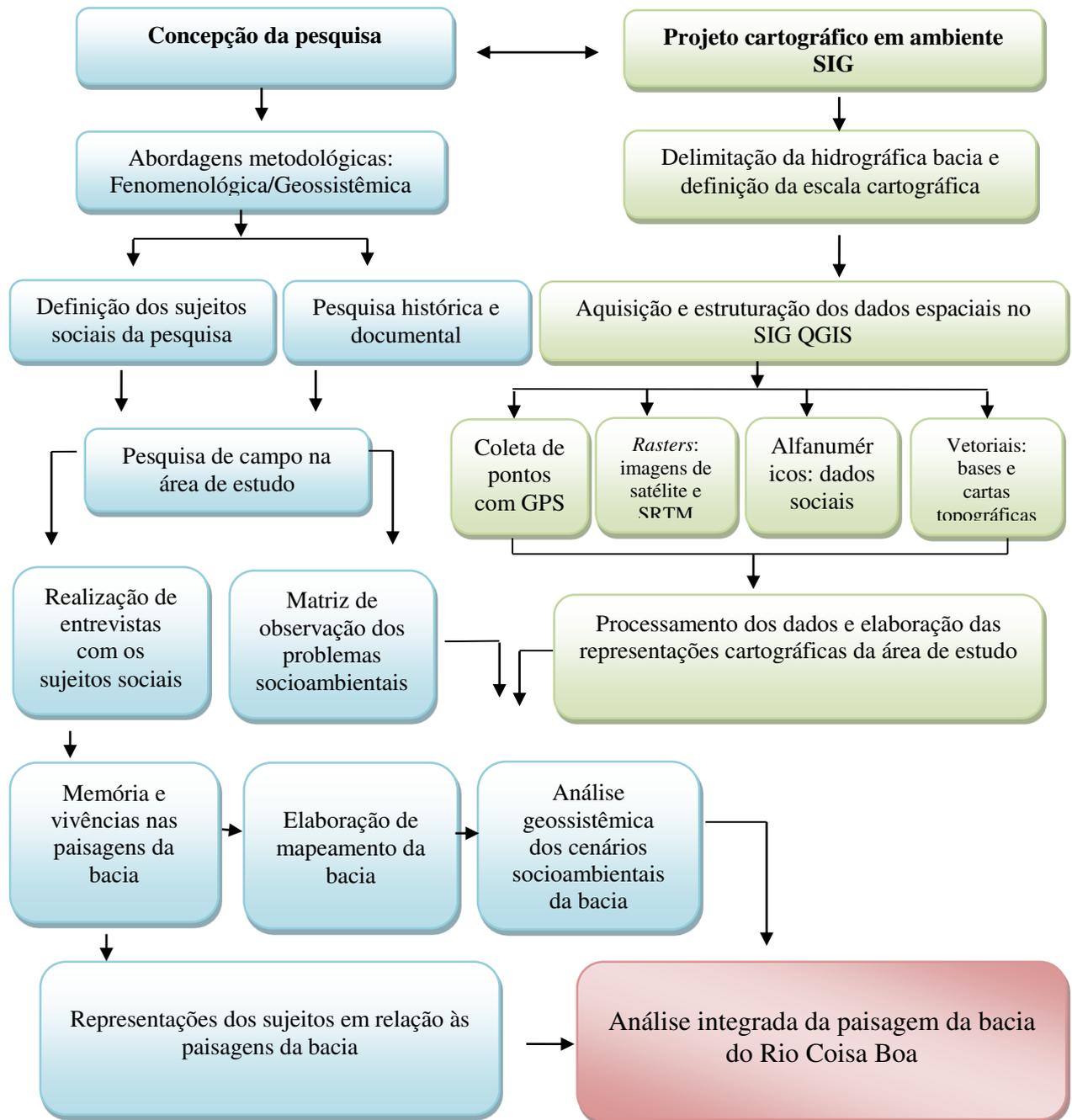
Compreende-se, também, que a abordagem metodológica pautada num viés de análise qualitativo é o que melhor se adéqua as questões delineadas na pesquisa. Contudo, isso não implica em negligenciar seus aspectos quantificáveis, pois, entende-se que sua análise é imprescindível, visto que os fatores quantitativos dão suporte a análise e interpretação da realidade.

No que concerne à abordagem sistêmica, Capra compreende que esta considera a realidade em termos de relações e totalidade. Para o autor, “[...] os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores. Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas” (CAPRA, 1997, p. 260). Para além das proposições de Capra, autores como Bertrand (2004) e Sotchava (1977) avançam na aplicação da análise sistêmica na leitura da paisagem.

Em relação à abordagem fenomenológica, concorda-se com Holzer (1997), quando enfatiza que esta é centrada na vivência dos sujeitos sociais, pois trata-se de “[...] uma orientação que não as limite a uma simples sucessão. Ela não se atém a estudar as experiências do conhecimento, ou da vida, tais como se apresentam na história” (HOLZER, 1997, p.78). O autor considera que a análise fenomenológica parte do princípio da intencionalidade, intrínseca as múltiplas relações sociais cotidianas. Embora seja pouco usual a aproximação entre a abordagem sistêmica e a perspectiva fenomenológica, considera-se que ambas foram essenciais no desenvolvimento do presente estudo.

A abordagem metodológica se constitui como caminho para atingir os propósitos da pesquisa com o objetivo de construir explicativas, considerando as singularidades da realidade em questão. No que se refere aos procedimentos pertinentes à estruturação da pesquisa, o organograma exposto na Figura 5 apresenta-os de forma sintética.

Figura 5 - Organograma da metodologia da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O organograma evidencia a concepção da pesquisa e a articulação entre os procedimentos técnicos da sistematização do projeto cartográfico, as pesquisas de campo, a realização de entrevistas⁵ e a análise da memória social e das representações. A convergência

⁵Em termos metodológicos, optou-se por preservar a identidade dos sujeitos sociais entrevistados, atribuindo a eles nomes fictícios. Tal procedimento, além de resguardar o anonimato, possibilita mais liberdade e fluidez nas análises. Para compreender melhor os sentidos presentes nas narrativas, identificou-se a idade e o lugar social de cada entrevistado. Além disso, buscou-se adequar a escrita ao modo como os sujeitos sociais falavam.

dessas fontes e procedimentos tornou possível uma aproximação entre os saberes que constituem a leitura da paisagem.

O arcabouço teórico-conceitual pautou-se, principalmente, em autores que vêm se debruçando sobre as reflexões delineadas na pesquisa. Desse modo, no que se refere a análise geográfica, com ênfase na leitura integrada da relação sociedade natureza nas configurações das paisagens, buscou-se suporte nos estudos de Ab'Saber (1994, 2003), Bertrand (2004[1971]), Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2004), Maia (2012) e Silva (2016) entre outros.

No que tange à memória e as representações sociais no processo de produção socioespacial, a ancoragem teórica fundamentou-se especialmente em Lefèbvre (1991), Halbwachs (1990), Santos (1978, 2006), Nora (1993), Moscovici (1978), Mendes (2009) e Gondar (2005).

Nos estudos de Moreira (2007) e Sauer (2000) foram encontradas balizas teóricas para a compreensão da relação intrínseca entre a Geografia e a Cartografia na leitura do espaço. Além disso, os estudos de Guerra (2008), Oliveira (2005) e Moraes (2002) subsidiaram as discussões teóricas acerca da aplicação das geotecnologias na análise das paisagens, especialmente no âmbito de bacias hidrográficas.

É provável que a associação entre esses referenciais teóricos, a princípio, tão distintos, cause certo estranhamento. Contudo, a opção por estabelecer um diálogo entre as categorias memória social, paisagem, lugar e representações na leitura das configurações socioespaciais é guiada por um claro propósito: compreender que a análise integrada das paisagens de uma bacia hidrográfica requer a leitura da sua dimensão humana, posto que os sujeitos sociais vivenciam e produzem esse espaço por meio das experiências e da intensa relação com a natureza do lugar. Tal articulação entre as categorias permitiu uma aproximação conceitual e analítica, aqui apresentada.

As reflexões construídas na pesquisa foram estruturadas em cinco capítulos, no primeiro são apresentadas as reflexões introdutórias. No segundo, intitulado Geografia e memória social, discutem-se premissas teóricas referentes à possibilidade de pensar a Ciência Geográfica e sua inextricável relação com a memória e as representações sociais. O terceiro capítulo denominado Leitura integrada das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa – Igatu, Chapada Diamantina – Bahia, apresenta considerações a respeito das análises das paisagens, tendo como eixo norteador as relações sociedade natureza, a indissociabilidade do espaço em relação ao tempo e as representações das paisagens.

No quarto capítulo, que tem como título Paisagem e memória na bacia do Rio Coisa Boa - Igatu, Chapada Diamantina - BA, são discutidas as relações entre a memória social e as

configurações das paisagens da referida bacia. Discute-se, também, os olhares, vozes e silêncios dos sujeitos sociais em relação as suas vivências nesse lugar e, finalmente, nas Considerações Finais, apresenta-se uma síntese das análises realizadas e dos encontrados na construção da pesquisa.

Certamente que a compreensão do significado das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa para a memória e as representações dos sujeitos sociais possibilita uma melhor interpretação da realidade social, contribuindo, desse modo, para uma análise geográfica que busque romper certas dicotomias que fragilizam sua compreensão.

Do encantamento à vivência, e daí à compreensão da realidade social da bacia do Rio Coisa Boa. A Geografia desvela os significados do ser/estar no mundo, ainda que o mundo seja, *a priori*, a realidade que se vivencia, o lugar que tem sentido para nós. É isso que motiva a aprender sempre e compreender a fluidez das coisas e do mundo, como afirmou Heráclito de Éfeso, citado na epígrafe apresentada no início. Eis o desafio.

GEOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

2 GEOGRAFIA E MEMÓRIA SOCIAL

*Que a saudade seja companheira das madrugadas indormidas da memória, a percorrer caminhos que se foram e se perderam através da Geografia que a vida traçou em seu roteiro.
Que a saudade permaneça lado a lado sob o luar imaginário da Chapada a arrastar lembranças pelo chão [...]
Que o tempo a ciranda não desande e seja sua lembrança renovada para a alegria das horas que se vão.*

Fernando Sales

A simplicidade dos versos do autor⁶ convida a pensar sobre as geografias que os sujeitos sociais constroem ao percorrer os caminhos da vida cotidiana nas paisagens em suas múltiplas nuances e temporalidades. As vozes e os silêncios do tempo e da vida imprimem cicatrizes na paisagem, compreendida como herança, em toda plenitude de sentidos implícita na palavra. São paisagens impregnadas de memórias e representações, pois interpretá-las permite compreender a alma⁷ do lugar, de modo a reconhecer o tempo vivo da memória social impressa no processo de produção do espaço.

Ler o mundo pelo viés da Geografia permite compreender as distintas nuances que o processo de produção social do espaço assume no entendimento das questões que afloram na análise do mundo vivido, na constituição de lugares de memória e pertencimento para os sujeitos sociais nas configurações das paisagens.

A análise dos processos socioespaciais é reveladora das diversas faces e perspectivas que afloram sob o olhar da Geografia. A leitura das configurações socioespaciais permite reconhecer o processo de produção do espaço para além da materialidade da produção de mercadorias e da análise pelo viés econômico. Compreende-se que tal processo é intrínseco a existência dos sujeitos sociais, que cotidianamente vivem e produzem espaço, tornando-o meio, condição e produto das relações sociais.

Tal análise implica em reconhecer a centralidade do espaço, em toda sua dinâmica e efervescência, lido na perspectiva das suas categorias: lugar, região, território e paisagem, considerados essenciais para integrar a construção do pensamento geográfico em distintos paradigmas e horizontes metodológicos. Considera-se, ainda, que as reflexões pertinentes as relações sociedade natureza expressa pela dimensão socioambiental são basilares para a Geografia, uma vez que a produção socioespacial é resultado, meio e condição dessas relações.

⁶ Fernando Sales integra a literatura regional da Chapada Diamantina. Poeta, ensaísta e crítico da Academia de Letras da Bahia, nasceu em Andaraí – Chapada Diamantina, em 9 de julho de 1921.

⁷ Para Kozel (2012), compreender a alma do lugar remete a leitura dos significados, sentidos e representações que os sujeitos sociais constroem por meio da relação com esse lugar, preenchendo-lhe de vida e memória.

Esse processo acontece no âmbito das relações sociais do cotidiano, em que os sujeitos vivenciam o lugar e transformam as paisagens, compreendidas como expressão do espaço vivido da reprodução da vida humana em sociedade nos tempos históricos.

As discussões sobre a produção do espaço implicam em abordar o pensamento de Henri Lefèbvre, especialmente, na obra *The production of space (La production de l'espace)* (1991 [1974]), cuja ponderação inicial consiste na proposição do espaço social como produto das relações sociais de (re)produção, e simultaneamente, como suporte dessa condição. O autor sublinha a relevância de pensar o espaço para além da sua dimensão geométrica e absoluta pois para ele, o espaço compreende as relações sociais, e por conseguinte, não pode ser resumido ao simples espaço geométrico, mensurado por leis e equações matemáticas, uma vez que se constitui como o espaço da vida dos sujeitos sociais.

A produção social do espaço para Lefèbvre (1991) é multidimensional, uma vez que envolve o espaço percebido pelos sujeitos e apreendido pelas práticas sociais, bem como as representações do espaço que remetem ao espaço concebido pelo planejamento e pelo pensamento científico e o espaço das representações, remetem à aquele vivido e experienciado pelos sujeitos sociais. Lefèbvre considera, ainda, que

Spatial practice, which embraces production and reproduction, and the particular locations and spatial sets characteristic of each social formation. Spatial practice ensures continuity and some degree of cohesion. In terms of social space, and of each member of a given society's relationship to that space, this cohesion implies a guaranteed level of competence and a specific level of performance [...]. Representations of space, which are tied to the relations of production and to the 'order' which those relations impose, and hence to knowledge, to signs, to codes, and to 'frontal' relations [...]. Representational spaces, embodying complex symbolisms, sometimes coded, sometimes not, linked to the clandestine or underground side of social life, as also to art (which may come eventually to be defined less as a code of space than as a code of representational spaces) (LEFÈBVRE, 1991, p.33)⁸.

As múltiplas dimensões do espaço elencadas por Lefèbvre refletem a complexidade que é intrínseca ao seu processo de (re)produção que ocorre pelas relações entre as interfaces do vivido, do percebido e do concebido. Diante do panorama exposto por Lefèbvre, é pertinente

⁸A prática espacial envolve produção e reprodução, lugares próprios e conjuntos espaciais específicos de cada configuração social, que assegura sua continuidade numa relativa coesão com o espaço. Essa coesão consiste, no que tange ao espaço social e ao modo como cada sujeito de determinada sociedade se relaciona com o espaço, ao mesmo tempo uma competência certa e um nível de performance. Representações do espaço estão ligadas às relações de produção, à “ordem” que elas impõem e, dessa forma, estão vinculadas aos conhecimentos, aos códigos, às relações “frontais”. Os espaços de representação envolvem complexos de simbolismos, relacionados ao lado oculto e subterrâneo da vida social, mas também à arte, (que eventualmente, poder-se-ia definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação) (Tradução nossa).

abordar as proposições de Oliveira (2012, p.21), pois “[...] Analisar a produção de espaços diferentes tem sido um caminho metodológico adotado pela Geografia, como Ciência Social que trata da transformação do espaço pela via do trabalho”, sendo este compreendido na sua condição ontológica na mediação que existe entre a sociedade e a natureza, consideradas fundamentais no entendimento dos processos socioespaciais.

Para Massey, “[...] o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política” (2008, p. 15). A reflexão sobre o mundo vivido constitui-se como premissa elementar à leitura das distintas tessituras sociais que produzem ininterruptamente o espaço e compõe os lugares e as paisagens que têm significado na vida dos sujeitos sociais e prescinde tanto de representações sociais quanto espaciais. Para Moreira, “[...] a geografia lê o mundo por meio da paisagem. A cartografia é a linguagem que representa a paisagem” (MOREIRA, 2007, p. 67). Desse modo, as representações cartográficas se constituem como instrumento para a análise integrada da paisagem por meio da leitura dos processos socioespaciais que se realizam no lugar, partindo do princípio de que o mapa é, também, uma construção social.

No plano das representações espaciais, Moreira (2007) as considera como constituintes do fazer e do pensar geográfico, pois o mapa é o instrumento de análise que melhor expressa a espacialidade das análises geográficas, especialmente por compreender que “[...] O mapa é o repertório mais conspícuo do vocabulário geográfico. E trata-se da melhor representação do olhar geográfico. O mapa é a própria expressão da verdade de que todo fenômeno obedece ao princípio de organizar-se no espaço (MOREIRA, 2007, p. 67). A Cartografia possibilita uma melhor análise geográfica por meio da construção e interpretação das representações sociais que integram os mapas, pois como enfatiza Hissa, o mapa “[...] é compreendido como um texto-imagem-representação, referente a espacialidade das coisas” (2002, p.30).

Mendes enfatiza que “[...] Importa, portanto, o modo como pensamos o espaço e o entendemos, considerando a impossibilidade de compreender a sua produção sem levar em conta a memória e as representações sociais também como instituintes desse processo” (2009, p.44). Para a autora, a análise da memória e das representações sociais permite desvelar as múltiplas vertentes que compõem a produção socioespacial. É imprescindível reconhecer que a leitura do espaço não pode dar-se à revelia dos processos sociais, históricos e culturais que constituem as sociedades na sua relação com a natureza, pois a produção do espaço é paradoxalmente, produto e condição de sua realização. Sobre essa discussão, Santos evidencia que, na análise do processo de produção socioespacial

[...] temos que pressupor, inicialmente, a existência do meio natural que, mediante a ação humana e através do uso da técnica, transforma-o em espaço geográfico. [...] Atualmente, além da técnica e do meio técnico científico, ainda compõe o espaço geográfico o conteúdo técnico-científico informacional (SANTOS, 1988, p. 6).

As reconfigurações socioespaciais, como aborda Santos (1988), ocorrem por intermédio das múltiplas relações entre os sujeitos sociais, e destes com a natureza numa dinâmica complexa e ininterrupta. Sobre essa discussão, Girardi (2008, p.30) afirma que “[...] O espaço social inclui objetos naturais e sociais, os quais são também relações”. Desse modo, as configurações socioespaciais acontecem por meio das relações sociedade natureza, intrínsecas ao espaço. Mariano Neto (1999), ao ponderar sobre a natureza e sua dimensão humana, enfatiza que sua interpretação deve pautar-se na abordagem científica, que tem como cerne, a leitura da realidade. Para ele,

Pensar a natureza e o homem nos dias atuais passa por um caminhar de volta às nossas raízes e nesses passos encontrarmos com a natureza primeira, transportados pela produção cultural de uma comunidade, seu imaginário e sua percepção, só será possível se enveredarmos pelas trilhas de uma ciência do povo calcada na tradição, na memória e na realidade da existência, como também pela interpretação do que vemos (MARIANO NETO, 1999, p.16).

Com efeito, a leitura da relação sociedade natureza é por demais complexa para que uma disciplina científica detenha a palavra final dessa reflexão. No entanto, a Ciência Geográfica em sua plenitude permite ao pesquisador um olhar integrado das múltiplas vertentes que constituem essa relação.

Convém abordar a reflexão acerca da natureza que implica em uma discussão ampla sobre sua própria dinâmica na perspectiva da totalidade sistêmica, uma vez que a particularização dos espaços naturais remete ao ambiente, como recorte de ação e vivência dos sujeitos sociais. De acordo com Suertegaray (2011), a leitura sobre o ambiente parte de uma abordagem distinta do que se tem colocado nas vertentes tradicionalistas da Geografia, pois enfatiza que este

[...] reveste-se de uma concepção para além de seu entendimento como meio externo ao homem, ou seja, Natureza. Ambiente é a inter-relação do ser com seu entorno, em que as derivações provocadas pela sociedade no entorno (natural ou construído) promovem neste, transfigurações que poderão afetar a vida humana (SUERTEGARAY, 2011, p.19).

Suertegaray afirma que a discussão sobre o ambiente não pode ocorrer à revelia dos processos e dinâmicas sociais, pois estes se constituem como dimensões intrínsecas da realidade

na análise socioambiental. Ao discutir essa relação, Lustoza (2006) ressalta que o entendimento em torno das relações sociedade natureza, expressas na questão ambiental “[...] passa pelo conhecimento do processo de produção do espaço, uma vez que a devastação do planeta pela técnica leva o homem a pensar na produção do espaço de forma também técnica” (LUSTOZA, 2006, p.28).

Em outra concepção, ao analisar a relação sociedade natureza, Kozel convida a pensá-la por intermédio dos sentidos e significações construídas pelos sujeitos sociais: “[...] Em busca dos significados e da inteireza nas análises das paisagens, pensando a natureza por meio do olhar, cheiros e sons ressaltamos a necessidade da busca pela alma do lugar” (KOZEL, 2012, p.76). O ambiente é apropriado material e simbolicamente pelas relações construídas pelos sujeitos sociais com o lugar que vivenciam. Essa apropriação ocorre pela via dos sentidos e da percepção humana.

Cosgrove reitera a discussão ao enfatizar a dimensão sociedade natureza como unidade, uma vez que para ele “[...] As duas partes desta unidade são mediatizadas através da produção humana, que reproduz a natureza enquanto ambiente humano e os seres humanos enquanto seres sociais” (1983, p.3). O autor compreende ainda que o modo de produzir, de vivenciar e representar são também “[...] um modo de vida, apoiado no mundo material por seres humanos intencionais” (COSGROVE, 1983, p.3). Logo, compreende-se que os homens e mulheres constituem, em última instância, como expressão da natureza, em sua relação com a sociedade.

Diante da complexidade que é inerente à discussão sobre as questões de cunho espacial, Santos (2006) adverte que o espaço é concebido como uma construção humana, produzido por meio da relação sociedade natureza. A leitura da produção do espaço suscita, então, outras categorias da análise geográfica que derivam dessa discussão, como enfatiza o autor, por meio da compreensão do espaço,

[...] como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo (SANTOS, 2006, p.22).

As categorias analíticas internas citadas por Santos constituem-se como premissas relevantes para a compreensão das questões acerca das múltiplas perspectivas das (re)configurações espaciais, no âmbito das relações sociedade natureza em diferentes temporalidades históricas e vividas.

A análise geográfica tem como cerne as múltiplas manifestações da espacialidade, dimensão intrínseca à condição humana em todos os tempos e lugares da vida. Essas relações socioespaciais atribuem à paisagem uma dimensão humana, na qual se justapõe tempos plurais. Ao refletir sobre essas temporalidades, Santos pondera que a paisagem é um “[...] palimpsesto onde, mediante acumulações, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro” (SANTOS, 2006, p.67). É nessa justaposição de tempos, que o ontem, o hoje e o amanhã se concretizam na paisagem, preenchendo-lhe de memórias e representações para os sujeitos sociais que a vivenciam e constroem cotidianamente.

As heranças dos tempos no lugar imprimem rugosidades, que segundo Santos apresentam-se como formas do espaço construído, repletos de conteúdos sociais que marcam as paisagens, do “[...] que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 2006, p.140). Na mesma direção, Ribeiro compreende que

O conceito de rugosidade refere-se à concepção do espaço como acúmulo de tempos, ou seja, enfrenta os enigmas teóricos relacionados à indissociabilidade entre espaço e tempo. Da mesma forma, este conceito valoriza a historicidade que conforma a espacialidade, que é por ela expressa e contida (RIBEIRO, 2012, p.68).

A discussão acerca das rugosidades permite pensar o espaço sob o prisma das múltiplas temporalidades nele inscrita. Distintas manifestações da espacialidade se concretizam no tempo, como um palimpsesto, reescrito incessantemente pelos movimentos da história, no espaço e no tempo. Silva apresenta uma discussão sobre unidade e multiplicidade do espaço, e afirma que

[...] representamos e simbolizamos espaços e tempos unos e múltiplos. Segundo esse raciocínio, o lugar espacializado, territorializado, traduz a concretude do tempo. Tempo, lugar, espaço, território, trabalho, estão anelados, sobrepostos, envolvidos nas relações simbióticas necessárias à existência de cada um deles (SILVA, 2004, p. 16).

É certo que a diversidade de questões de natureza geográfica manifesta-se em amplos contextos discursivos, além de abordagens metodológicas distintas. Com esse entendimento, Moraes enfatiza: “[...] Em meio a essas múltiplas manifestações vão sedimentando-se certas visões, difundindo-se certos valores. Enfim, vai sendo gestado um senso comum a respeito do espaço. Uma mentalidade acerca de seus temas. Um horizonte espacial, coletivo” (MORAES,

2005, p. 32). Os horizontes espaciais apresentados por Moraes tornam-se preâmbulos para a construção de múltiplos saberes sobre o espaço. Convém, abordar a concepção de Mendes, ao refletir sobre a memória e as representações sociais no espaço, pois considera

[...] a configuração de memórias e representações espaciais é historicamente determinado e acaba por moldar e direcionar as ações humanas, dando sentido às suas práticas sociais. Tais questões são importantes para que se compreenda melhor como os saberes sobre o espaço se instituem e como se processa o movimento de permanências e rupturas acerca desses espaços na esfera da memória (MENDES, 2009, p.45-46).

Pensar a produção do espaço, considerando a dimensão da memória vai muito além de reconhecer a indissociabilidade da relação espaço tempo na Geografia, pois a memória social pode ser concebida como a escrita do tempo, apropriado social e historicamente pelos sujeitos, em fagulhas de vida e experiências que integram os múltiplos sentidos a compor a identidade social dos sujeitos que vivenciam o lugar, que se traduz na natureza, na paisagem, e no ambiente.

A pesquisa em memória social está calcada no desafio de ler o passado por intermédio das inquietações, narrativas, olhares e representações do presente, numa intersecção entre tempos distintos. De acordo com Andrade, as memórias são registros experienciados que partem das recordações e eternizam lugares “[...] como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções” (ANDRADE, 2005, p.36). Os tempos e os significados dos lugares florescem como possibilidade da interpretação por meio das narrativas dos sujeitos sociais.

A leitura da narrativa, que é o livre curso da memória, permite desvelar as representações sociais, os símbolos, os significados e os significantes que constituem a memória social no processo de construção da identidade do espaço, lido sob o prisma do lugar e da paisagem, pois, como afirma Halbwachs (1990), toda memória social é circunscrita numa dimensão tempo e espaço.

Singrar a imensidão dos mares da memória social e das representações só é possível por meio da interpretação da narrativa, que toma forma em palavras, olhares, silêncios, lembranças e esquecimentos experienciados por quem narra. É quando o tempo vivido se transforma na memória em que se desenham os múltiplos significados e sentidos intrínsecos às vivências dos sujeitos sociais. Narrar a vida e o tempo em Igatu integra o sentimento de pertencer ao lugar, onde a memória dos sujeitos sociais se confunde com as histórias do lugar, alimentando, assim, as relações de ambientalidade.

Moreira (2007) aborda as discussões que envolvem a ambientalidade dos sujeitos sociais em relação ao espaço que vivenciam, pois esse sentimento traduz a ideia de pertencer a um lugar na perspectiva das significações humanas que permeiam a relação sociedade natureza, que é eivada de sentidos, memória, símbolos e representações sociais.

O autor enfatiza ainda, que “[...] O espaço surge da relação de ambientalidade. Isto é, da relação de coabitação que o homem estabelece com a diversidade da natureza. E que o homem materializa como ambiência, dado seu forte sentido de pertencimento” (MOREIRA, 2007, p. 64). Compreende, ainda, que este sentimento de pertencer identifica-se no enraizamento cultural, que surge da identidade com o lugar, por intermédio do enraizamento territorial a que tudo isto implica.

Vivenciar o lugar ultrapassa a simples contemplação e, para Moreira (2007, p. 60), “[...] Ocupar um lugar no espaço tornou-se, assim, o termo forte na nova espacialidade”, pois, a compreensão do mundo pelo prisma do espaço implica em reconhecê-lo como um *constructo* socialmente produzido e apropriado pelos sujeitos sociais no ir e vir da vida cotidiana. Alicerçado nessas premissas, Santos (2006, p.314) considera que “[...] Cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, uma vez que estes “[...] se criam, se recriam e renovam, a cada movimento da sociedade” (2006, p. 25).

As formas espaciais são *constructos* históricos e sociais, posto que a espacialidade no lugar é condição e produto dos movimentos das sociedades humanas, marcada por símbolos, representações e memórias. Nessa direção, Holzer (2000, p.111) é enfático ao afirmar: “[...] Qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória, uma vez que as significações humanas são imbricadas à relação espaço tempo”. Pensar a produção social do espaço no lugar, considerando o viés da memória, torna possível compreender como esse processo é intrínseco aos tempos e as representações humanas, especialmente nas relações entre os sujeitos sociais e o lugar que vivenciam.

O espaço, lido na perspectiva da categoria lugar, é por excelência, uma construção humana, complexa e dinâmica, em permanente transformação. Como pondera Massey (2008, p.29), o espaço “[...] jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias até agora”. Refletir sobre essa natureza dinâmica das reconfigurações socioespaciais, tão enfatizada por Massey, possibilita reconhecer sua amplitude, posto que, se trata de um processo ininterrupto e complexo, repleto de nuances e possibilidades analíticas.

Por meio dessas ponderações, considera-se que a análise geográfica deve preconizar o processo de produção do espaço como produto da dinâmica das relações sociedade natureza em

temporalidades distintas e contextos socioespaciais complexos. Compreende-se que tal relação é dinâmica, permeada de sentidos, contradições, significados e conflitos, com os desdobramentos que a regem, e simultaneamente é influenciada pelo processo de produção do espaço.

De acordo com Santos (1978, p.122) “[...] o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. Dessa forma, as formas de interação entre os processos e relações sociais com as dinâmicas da natureza se materializam em paisagens e lugares complexos e distintos, repletos de heranças culturais, históricas, naturais e sociais.

A compreensão desses alicerces teóricos, no que diz respeito à relação entre Geografia e Memória social conduz a elencar outras categorias de análise para evidenciar a relação intrínseca que se estabelece entre a memória social e as representações no processo de produção socioespacial.

Considera-se que a relação entre as categorias Paisagem, Lugar, Memória social e Representações se encontram, por sua vez, imbricadas, compondo um horizonte analítico para pensar/fazer Geografia, pois permitem decifrar a espacialidade que atravessa o cotidiano dos sujeitos sociais, diante das relações socioambientais que são intrínsecas ao processo. Desse modo, o propósito da discussão a seguir é o de abordar algumas balizas teóricas pertinentes à relação entre as categorias Paisagem e Representações.

2.1 Entre paisagens e representações

Sente-se na amplidão da paisagem, na agressividade de sua beleza, (...) a força telúrica de um mundo construído em épocas remotas pela violência incontida de todos os elementos naturais. Existiram. Viveram. Lutaram. Sofreram. Amaram e se odiaram na paisagem [...].

Walfrido Moraes

A multiplicidade do olhar geográfico ao desvelar-se sob o prisma da memória e das representações torna possível vislumbrar novas abordagens para a compreensão da paisagem e do lugar no encontro inevitável da memória com a Geografia. As palavras de Moraes, escritas no prefácio da terceira edição de Jagunços e Heróis⁹, foram evocadas para que o leitor sinta-se

⁹ Esta obra possui grande relevância na Literatura Regional da Chapada Diamantina. Publicada originalmente em 1963, Walfrido Moraes, político, jornalista, professor, escritor e intelectual do século XX, apresentou neste livro, o cotidiano das sociedades em histórias romanceadas da época dos coronéis no auge do garimpo nas regiões de extração do diamante na Chapada Diamantina.

instigado a enveredar por esse desafio de romper as fronteiras do pensamento para uma melhor compreensão da geograficidade que, indubitavelmente, perfila o entendimento de ser e estar no mundo.

É nessa perspectiva que as leituras sobre a memória social e as características socioambientais dos lugares tornam possível uma melhor compreensão da multiplicidade das paisagens. Lima e Alencar afirmam que as configurações das paisagens, intrínsecas as dinâmicas dos sistemas ambientais “[...] dificultam e às vezes inviabilizam o emprego de um referencial geográfico fixo para a construção de uma memória sobre o lugar” (LIMA; ALENCAR, 2001, p.20). Desse modo, seria possível refletir sobre como o ambiente de uma determinada bacia hidrográfica pode influenciar a memória social na compreensão das múltiplas nuances da paisagem. Um pensamento disciplinar e estanque dificilmente responderia essa discussão de forma afirmativa.

No entanto, compreende-se que, ao considerar o universo empírico de análise do presente estudo, a bacia do Rio Coisa Boa, na Chapada Diamantina, a compreensão da realidade não poderia dar-se de outro modo, tendo em vista que as transformações das paisagens da bacia se concretizam tanto em sistemas socioambientais complexos, quanto nas memórias e representações sociais dos sujeitos que a vivenciam no contínuo processo de produção do espaço nesse lugar tão pleno de memórias e significados. Pensar a relação entre as representações sociais e a paisagem significa apreender a pluralidade de sentidos, códigos e memórias que lhe são intrínsecas. Ao ponderar sobre a multiplicidade da paisagem surge a reflexão acerca do palimpsesto, que, para Pesavento corresponde a

[...] uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos os séculos de VII a IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis [...] (PESAVENTO, 2004, p.26).

A *prima facie*, à definição inicial de palimpsesto causa certo estranhamento quando associada à leitura da paisagem. No entanto, Santos (2006) compreende que decifrar as nuances da paisagem a evidencia como um palimpsesto, prenhe de memórias de um passado que se presentifica e a transforma em precioso instrumento de trabalho para o geógrafo, uma vez que permite revisitá-lo numa perspectiva de conjunto e totalidade. Essa aproximação primeira,

embora seja evidentemente metafórica, permite vislumbrar indícios de um horizonte fértil em possibilidades para interpretar a paisagem, pois como afirma Pesavento,

Há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou, mas que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (PESAVENTO, 2004, p.26).

A metáfora do palimpsesto evidencia a acumulação dos vestígios de historicidade deixados pelo tempo, que se estende ao plano das recordações, dos significados, das rupturas e permanências na paisagem. Pois esta, assim como a memória, se constitui como expressão do encontro entre o passado, o presente e o futuro numa intersecção entre esses tempos plurais. As paisagens trazem consigo a herança dos tempos e evidenciam a historicidade inscrita no espaço, uma vez que nelas existem distintas nuances da espacialidade em tempos plurais e complexos. Concorda-se com Ab'Saber ao reconhecer a paisagem como herança, em suas significações múltiplas, posto que, “[...] Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB’SABER, 2003, p.9).

A ideia de herança na leitura da paisagem implica em conceber a indissociabilidade da relação espaço tempo. Convém discutir a apreensão da paisagem pelos sentidos e sua relação ontológica com o lugar, o território e o espaço, pois, segundo Silva (2004, p. 117), “[...] a paisagem tem ‘o apresentar-se’ que os sentidos apreendem, mas tem uma essência que só o entendimento explica. O conteúdo da paisagem confunde-se com o conteúdo dos lugares, do espaço, do território. Isso porque nenhuma dessas instâncias separa-se na sua essência”.

Pensar a essência das paisagens torna possível compreender o conteúdo geográfico que lhe é peculiar. Silva (2016) reconhece a paisagem como nuance do espaço vivido e da cultura dos povos que a habitam, pois compreende que as práticas sociais exercem uma significativa influência na configuração das paisagens. Há uma relação notável, embora pouco estudada, entre as transformações da paisagem, a memória social e a identidade cultural do lugar. A amplitude da paisagem é referendada por Saramago (1999, p. 129), ao considerar: “[...] o que há mais na terra, é paisagem. Por muito do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda”. Nesse intenso e

inacabável refazer-se da paisagem e dos sujeitos sociais é possível vislumbrar os múltiplos horizontes analíticos para a compreensão da paisagem geográfica.

As paisagens se constituem também como espaços para a vivência cotidiana, “[...] tendo funções multireferenciais, são fontes de contemplação e inspiração de alimentação da memória cultural, além de constituir um suporte para as identidades locais e regionais” (SILVA, 2016, p.223). Evidencia-se, desse modo, a relação entre memória, identidade e paisagem, posto que integra a dimensão do espaço vivido dos sujeitos sociais. De acordo com Sampaio (2006, p. 29), “[...] a paisagem é representação, não se esgota, reproduz-se, regenera-se, renova-se tal qual as sociedades”.

A paisagem, dessa forma, transcende o olhar, pois alimenta múltiplas experiências simbólicas dos sujeitos sociais no espaço que pode ser lida, percebida e vivida, simultaneamente. Sampaio (2006) enfatiza que as nuances da paisagem “[...] se revelam por meio das funções sociais que lhes são atribuídas ao desenrolar da história. As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios” (SAMPAIO, 2006, p.29). Os sujeitos sociais imprimem seus traços culturais à medida que constroem laços identitários com a paisagem que experienciam em suas representações, memórias e práticas sociais no cotidiano. Sobre essa reflexão, Cabral afirma

[...] cada paisagem tem seu próprio conjunto e contém significados específicos para nós. Não obstante, qualquer paisagem é diferente e ao mesmo tempo possui similaridades com outras, pois além dos atributos e formas comuns, nós a vemos através dos mesmos olhos e preconceitos (CABRAL, 2000, p.39).

Os significados contidos na paisagem são apreendidos de formas distintas por cada sujeito social que com ela estabelece vínculos de pertencimento e identidade. Certamente, as experiências simbólicas dos sujeitos em relação às paisagens possibilitam compreender o sentimento de pertencer ao lugar, uma vez que as representações construídas por estes compõem suas práticas espaciais tornando-se prefácios da geograficidade que permeia o sentimento de ser e estar no mundo.

Apreende-se que as referências espaciais se sobrepõem na dimensão do mundo vivido, numa dinâmica que ultrapassa a simples relação de conter ou estar contido. A imbricação entre as categorias espaço, paisagem e lugar traduz os entrecruzamentos, encontros e composições que as integram. Para Cabral (2000), a paisagem emerge como campo de significação plural em representações, sentidos, conflitos e interesses distintos.

A paisagem se constitui, ainda, como herança dos desencontros precisos entre os vertiginosos tempos da memória e do lugar diante dos conflitos, sentidos, tensões e significados que marcam a relação sociedade natureza. Convém enfatizar que a paisagem é, também, social, resultado e condição das práticas sociais sobre a natureza, obra dos sujeitos sociais a transformar o ambiente, uma vez que “[...] Neste espaço construído, a passagem do tempo altera as formas, seja pela destruição das mais antigas, entendidas como superadas, anacrônicas, não funcionais ou suficientemente desgastadas para serem substituídas, seja pela adaptação e composição com novas formas” (PESAVENTO, 2004, p.27).

Essa superposição de formas e conteúdos do passado e do presente compõe o mosaico uno e múltiplo da paisagem. Na tessitura social das paisagens, Abreu tece a relação entre o passado, singularidade e memória do cotidiano do lugar que nela se materializam, tendo em vista que, segundo o autor:

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de memória’, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido a essa procura de diferença. A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado (ABREU, 1998, p.7).

As paisagens, dessa forma, traduzem as concreções dos tempos e os sentidos da espacialidade. Nesse transitar entre tempos diversos surge a possibilidade de revisitar os significados da paisagem em sua íntima relação com os cenários ambientais contemporâneos que compõem a identidade e a memória dos lugares. A compreensão da paisagem como herança torna possível reconhecer os processos históricos, sociais e naturais que lhe deram origem e movimento. Ler a paisagem compreendendo o elo entre passado, presente e futuro, se constitui como premissa básica para sua análise integrada. Para Silva:

A importância de se recorrer ao estudo da retrospectiva das paisagens, como alternativa para se chegar a um diagnóstico atual e integrado, em razão de se identificar e analisar as diferentes etapas de evolução natural e sociocultural de uma paisagem, visando oferecer prognósticos que possam antecipar a visão de diferentes cenários evolutivos das paisagens em diferentes territórios, regiões e localidades (SILVA, 2016, p.216).

O autor destaca a diversidade de enfoques teóricos aplicados nas discussões que envolvem a compreensão das múltiplas nuances da paisagem. Para ele, tais enfoques “[...] têm sido aplicados na interpretação, diagnóstico, planejamento e gestão das paisagens e de seus recursos, sejam eles naturais, socioeconômicos e culturais” (SILVA, 2016, p.215). A leitura

integrada da paisagem permite vislumbrar sua relação com a percepção ambiental e a cultura do lugar. Sobre essa reflexão, Oliveira propõe que

As análises sobre a paisagem comprovam que o estudo dos processos mentais relativos à percepção ambiental (formação de imagens mentais, expectativas, julgamentos e condutas) é fundamental para compreender melhor as interações com o meio ambiente e para poder instituir ações transformadas sobre ele [...]. Assim, a paisagem está ligada à cultura do lugar [...] (OLIVEIRA, 2005, p.15).

No plano mais conceitual, de acordo com Sauer (2000[1925]), a paisagem é constituída por “[...] um conjunto definido de fatos observáveis que podem ser estudados quanto à sua associação e origem” (SAUER, 2000, p. 61). O autor argumenta que a análise das paisagens se torna científica quando o pesquisador percebe as conexões entre as especificidades da paisagem e suas derivações, de modo a atingir, os conceitos gerais ou relativos a grupos.

Nessa vertente de análise, evidenciam-se as distintas dimensões a serem consideradas na leitura da paisagem sob o prisma da Geografia. Tendo em vista esses pressupostos, Lima (2012) apresenta o dinamismo e a percepção social, consideradas pelo autor fundamentais à análise integrada das paisagens. O autor aborda a complexidade da paisagem geográfica, uma vez que sua leitura é diferente para cada sujeito social:

[...] as diferentes organizações socioambientais passam cotidianamente por um processo de transformação, tanto em função dos mecanismos naturais, como, principalmente, pelos resultantes das atividades humanas. [...] Diferentes formas como os indivíduos, ou grupos sociais, percebem as paisagens. Dada a complexidade das paisagens, a sua percepção difere de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo, conforme o ponto de vista de cada um na leitura dos fatos espaciais (LIMA, 2012, p.47-48).

Reconhecer a dimensão simbólica e humana das paisagens não implica em negligenciar os aspectos geoambientais, físicos e territoriais que a integram. Sua análise é, por excelência complexa, pois, abarca múltiplos elementos do espaço geográfico. Na perspectiva dos sistemas ambientais complexos, Bertrand afirma que há na paisagem uma dinâmica que se materializa nas relações entre os fatores que a compõem. Com esse entendimento, o autor considera que

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 2004, p.141).

Bertrand (2004) discute as descontinuidades objetivas das paisagens em relação a sua delimitação territorial. Segundo o autor, esse procedimento implica num recurso metodológico de aproximação da realidade, pois parte do entendimento de que o processo de delimitação não deve ser considerado como um fim em si mesmo, “[...] mas somente como um meio de aproximação em relação com a realidade geográfica. Em lugar de impor categorias pré-estabelecidas, trata-se de pesquisar as descontinuidades objetivas da paisagem” (BERTRAND, 2004, p.144).

Um olhar mais atento aos postulados de Bertrand possibilita perceber que o autor compreende a paisagem na interface entre o natural e o social. A abordagem de Bertrand privilegia na conceituação de paisagem a visão integrada da dimensão sociedade natureza, em que as relações (re)constroem o próprio espaço geográfico. A análise espacial da paisagem prescinde do estudo das características geográficas do recorte territorial que a constitui. Sobre esse aspecto, Ab’Saber pondera:

A produção de um espaço humanizado não é feita no ar. Muito ao contrário, campos cultivados, cidades e metrópoles, estabelecimentos industriais, rodovias e caminhos são implantados sobre um suporte territorial, ou seja, sobre um suporte físico e ecológico que possui uma compartimentação topográfica, projetando-se por um chão dotado de rochas alteradas, formações superficiais e um mosaico de solos (AB’SABER, 1994, p.31).

As características físico-ambientais influenciam as relações sociedade natureza na paisagem, que para Ross (2006) abarca uma abordagem socioambiental e deve ser intrinsecamente articulada aos fatores sociais, culturais e econômicos do território, pois compreende os elementos naturais e humanos no contexto das interações e das interdependências mútuas. Considerando as premissas da Geoecologia das Paisagens, Rodriguez, Silva e Cavalcanti enfatizam que a paisagem é, a um só tempo natural, cultural e simbólica, posto que, “[...] A paisagem cultural é um objeto concreto, material, físico e factual percebido pelos sujeitos através dos cinco sentidos. Desta forma, é assimilado afetiva e culturalmente pelos homens” (RODRIGUEZ, SILVA; CAVALCANTI, 2004, p. 16).

Ab’Saber (1994) discute que é necessário entender a dinâmica de funcionamento dos fluxos da natureza e toda a sua história e formas de ocupação dos espaços criados pelas sociedades humanas, de modo a viabilizar a previsão dos impactos e a vulnerabilidade dos ambientes no contínuo processo de produção socioespacial. No que tange as reflexões em torno do conceito de vulnerabilidade dos ambientes, Lage et al., afirmam que esta “[...] se mede pela

estimativa dos danos potenciais e exprime a capacidade de resistência das pessoas, lugares, infra-estruturas ou ecossistemas diante de um perigo ou processo” (LAGE, 2008, p. 26).

No contexto de vivência da sociedade em relação à paisagem, é fundamental compreender a diferença conceitual que existe entre fragilidade e vulnerabilidade nas análises socioambientais. A fragilidade ambiental é definida por meio do grau de resistência de uma variável ou conjunto de variáveis ambientais às atividades humanas. A vulnerabilidade ambiental, por sua vez, infere em considerar as fragilidades, somado ao grau de risco ambiental. Nesse sentido, Lima propõe que “[...] um ambiente pode ser classificado como muito frágil, mas pouco vulnerável, caso ele esteja sob proteção integral e sem qualquer risco de uso” (LIMA, 2012, p.53).

As paisagens constituem, também, cenários ambientais que apresentam um limiar de recuperação distinto e variam de acordo com as especificidades do ambiente e da dinâmica da relação sociedade natureza que ali prevalece. Drew argumenta que “[...] cada aspecto de um sistema natural apresenta um limiar para além do qual a mudança imposta se torna irreversível e é necessário estabelecer um novo equilíbrio” (1989, p. 28). O autor considera ainda que para a percepção humana, os sistemas naturais parecem estanques, contudo, a análise revela que estes são moventes e possuem um equilíbrio dinâmico próprio.

As discussões conceituais que integram a Teoria Geral dos Sistemas e as análises geossistêmicas preconizados por Sotchava (1977) e Bertrand (2004[1971]), resultaram no estudo integrado das paisagens, configurando-se como instrumentos metodológicos para o tratamento da temática socioambiental, com a proposição de medidas voltadas ao planejamento ambiental, principalmente, em bacias hidrográficas. Bertrand apresenta o conceito de geossistema, caracterizando-o como

[...] uma unidade dimensional compreendida entre alguns quilômetros quadrados e algumas centenas de quilômetros quadrados. É nesta escala que se situa a maior parte dos fenômenos de interferência entre os elementos da paisagem e que evoluem as combinações dialéticas mais interessantes para o geógrafo. Nos níveis superiores a ele só o relevo e o clima importam e, acessoriamente, as grandes massas vegetais. Nos níveis inferiores, os elementos biogeográficos são capazes de mascarar as combinações de conjunto. Enfim, o geossistema constitui uma boa base para os estudos de organização do espaço porque ele é compatível com a escala humana (BERTRAND, 2004, p. 13-14).

O geossistema pode ser considerado como universo empírico viável para a análise geográfica uma vez que a leitura integrada das paisagens com o aporte metodológico da análise

geossistêmica torna possível compreender a produção do espaço na perspectiva da dimensão socioambiental. Partindo desses princípios, Christofolletti enfatiza que,

Embora o geossistema seja composto por elementos topográficos, biogeográficos, hidrológicos, pedológicos e dinamizado pelos fluxos climáticos, a análise do geossistema processa-se num nível estruturado de grandeza hierárquica, que não se confunde com o campo de ação da Geomorfologia, da Climatologia, da Pedologia, da Hidrologia e da Biogeografia. A organização do conjunto não representa a simples somatória das partes constituintes. A esse âmbito do meio natural deve-se inserir a ação e os fluxos relacionados com as atividades humanas, cuja inserção torna-se participativa tanto nas características como na dinâmica do meio ambiente (CHRISTOFOLETTI, 1989, p. 206).

A experiência de consolidação da percepção teórica acerca do geossistema deve considerar a variabilidade espacial pertinente ao potencial ecológico e a exploração biológica dos ambientes, de modo a analisar a totalidade sistêmica que os constitui, pois “[...] marca o mosaico de unidades de paisagem, suas interfaces e as variações internas dos geossistemas” (LIMA, 2012, p. 37). Tal aspecto evidencia a complexidade que envolve as distintas características do geossistema, considerando os princípios da Geoecologia das paisagens. Tais propriedades são apresentadas por Rodriguez, Silva e Cavalcanti:

- a comunidade territorial: através da homogeneidade na composição dos elementos que a integram, e o caráter de suas interações e inter-relações;
- o caráter sistêmico e complexo de sua formação que determina a integridade de sua unidade;
- o nível particular do intercâmbio de fluxos de substâncias, energia e informação, que determina seu metabolismo e funcionamento;
- a homogeneidade relativa da associação espacial das paisagens, que territorialmente caracterizam-se por um nível inferior, com regularidades de subordinação espacial e funcional (RODRIGUEZ; SILVA; CAVALCANTI, 2004, p. 17).

Portanto, a leitura das paisagens possibilita a compreensão da totalidade sistêmica que lhe é intrínseca. Pode-se considerar as paisagens como geossistemas, uma vez que os elementos individuais da natureza se encontram em estreita relação uns com os outros e em constante interação com a sociedade humana.

Ainda que não se constitua num recorte espacial rigidamente delimitado, a escala espacial do geossistema, a exemplo da bacia hidrográfica, é recomendável para a análise geográfica, uma vez que é compatível com a percepção dos sujeitos sociais na apreensão dos sentidos, representações e vertentes que estão sempre a compor a paisagem. Considera-se que as múltiplas representações das paisagens vivenciadas pelos sujeitos sociais permitem compreender a Geografia que lhe é peculiar.

A discussão sobre o conceito de representações sociais não pode ocorrer de modo dissociado da reflexão sobre a cultura, a memória social e a identidade, pois esses conceitos são intrinsecamente relacionados, fato que inviabiliza sua análise isolada. Jovchelovith (2000) considera que as representações sociais são inerentes a dinâmica do cotidiano dos sujeitos sociais em temporalidades distintas, uma vez que “[...] a mobilidade das interações do presente pode, potencialmente, desafiar tradições estabelecidas, abrindo novos sentidos para as tradições vindas do passado” (2000, p. 176). Desse modo, Moscovici destaca o dinamismo que é imbricado nas representações sociais, assinalando que

As representações sociais são entidades, quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas (MOSCOVICI, 1978, p.41).

Compreender o universo das representações implica em reconhecer a trama de significados tecidos pelas relações que as produzem. Moscovici (1978) questiona a oposição construída acerca do mundo real e do mundo das representações, pois segundo o autor, são dimensões indissociáveis da realidade. Nesse intenso fazer-se, os sujeitos sociais constroem suas trajetórias de vida, em que transitam sentidos e significações diversas. É com essa compreensão que Claval, argumenta: “[...] sem elas (as representações) não se compreende nunca como as coisas são concebidas e quais significados elas têm na vida dos homens” (1999, p. 86). As reflexões que envolvem a memória e as representações sociais possibilitam compreender a realidade socioespacial que permeia o cotidiano dos sujeitos sociais.

Alinhar forma e conteúdo como dimensões inextricáveis da realidade consiste numa possibilidade para uma compreensão mais aprofundada das representações sociais que a integra. Para tanto, é urgente pensar a realidade desvinculando-a do reducionismo que a dicotomiza em objetividade e subjetividade, aparência e essência, o real e a representação. Como pondera Jodelet, “[...] as representações sociais são fenômenos complexos, incitando um jogo de numerosas dimensões que devem ser integradas em uma mesma apreensão e sobre as quais é necessário intervir conjuntamente” (JODELET, 2009, p.695). Assim, considera-se que a leitura das representações sociais e cartográficas se constitui como uma possibilidade de interpretar a realidade, considerando a perspectiva de quem a vivencia/vivenciou num intenso fazer-se, onde, a um só tempo, o espaço é produzido e a vida humana em sociedade se realiza.

Lustoza aborda a coerência entre as representações simbólicas e a dimensão socioambiental que compõe a Geografia vivenciada pelos sujeitos sociais, posto que, segundo

ela, “[...] O espaço contém certas representações de interferência entre às relações sociais – produção e reprodução, que tornam a situação mais complexa. Através da representação simbólica mantêm-se um estado de coexistência e de coesão com a ajuda e sobre o fundo da Natureza” (LUSTOZA, 2006, p.81).

No campo das representações sociais, como elementos que simbolizam o espaço vivido, evidenciam-se as representações cartográficas como instituintes desse processo. O mapa é o instrumental que prefacia a apreensão do espaço geográfico em suas múltiplas nuances: representar cartograficamente lugares, paisagens, territórios e regiões configura-se como manifestação inequívoca da prática dos geógrafos, especialmente por entender que os

Mapas acabam com nossas inibições, estimulam nossas glândulas, mexem com nossa imaginação, soltam nossas línguas. O mapa fala através das barreiras de linguagem; às vezes é reivindicado como o idioma da geografia. A expressão de ideias por meio de mapas nos é atribuída como vocação comum e paixão. Por pouco que um membro de nossa sociedade saiba sobre a atividade de um geógrafo, se ele necessita de informações que requerem um mapa, ele nos chamará. Quando ocorre de geógrafos encontrarem-se onde mapas são exibidos (não importa que tipo de mapas) eles comentam, recomendam e criticam (SAUER, 2000, p. 139).

Representar a paisagem geográfica significa expressar as nuances que constituem sua análise integrada, pois como enfatiza Sauer (2000), as representações cartográficas constituem a própria identidade do pensar e fazer geográfico. Mais do que representar cartograficamente rios, vilas e o relevo que compõe a paisagem, trata-se de mapear os sentidos, as memórias e as representações dos sujeitos sociais que a vivenciam. Isso por que, a um só tempo, o espaço é produzido socialmente, transformando as paisagens e a vida que pulsa no lugar. Norteada por essa compreensão, a discussão em torno das representações suscita a reflexão sobre a leitura das paisagens pelo viés dessa categoria.

Compreende-se que as representações construídas pelos sujeitos sociais expressam a plenitude de memórias e significações humanas que compõem a dimensão espaço temporal e os sentidos de estar no mundo. A perspectiva adotada por nós consiste em compreender as representações cartográficas na interface com as representações sociais, considerando-as como elementos que convergem para a leitura do espaço geográfico. As representações construídas pelos sujeitos sociais no movimento da vida cotidiana em sociedade são intrínsecas as reconfigurações socioespaciais, lidas pelo viés das transformações das paisagens e dos lugares em dimensões espaço temporais plurais.

A leitura das representações cartográficas permite decifrar a espacialidade das relações sociais, pois evidencia a imbricação entre a Geografia e a Cartografia. Moreira (2007) destaca

que o mapa possibilita, dentre outros aspectos, a representação das paisagens, e, por conseguinte, se torna um instrumento para a leitura do mundo sob o prisma da Ciência Geográfica. Refletir sobre as representações sociais presentes nos mapas constitui-se como um viés de leitura do mundo vivido. A leitura do lugar e suas relações com a memória social pode ser intermediada pelas representações das paisagens, pois estas permitem pensar a (i)materialidade da dimensão espaço tempo inscrita na memória e no lugar. Assim, o propósito da discussão a seguir é refletir sobre a articulação entre as categorias lugar e memória social na leitura geográfica da realidade.

2.2 Sobre lugar e memória social

*De que são feitos os dias?
– De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças...*

Cecília Meireles

A análise das paisagens pelo viés do lugar permite decifrar as temporalidades que lhe são intrínsecas. O tempo compõe os dias e os lugares da vida, num acontecer cotidiano impregnado de memórias e representações construídas socialmente pelos sujeitos que vivenciam e produzem espaço no lugar.

Enveredar pelas trilhas da bacia do Rio Coisa Boa e conhecer a memória dos sujeitos sociais que a habitam torna possível compreender a Geografia que pulsa na vida daquele lugar, e vivenciá-lo significa fazer parte da trama de relações, fenômenos e processos sociais, históricos e naturais que transformam continuamente as paisagens que o constituem. Tais paisagens são repletas de lugares de memória que possibilitam mais do que contemplação, permite a leitura das temporalidades expressas na paisagem e na memória.

Pensar o lugar pelo viés da memória social desafia a seguir na contramão do curso do tempo nas fagulhas de vida e lembranças expressas em paisagens vividas pelos sujeitos sociais. Trilhar os sinuosos caminhos da memória é fugir do tempo linear, que teima em seguir no contar incansável das horas. É quando os tempos da natureza e os tempos humanos se encontram frente ao desafio de decifrar os sentidos que impregnam as paisagens e o sentimento de pertencer ao lugar em temporalidades complexas, de modo a dispersar a fina poeira do esquecimento que ali se assentou. Os conteúdos sociais que preenchem o lugar se manifestam em múltiplas relações que convergem em seu modo de estar e representar o mundo vivido presentificado na memória social dos grupos.

As reflexões que envolvem a memória social constituem-se em um campo do saber de natureza interdisciplinar e apresentam-se como perspectivas de análise especialmente instigantes e pouco difundidas no âmbito da Ciência Geográfica. Ao refletir sobre a multiplicidade de sentidos e as possibilidades de diálogo da memória social com outras abordagens de análise, Gondar (2008) considera que esta polissemia, peculiar à memória, que poderia ser seu ponto falho é a sua maior riqueza, pois permite desvendar as diversas nuances da realidade social num movimento contínuo de produção de sentidos e significados que são inerentes à condição humana.

Um olhar sensível em relação aos tempos humanos está ancorado na compreensão de que passado, presente e futuro são dimensões intrínsecas da temporalidade que integra a memória social. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva se constitui como uma construção social dos acontecimentos passados, realizada por meio das condições que os grupos sociais vivenciam no presente. A um só tempo, as recordações do passado comunicam o grupo sobre o seu presente, de forma que o ontem e o hoje se constroem mutuamente ao projetar-se em prefácios do amanhã.

Na obra *A natureza do espaço*, Santos (2006) apresenta um quadro de referência sobre a categoria lugar na Ciência Geográfica. Para o autor, as reflexões sobre o lugar permitem pensá-lo como espaço do cotidiano dos sujeitos sociais, onde se manifestam horizontalidades, conflitos e múltiplos significados. É com essa compreensão que se descerra as perspectivas de análise do lugar, uma vez que o processo de produção do espaço é, também, um processo de reprodução da vida humana no cotidiano dos sujeitos sociais. Santos discute as relações construídas entre o lugar e a vida dos sujeitos, ao ponderar que:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. [...] O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p.322).

É premente considerar o lugar como espaço do encontro e da realização da vida em sociedade, pleno de representações e significados humanos. Santos considera o lugar como produto, processo e condição da mediação entre os sujeitos sociais e a natureza, constituído por processos e relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que viabiliza a construção de

uma rede de significados e sentidos, pois a produção do lugar é intrínseca à produção da vida. Para o autor, “[...] é pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora” (SANTOS, 1992, p.8).

Na concepção de Massey os “[...] Lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado e assim essencial para a geração do novo” (2008, p. 111). É por essa razão que, segundo a autora, “[...] Chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito. [...]” (2008, p.176). Esse foi o sentimento experienciado ao chegar em Igatu: sentir-se acolhida pelo lugar e pelas pessoas que o constroem. Caminhar pelas ruas de pedra da vila e enveredar pelas trilhas da bacia do Rio Coisa Boa possibilitou conectar-se a vida e a memória que impregna as paisagens desse lugar. A construção social do lugar ocorre por meio das relações humanas e operações simbólicas que dão sentido a ele. O olhar poético de Saramago permite vislumbrar o intercâmbio de sentidos que transitam entre os sujeitos sociais e os lugares que experienciam e constroem ao longo da vida. Segundo o autor:

O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar (SARAMAGO, 1999, p.19)

Nesse intenso fazer-se dos homens e dos lugares os tons da espacialidade humana desenham múltiplos sentidos, símbolos e temporalidades nas paisagens do cotidiano dos sujeitos sociais, preenchendo-as de vida e movimento. Por meio da leitura desses espaços sociais evidencia-se a perspectiva dos sujeitos que experienciam o lugar no ir e vir do cotidiano na realização da vida, posto que o espaço “[...] deve ser interpretado para além da dimensão econômica, deve-se vincular também a social e cultural” (MENEZES, 2009, p.35). A autora considera ainda que

Para compreender a dinâmica dos espaços geográficos, os atores e as suas inter-relações, faz-se necessário desvelar emaranhados e tramas organizadas pelos atores sociais, exteriorizadas por meio das ações que envolvem elementos materiais e imateriais no território (MENEZES, 2009, p.38).

O espaço na Geografia é também concebido como um espaço existencial e nele os lugares são compreendidos como porções vividas de memórias, representações, significados e sentimentos. Interpretar o lugar permite vislumbrá-lo em toda sua multiplicidade que se

relaciona com as singularidades ambientais de onde está inserido, considerando a leitura das representações e, sobretudo, “[...] interpretar o valor social a elas agregadas” (ALMEIDA, 2005, p.323).

Por esse viés, convém refletir sobre a pluralidade de sentidos que ressignificam o espaço, transformando-o em lugar, pois os laços de identidade e pertencimento se manifestam na convivência com o lugar e se expressam nas paisagens (ALMEIDA et al., 2011). Entretanto, sublinha-se que os significados desses laços não são marcados somente pela unicidade, mas sim pela multiplicidade de sentidos e valores.

A relação entre memória, identidade e lugar foi abordada por Nora (1993) ao apresentar a discussão sobre os lugares de memória, que podem ser lidos pelo viés da possibilidade de tecer o elo entre passado e futuro para que no presente, a memória social possa ser preservada. Segundo o autor:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais (NORA, 1993, p.7).

Nora considera ainda que esses espaços (lugares de memória) “[...] são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico, funcional [...]” (NORA, 1993, p.21). Os interstícios da memória e das representações sociais se cristalizam no lugar pelo sentimento de continuidade que é peculiar a esta dimensão da vida. Jesuíno sublinha o vínculo emocional que permite a leitura das temporalidades na construção de um lugar de memória, pois para o autor:

[...] Um lugar de memória implica um ritual, uma referência perante um objeto ambíguo, algures entre a memória social e/ou coletiva ou história. É uma ligação forçosamente emocional, motivada, estabelecendo um vínculo de uma continuidade tanto retrospectiva como prospectiva (JESUÍNO, 2005, p.170).

As reflexões em torno dos lugares de memória implicam em validar a importância de registrar seus traços e resquícios, de modo a contrapor-se ao efeito da dinâmica desintegradora, intrínseca aos ventos que regem o tempo presente, delineado pelo olhar apressado e corriqueiro que demanda o cotidiano dos sujeitos sociais na atualidade.

É evidente que um sopro de resistência da memória no lugar não seria suficiente para recuperá-la em toda sua plenitude que acompanha o curso da história no mar dos tempos e da vida. No entanto, o esforço de reconstrução dessas memórias sociais, cada vez mais residuais

aos lugares permite objetar-se a esse movimento de desintegração (NORA, 1993). É quando as nuances das paisagens da memória no lugar assumem outros contornos por meio das cores da aquarela de lembranças e narrativas que a vida, os sonhos, o trabalho e o cotidiano dos sujeitos sociais inscrevem no espaço.

Definir um conceito de memória social tornou-se um desafio teórico conceitual dos mais difíceis, dada a sua natureza polissêmica e transversal nas Ciências Sociais. Com o propósito de refletir sobre a conceituação da memória, Gondar e Dodebei (2005) publicaram o livro intitulado ‘O que é memória social?’. Embora o questionamento presente no título da obra sugira a proposição de um conceito bem delineado e objetivo, as reflexões suscitadas abordam a memória no atravessamento de diversos campos do saber, marcado por significações plurais e fecundações teóricas instigantes. Em 2016, com a publicação da edição especial da Revista *Morpheus*, Gondar apresenta o artigo ‘Cinco proposições sobre memória social¹⁰’, em que reitera a impossibilidade da formulação do conceito de memória nos moldes clássicos do pensamento disciplinar, ou seja, de maneira simples e unívoca, uma vez que

[...] um conceito costuma nos dizer o que alguma coisa é, no presente, no passado e no futuro, a despeito de qualquer mudança. A memória, contudo, nunca é: na variedade de seus processos de conservação e transformação, ela não se deixa aprisionar numa forma fixa ou estável. A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis (GONDAR, 2016, p. 19).

Essas reflexões conduzem a compreensão da memória como um campo de saber marcado pela multiplicidade de discursos e leituras possíveis de serem fecundadas em diversas áreas do conhecimento científico. Tal panorama confere a memória social algumas questões conflituosas de cunho epistemológico, visto que não há fecundação teórica harmônica, e esta não poderia ser diferente. Convém, pensar a memória social no entrecruzamento entre conhecimentos científicos plurais nas relações de concorrência e competitividade que persistem entre os saberes científicos, pois a perspectiva transdisciplinar ainda se constitui num desafio à ciência contemporânea.

Considera-se que as múltiplas interpretações sobre a memória social resultam em abordagens complementares e não antagônicas. Concorde-se com Mendes ao compreender a

¹⁰ De acordo com Gondar (2016) as cinco proposições sobre memória social são: reconhecimento da memória social como campo transdisciplinar, o caráter ético e político da memória social, a memória implica no esquecimento, a memória não se reduz a identidade e por último, a memória não se reduz a representação.

memória como “[...] legítima expressão da experiência coletiva, uma vez que tem o poder de identificar o grupo, conferir-lhe uma identidade peculiar, proporcionar sentido ao seu passado, dar coerência ao seu presente e definir as suas aspirações futuras” (MENDES, 2009, p.53). A análise da autora evidencia o elo da memória com a identidade social dos grupos e o caráter multidimensional dos tempos da memória.

Nas discussões que envolvem a memória é imprescindível apresentar as proposições de Maurice Halbwachs (1990[1950]), autor pioneiro no reconhecimento da memória como *constructo* social. O fio condutor do pensamento de Halbwachs consistiu na ruptura do caráter estritamente biológico e individual da memória, demonstrando os seus aspectos sociais ao argumentar que:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990,p.25).

Esse aspecto reitera a inseparabilidade entre as dimensões individuais e coletivas da memória, pois os sujeitos sociais estão inseridos em diferentes contextos e os processos de construções identitárias não ocorrem de forma isolada. Logo, suas lembranças, sonhos, significados e relações só fazem sentido quando considerados nos contextos sociais que experienciaram ao longo da vida. Para Halbwachs, memória individual e memória coletiva não são mutuamente excludentes, pelo contrário, encontram-se em intensa simbiose, posto que são indissociáveis. De acordo com o autor:

[...] a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças, e talvez não explica por si mesma a evocação de qualquer lembrança. Apesar de tudo, nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram como uma tela de cinema, uma lembrança individual mesmo no caso em que não percebemos. [...] Haveria então, na base de toda lembrança o chamado a um estado de consciência puramente individual [...] admitiremos que se chame de intuição sensível (HALBWACHS, 1990, p.37).

Um olhar acurado acerca da memória social possibilita vislumbrar seu elo com a Geografia, tendo em vista que, segundo Halbwachs, ela é intrínseca as dimensões tempo e espaço. Para o autor, “[...] O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, [...] não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço [...]” (HALBWACHS, 1990, p.143). É possível que uma interpretação superficial do conceito de espaço em Halbwachs esteja inclinada a compreendê-lo meramente como meio

material e estanque. Todavia, uma leitura mais cuidadosa das ponderações do autor sobre o espaço possibilita desvelar que este ao mesmo tempo em que é concreto, traz o sentimento de permanência, é paradoxalmente concebido pelas representações dos sujeitos sociais, tornando-se então, um lugar eivado de pertencimento e identidade para os sujeitos sociais que com ele se relacionam.

Para Mendes, o lugar recebe a marca dos grupos sociais que o vivenciam, e vice-versa, uma vez que as práticas sociais de um grupo podem se traduzir em termos espaciais. Tal proposição, além de reiterada no presente estudo pode ser reinterpretada, pois segundo a autora, mais do que a vinculação a um grupo em relação ao lugar, é possível “[...] pensar na mediação da experiência do vivido como referência da memória, e, nesse caso, a intersecção com o espaço é inevitável” (MENDES, 2009, p.52).

É preciso ter claro que a leitura da memória social não consiste em apenas evocar lembranças, como se estas pudessem ser resgatadas e a memória cristalizada em registros fiéis de acontecimentos passados. Trata-se de interpretar as distintas significações da memória em suas confluências com a dimensão espaço-temporal do cotidiano dos sujeitos no encontro entre o ontem, o hoje e o amanhã. Isso porque a memória atende ao chamado do presente, que, ao evocar um passado próximo ou, por vezes, distante, torna-se cognoscível por meio das narrativas dos sujeitos sociais.

De acordo com Bosi¹¹, o desafio e a riqueza da pesquisa em memória social é transpor a distância temporal que pode existir entre a narrativa e o acontecido, o que considera uma “[...] Experiência sempre muito difícil, devido às transformações ocorridas, sobretudo nas mentalidades. O passado, a rigor, é uma alteridade absoluta que só se torna cognoscível mediante a voz do nosso depoente, nosso narrador” (BOSI, 2012, p.197). A autora discute também a relação entre o passado e a identidade social, pois considera que do vínculo com o passado, que é vital, “[...] se extrai a seiva para a formação da identidade” (BOSI, 2012, p.198). É nesse transitar entre temporalidades distintas que Gondar situa o conceito de memória social, enfatizando o entrecruzamento entre passado, presente e futuro, pois considera que

Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (GONDAR, 2016, p. 25).

¹¹ Entrevista concedida ao professor Dr. Mozahir Salomão Bruck, publicada na Revista Dispositiva na edição de dezembro de 2012.

As ponderações de Gondar permitem compreender a memória social por meio das sobreposições do tempo: passado, presente e futuro entrelaçados, em intensa simbiose. No entanto, mais interessante que o registro do que passou é o olhar dos sujeitos sociais sobre tais eventos, pois a memória, “[...] não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18). A memória torna-se cognoscível ao pesquisador por meio da narrativa, em que o memorialista compartilha sua verdade. Sobre isso, Bosi questiona:

[...] qual versão de um fato deve ser considerada verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes do fato que está sendo narrado. Não temos, pois, o direito de refutar o fato contado pelo memorialista como se ele estivesse no banco dos réus, e dele exigir que nos diga a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, vai nos contar a sua verdade (BOSI, 2012, p.198).

Esse aspecto peculiar não se constitui como uma fragilidade da pesquisa em memória social, uma vez que nenhuma fonte¹² de pesquisa está imune às distorções. Tendo em vista essa questão, Rouso questiona: “[...] como chegar a verdade do passado, se é que isso é possível?” (1996, p.85-86). Assim, as fontes orais, bem como os documentos e os registros iconográficos e todas as demais fontes de pesquisa devem passar por uma criteriosa avaliação por parte do pesquisador, que por meio da confluência entre elas dá sustentação à pesquisa.

Bosi compreende a narrativa como matéria prima essencial das artes do fazer da pesquisa em memória, uma vez que permite conhecer a realidade por meio do olhar e das representações de quem a viveu. Assim, afirma que “[...] Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha” (BOSI, 2012, p.197). No entanto, é preciso ter cuidado, ética e, sobretudo, sensibilidade na interpretação da narrativa, posto que, às vezes, no afã de preencher as lacunas da recordação, o pesquisador atropela silêncios e deixa escapar os significados presentes no discurso. Nas entrelinhas, nas vozes, e especialmente nos silêncios é que os sentidos afloram, pois como afirma a autora:

¹² Rouso compreende como fonte “[...] todos os vestígios do passado que os homens e o tempo conservaram, voluntariamente ou não - sejam eles originais ou reconstituídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo, daqui para a frente, ‘virtuais’” (1996, p. 86).

[...] quando a narrativa dele é hesitante, cheia de silêncio, ele [o entrevistador] não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis (BOSI, 2012, p.197).

Bosi ensina que a teia da memória é constituída por fios sutis e toda sensibilidade é necessária para a apreensão dos significados que compõe o tecido fino da memória social. O que a princípio pode sugerir fragilidade e incerteza é por nós considerado como a singularidade que torna a pesquisa instigante, uma vez que a perspectiva da memória traz consigo o desafio de aproximar-se do tempo passado, pois, como afirma Saramago: “[...] Foi ontem, e é o mesmo que dizemos, foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar” (SARAMAGO, 2005, p.94). É nesse sentido que o viés da memória social permite interpretar a multidimensionalidade do tempo, por meio das nuances do passado com a percepção do presente e o olhar voltado para o futuro.

Reconhecer a relação entre tempo e memória implica abordar o paradoxo existente entre a lembrança e o esquecimento. Tal dimensão evidencia a intencionalidade intrínseca ao ato de recordar, pois como enfatiza Gondar,

[...] esquecer é um ato que se encontra invariavelmente presente em qualquer construção mnemônica. Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento (GONDAR, 2016, p. 29).

Longe do maniqueísmo que define o esquecimento como algo ruim, que a todo custo deve ser evitado, a perspectiva de Gondar o compreende como elemento basilar a toda memória social. Lembrar e esquecer consiste em escolhas, repletas de ideologias, conflitos e intencionalidades que longe de limitarem-se ao plano individual, acontecem em embates e relações sociais, o que reforça o caráter seletivo e conflituoso da memória social.

Tais questões se associam ao personagem principal da crônica *Funes, el memorioso*, criada pelo escritor argentino Jorge Luís Borges. A angústia vivenciada por Irineo Funes consistia na sua incapacidade de esquecer, que o impedia de aprender coisas novas. No entanto, sua memória infalível causava-lhe algum encantamento ou orgulho. Para exemplificar, Borges relata:

Ireneo empezó por enumerar, en latín y español, los casos de memoria prodigiosa registrados por la *Naturalis historia*; Ciro, rey de los persas, que sabía llamar por su nombre a todos los soldados de sus ejércitos; Mitriades Eupator, que administraba la justicia en los 22 idiomas de su imperio; Simónides, inventor de la mnemotecnia; Metrodoro, que profesaba el arte de repetir con fidelidad lo escuchado una sola vez. Con evidente buena fe se maravilló de que tales casos maravillaran¹³ (2004, p.94)

Apesar da sua prodigiosa memória, Funes não era capaz de pensar, aprender, pois “[...] En el abarrotado mundo de Funes no había detalles, casi inmediatos¹⁴” (BORGES, 2004, p.96). Preso nas lembranças infinitas de um eterno presente, a Funes não era permitido esquecer nada, logo, não podia libertar-se, por isso, seu fim foi trágico. A crônica de Borges ao mesmo tempo em que provoca inquietação, instiga para as discussões em torno do paradoxo entre a lembrança e o esquecimento.

O esquecimento é temível quando o concebemos como inimigo da memória, considerando-a apenas como um lugar de coesão e permanência. O personagem borgeano perdeu-se em seu infundável e peculiar mundo de recordações, pois temia o esquecimento. Assim, reitera-se que lembrar e esquecer são complementares, não antagônicos, encontram-se em simbiose na constituição da memória social. Desse modo, decifrar a memória social e as representações nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa significa enveredar pelas lembranças, olhares, vozes e esquecimentos dos sujeitos sociais que vivenciam esse lugar. Interpretar os sentidos dos silêncios implica em compreender o quê, como e o porquê de determinada experiência ter sido silenciada, além dos significados ocultos pelo esquecimento.

O tempo, como as águas de um rio, segue incansável para frente e quaisquer tentativas de aprisioná-lo estão fadadas ao fracasso. As lembranças surgem como possibilidade de viver a sua multidimensionalidade, sem, contudo, frear o compasso das horas e dos segundos. É relevante refletir sobre a dimensão criadora do tempo, atribuindo ao esquecimento as necessárias perdas no processo de construção da memória social. Menezes (2009) discute a relação entre esquecimento, lembrança e narrativa na configuração de referenciais de um passado comum na edificação das identidades dos sujeitos sociais. Para a autora:

A crescente motivação das lembranças registradas na memória expressa o temor pelo esquecimento do passado, surgem motivados pelas transformações

¹³ Ireneo começou a enumerar, em latim e espanhol, os casos de memória prodigiosa registrados pela *Naturalis História*: Ciro, rei dos persas, sabia chamar pelo nome todos os soldados de seus exércitos; Metriades e Eupator, comandava a justiça dos 22 idiomas de seu império; Simónides, criador da mnemotecnia; Metrodoro, que professava a arte de repetir com fidelidade o escutava uma só vez. Com evidente boa fé maravilhou-se de que tais casos (Tradução nossa).

¹⁴ No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos (Tradução nossa).

abruptas e aceleração do tempo, nesse sentido, grupos e indivíduos (re)inventam referenciais esquecidos, adormecidos e silenciados. Assim, o trabalho da memória é a (re)invenção de um passado comum, que oferece a sustentação para que os homens analisem o presente e projetem o futuro, edificando, continuamente, suas identidades (MENEZES, 2009, p.42).

Considerando o contínuo embate entre a lembrança e o esquecimento, Menezes discute a construção das identidades pautadas em referenciais de um passado adormecido que, por meio da memória, amanhece para o presente na perspectiva de edificar a identidade dos grupos sociais com o olhar voltado para o futuro.

Desse modo, compreende-se que a leitura das paisagens pelo viés da memória e das representações torna possível compreender a pluralidade de sentidos, laços identitários, culturas e símbolos que constituem o cotidiano dos sujeitos sociais no processo de produção do espaço, posto que, como ensina Saramago:

Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo (SARAMAGO, 1999, p.19).

O desafio de compreender as relações espaço temporais expressas na paisagem implica, inevitavelmente, em associá-la a memória social e as representações. A paisagem se apresenta como um palimpsesto, um enigma a ser decifrado para a compreensão da realidade e sua leitura integrada consiste em analisar as dinâmicas socioambientais que a constituem. Partindo da bacia hidrográfica, como recorte espacial e referência empírica de análise da paisagem, o tópico seguinte tem como propósito apresentar algumas balizas teóricas pertinentes a dimensão socioambiental das paisagens em bacias hidrográficas.

2.3 Dimensão socioambiental das paisagens em bacias hidrográficas

Nunca o homem inventará nada mais simples nem mais belo do que uma manifestação da natureza. Dada a causa, a natureza produz o efeito no modo mais breve em que pode ser produzido.

Leonardo da Vinci

Pensar a bacia hidrográfica do Rio Coisa Boa como um espaço vivido e apropriado pelos sujeitos sociais que tem a vida e a memória atrelada às paisagens do lugar consiste em reconhecer a indissociabilidade da relação sociedade natureza e refletir sobre a influência das práticas sociais no equilíbrio sistêmico dos ambientes dessa bacia. Compreende-se que os sujeitos sociais habitam as paisagens da bacia compondo cotidianamente a memória do lugar.

A abordagem socioambiental sobre a bacia do Rio Coisa Boa implica em reconhecer esse recorte espacial da natureza como um sistema socioambiental complexo e dinâmico, em que o movimento das forças da natureza, aliado as influências das atividades humanas e práticas sociais integra um mosaico de paisagens singulares e múltiplas, que está em permanente processo de transformação.

As relações entre os sujeitos sociais e os ambientes que vivenciam são férteis em sentidos e significações. A um só tempo, as práticas sociais produzem espaço, transformam as paisagens e a vida dos sujeitos que as habitam também, uma vez que, tanto a memória social, quanto os sujeitos que a vivenciam trazem consigo as cicatrizes dos processos socioambientais que integram as paisagens da bacia. A transformação da natureza pelas práticas sociais por vezes é regida por relações conflituosas que influenciam a dinâmica dos sistemas ambientais e dos sujeitos sociais que vivenciam essa realidade.

De acordo com Mendonça, a natureza da discussão socioambiental tornou-se relevante “[...] para *evidenciar que alguns problemas ambientais têm forte conotação social*, e que devem, portanto, serem tratados levando-se em consideração tanto os elementos naturais quanto os sociais que o constituem” (2004, p. 204, grifo nosso). O autor propõe, ainda, que a análise exclusivamente técnica, aliada ao aparato tecnológico não consegue solucionar os problemas socioambientais, uma vez que essas questões implicam mudanças profundas na organização da sociedade, haja vista que

[...] a crise socioambiental e as gritantes injustiças sociais que afligem a sociedade do presente não se resolvem somente com a perspectiva técnica e tecnológica. Mudanças muito mais profundas, que estão na essência da organização social, são necessárias para construir a cidade com boas condições de vida para a maioria da população (MENDONÇA, 2004, p. 206).

É imperativo reconhecer o processo de produção do espaço como produto e condição dessa dinâmica, pois a natureza integra o ambiente vivenciado e experienciado pelos sujeitos sociais no cotidiano. Convém apresentar as reflexões de Maia ao propor que “[...] As questões ambientais tornam evidente a necessidade de tratar natureza e sociedade de forma conjunta, indissociável, para que a natureza seja tratada como algo apropriado e transformada pela sociedade, buscando compreender suas inter-relações e especificidades” (MAIA, 2012, p. 58). Compreende-se então, que a interpretação da natureza está calcada em um limiar sensível entre a dimensão ambiental e humana.

Suertegaray discute as relações indissociáveis entre sociedade, natureza e cultura nas (re)configurações espaciais da realidade. Segundo a autora, “[...] Tem-se, então, uma articulação fundante entre sociedade, cultura e natureza. Sociedades produzem culturas, as representam, as praticam” (SUERTEGARAY, 2016, p.4). Discute, ainda, o conceito de natureza para as sociedades ocidentais, que é entendido como externo ao homem, no entanto, de forma paradoxal, “[...] fazemos parte dessa natureza, que é concebida como constituída do mundo abiótico e biótico, por vezes excluindo o homem, por vezes incluindo-o como ser biológico. Neste contexto sociocultural, evidencia-se uma valoração da natureza” (SUERTEGARAY, 2016, p.4).

A indissociabilidade entre o natural e o humano possibilita analisar os conflitos que emergem dessa relação, pois os problemas de natureza ambiental possuem uma íntima relação com a degradação social, pois como afirma Monteiro, “[...] Antes de degradar o ambiente natural, muitas sociedades humanas, em suas relações econômicas e mesmo sociais, degradam o próprio homem” (MONTEIRO, 2003, p.38). Mendonça considera que a vulnerabilidade socioambiental está relacionada ao esgotamento dos recursos naturais que dão suporte a vida humana na Terra, pois compreende que

Em sua maioria, os problemas ambientais do presente parecem decorrer do esgotamento e extinção das bases naturais à vida humana, e que pertencem à dimensão biótica e abiótica da realidade e da materialidade do universo, fato que coloca a sociedade em condições de risco e vulnerabilidade quando a dinâmica dos processos naturais é bruscamente alterada pelas atividades humanas (MENDONÇA, 2004, p.188).

As premissas do planejamento socioambiental utilizando a bacia hidrográfica como unidade territorial de análise veem evoluindo no âmbito das pesquisas geográficas que envolvem a análise integrada das paisagens, tendo como enfoque um maior envolvimento dos

sujeitos sociais nas questões de cunho ambiental, pois, como entende Maia (2012, p. 63): “A importância da participação das comunidades, no desenvolvimento local, é fundamental para que haja resultados positivos, visto que são quem mais conhece sobre sua realidade”. Evidencia-se a relevância de considerar a perspectiva dos sujeitos sociais na leitura das paisagens, pois estes possuem um profundo conhecimento sobre elas.

As bacias hidrográficas apresentam características biogeofísicas específicas, logo, correspondem a sistemas ecológicos e hidrológicos complexos e relativamente coesos. Drew (1989) define um sistema como a associação de elementos interligados por fluxos de energia, funcionando como uma unidade. A bacia hidrográfica consiste numa unidade territorial constituída por um conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes. Segundo Guerra, “[...] a noção de bacia hidrográfica obriga naturalmente a existência de cabeceiras ou nascentes, divisores d’água, cursos d’água principais, afluentes, subafluentes, etc” (GUERRA, 2008, p. 77-78).

As análises acerca das bacias hidrográficas têm contribuído para o planejamento e a gestão integrada das paisagens, uma vez que, após as discussões sobre a Agenda 21, estas passaram a se constituir como unidades de gestão. Na perspectiva hidrológica, a bacia hidrográfica pode ser definida por um “[...] conjunto de terras drenadas por um corpo d’água principal e seus afluentes e representa a unidade mais apropriada para o estudo qualitativo e quantitativo do recurso água e dos fluxos de sedimentos e nutrientes” (PIRES; SANTOS; DEL PRETTE, 2002, p.17). No que tange a dinâmica ambiental, o regime hídrico de uma bacia hidrográfica é um dos elementos fundamentais desse sistema ambiental, pois segundo Silva

[...] o regime hídrico de uma bacia hidrográfica é fator determinante para sustentação da recarga e da intensidade da vazão, sendo o clima, o principal condicionante para o equilíbrio da oferta hídrica. De acordo com as condições edafoclimáticas da bacia hidrográfica, seu potencial hídrico poderá promover oscilações, fazendo com que haja reduções e alterações no seu balanço hídrico e, conseqüentemente, na sua oferta (SILVA, 2014, p. 26).

Silva destaca a influência das condições edafoclimáticas no regime hídrico das bacias. De acordo com Lima (2012), a bacia hidrográfica se constitui num sistema aberto de configuração diferenciada, semelhante a outros formatos de organização dos sistemas ambientais. No que tange aos limites da bacia nas unidades de paisagem, o autor considera que estes podem “[...] recortar unidades de paisagem dotadas de certa homogeneidade em seus parâmetros geomorfológicos, pedológicos e fitoclimáticos, por outro lado, as bacias

hidrográficas são dotadas de mecanismos mais lógicos de fluxos de matéria e energia” (LIMA, 2012, p.22).

Lima aborda, ainda, o funcionamento da bacia como um sistema ambiental complexo. São caracterizadas por uma organização natural de atributos ambientais que lhe conferem uma dinâmica própria, delineada pelos fluxos de matéria e energia. A sua composição envolve atributos do quadro natural compostos pela

1) A estrutura geológica, abrangendo a litologia e as propriedades geomorfológicas das rochas; 2) O modelado, envolvendo as unidades de relevo, formas das vertentes, perfil transversal e longitudinal dos vales, índices de dissecação e classes de declividade; 3) Os solos, com suas características e propriedades ambientais como profundidade do perfil, profundidade do horizonte A, rochiosidade e pedregosidade superficial e no interior do perfil, teor de matéria orgânica, estabilidade dos agregados, anisotropia interna, porosidade e permeabilidade; 4) A cobertura vegetal e seus atributos ambientais como porte, densidade, estratos, grau de cobertura do terreno, sistema radicular e capacidade de interceptação das águas das chuvas; 5) A rede de drenagem, com seus arranjos espaciais, gradientes longitudinais e formas transversais, regime dos cursos d’água, alimentação das nascentes e características dos lençóis subterrâneos (LIMA, 2012, p.60).

Destacam-se os conceitos de bacia, sub-bacia e microbacia no sistema de classificação hidrográfica. De acordo com Santana (2003), uma bacia hidrográfica está interligada a outra, de ordem hierárquica superior, configurando-se então, em relação à última, como uma sub-bacia. Por conseguinte, as conceituações de bacia e sub-bacia hidrográfica são relativas. Numa escala espacial menor, situa-se a microbacia, que segundo Fitz (2008), pode ser definida como uma área do sistema hidrológico inferior a 200 km² e é caracterizada por um rio principal e os seus afluentes, delimitada por divisores de água. Contudo, essa questão, de ordem escalar, não altera os princípios geossistêmicos para sua análise integrada.

As dinâmicas das bacias hidrográficas regem o curso das águas na superfície da Terra, uma vez que a água se constitui como um recurso fundamental a manutenção da vida, em suas múltiplas manifestações. No que tange a influência das forças naturais no movimento das águas no ambiente, Christofolletti aborda a força da gravidade e a força de fricção.

Duas forças externas principais atuam sobre a água que fluem canais abertos: gravidade e fricção. A força de gravidade atua verticalmente e possibilita o escoamento das águas das partes mais altas para as mais baixas. Como a declividade da superfície da água é comparada ao plano inclinado, a força exercida pela gravidade é a componente tangencial do peso da água. A fricção exercida pelas superfícies delimitantes do canal no escoamento do fluido promove a ação de retardamento cuja direção é contrária à do fluxo. Nos rios, por exemplo, essa resistência é exercida pelo leito e margens, e, em menor

proporção, pela interface água-ar. Como a fricção tende a separar películas de água, ela recebe o nome de força de cisalhamento (*shearing stress*). Essa força também atua na superfície de contato entre duas camadas de água que escoam com velocidades diferentes (CHRISTOFOLETTI, 1981, p.1-2).

Além da ação da gravidade e da fricção, o autor aborda também a força do cisalhamento que atua na dinâmica de escoamento da água. Setti et al. (2000) consideram a água como um bem “[...] Essencial à vida, constitui elemento necessário para quase todas as atividades humanas, sendo, ainda, componente fundamental da paisagem e do meio ambiente. Trata-se de bem precioso, de valor inestimável, que deve ser, a qualquer custo, conservado e protegido (SETTI et al. 2000, p. 30). Torna-se evidente que os múltiplos usos da água dependem, especialmente, de uma análise mais particularizada e complementar das necessidades e questões de cada comunidade que vivencia a bacia hidrográfica. Caramelo e Sauri consideram a água doce como um bem natural essencial a vida de todos os povos, enfatizam, ainda, que

El agua dulce es un elementopreciado disponible en la naturaleza y reconocido por las organizaciones internacionales como un bien natural de derecho global para todos los pueblos. La ausencia de una gestión integrada de recursos hídricos no hace sino agravar la irregular distribución espacial - de origen natural - del pequeño porcentaje de agua dulce disponible en el planeta (alrededor del 3% del total)¹⁵ (CARAMELO; SAURI, 2016, p.108).

Diante das complexidades que envolvem a dimensão social das águas e suas relações com as paisagens que a integram, é imperativo reconhecer que os rios trazem atreladas aos seus cursos histórias de vida, conflitos, significados, memórias e representações para os sujeitos sociais que se relacionam com suas águas. Com essa compreensão, Melo (1983) aborda o significado das águas dos rios.

Ser capaz, como um rio que leva sozinho a canoa que se cansa, de servir de caminho para a esperança. E de lavar do límpido a mágoa da mancha, como um rio que leva e lava. Crescer para entregar na distância calada um poder de canção, como o rio decifra o segredo do chão. Se tempo é descer, reter o dom da força sem deixar de seguir. E até mesmo sumir para, subterrâneo, aprender a voltar e cumprir, no seu curso, o ofício de amar. Como um rio, aceitar essas súbitas ondas feitas de águas impuras, que afloram a escondida verdade nas funduras. Como um rio, que nasce de outros, saber seguir junto como outros sendo noutros se prolongando e construir o encontro com as águas grandes do oceano sem fim. Mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio (MELLO, 1983).

¹⁵ A água doce é um bem disponível na natureza e reconhecido por organizações internacionais como um bem natural direito de todos os povos. A ausência da gestão integrada dos recursos hídricos tem sido agravada pela distribuição irregular espacial - de origem natural - do pequeno percentual de água disponível no planeta (em torno de 3% do total) (Tradução nossa).

O movimento das águas dos rios de uma bacia é eivado da geograficidade que (re)desenha os meandros da memória e da cultura da sociedade que a vivencia. A dinâmica de rupturas e permanências dos sentidos construídos em relação ao rio revela que há em seu leito, também, significações das águas para os sujeitos sociais que estabelecem vínculos de afetividade e pertencimento com ele ao longo da vida. Entre cachoeiras, cursos d'água e meandros correm lembranças, sonhos e representações que atuam na configuração da memória social e das paisagens na identidade do lugar.

Ainda que, *a priori*, as análises que têm como referência empírica a bacia hidrográfica a compreendam somente como recorte territorial na natureza, é fundamental considerar, também, as representações construídas pelos homens e mulheres que a habitam no acontecer cotidiano da vida. É pensar a Geografia do lugar na perspectiva dos sujeitos sociais que vivenciam e integram as paisagens da bacia.

**LEITURA INTEGRADA DAS PAISAGENS DA BACIA DO RIO COISA BOA –
IGATU, CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

3 LEITURA INTEGRADA DAS PAISAGENS DA BACIA DO RIO COISA BOA – IGATU, CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA.

As coisas mudam no devagar depressa do tempo.

João Guimarães Rosa

As transformações das paisagens evidenciam a constante dinâmica que rege a relação sociedade natureza. Esse devagar e depressa do tempo, abordado por Rosa, conduz a pensar em como o encontro dos tempos lentos da natureza com os tempos rápidos da sociedade se relacionam e influenciam a dinâmica das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, em Igatu. Considerar a bacia hidrográfica como referência espacial de análise permite compreender os vínculos estabelecidos entre os sujeitos sociais e os sistemas ambientais que constituem a paisagem do lugar. Esses vínculos se manifestam em relações de pertencimento, afeto e conflitos que perfilam os processos identitários dos sujeitos sociais com o espaço vivenciado.

Na reflexão acerca da apreensão social do tempo nas vivências dos sujeitos sociais na paisagem, Santos compreende que “[...] o tempo do cotidiano é um tempo plural, o tempo dentro do tempo” (SANTOS, 1992, p.9). Assim, a vida no lugar se torna preche de significados, pois o tempo vivo da memória se concretiza nas relações de pertencimento construídas em relação a essa dimensão da existência humana, como afirmou Dona Maria, moradora de 82 anos, “[...] nascida e criada toda vida em Igatu”, como ela faz questão de destacar. Sobre sua relação com o lugar que vive, ela afirma: “Minha fia, peço a Deus muita vida e sorte para continuar vivendo aqui na terrinha. Não quero ir embora de jeito nenhum, é o meu lugar, minha vida¹⁶”. O trecho da narrativa ajuda a pensar sobre os sentimentos de afetuosidade e fé que se materializam na relação com o lugar.

A leitura da paisagem de forma integrada pressupõe o conhecimento do lugar por meio de quem o vivencia. A análise das características socioambientais é tão importante quanto à dimensão humana que compõe a paisagem da bacia hidrográfica. As representações cartográficas se constituem com relevantes instrumentos metodológicos para a análise da paisagem, uma vez que a representação espacial permite a leitura detalhada dos elementos que a integram. Com essa compreensão, Bertrand expõe os elementos que considera relevante para a composição da Cartografia das paisagens.

¹⁶ Entrevista concedida pela Dona Maria, 82 anos. Janeiro de 2017.

A representação cartográfica das paisagens exige um inventário geográfico completo e relativamente detalhado. A análise deve ao menos descer até o nível dos geofácies mesmo se eles não devem figurar na carta. O essencial do trabalho se efetua no terreno: levantamentos geomorfológicos, pedológicos e fitogeográficos, exame das águas superficiais, observações meteorológicas elementares, inquéritos sobre o sistema de valorização econômica (gestão florestal, percursos pastoris, direitos de uso, etc...). (BERTRAND, 2004, p.151)

As proposições de Bertrand apresentam os direcionamentos para a elaboração de um diagnóstico detalhado das condições socioambientais das paisagens, que segundo Oliveira (2005), deve ser realizado com o suporte das representações cartográficas. Ainda de acordo com Oliveira, a análise deve ser fundamentada em projetos cartográficos, cuja base seja “[...] georeferenciada, com curvas de nível, com equidistância compatível com a escala do projeto, constituindo o ponto de partida no processo de projeção permitindo que os cenários naturais bem representados resultem num bom trabalho de planejamento ambiental” (OLIVEIRA, 2005, p.27).

Oliveira (2005) avança na discussão ao abordar os progressos na análise espacial para a elaboração de cenários ambientais, com a ascensão do Sistema de Informação Geográfica (SIG), que permite a modelização cartográfica, otimizando a avaliação dos cenários e o processo de tomada de decisão, inerente ao planejamento e a gestão. Diante dessa realidade, verifica-se a ampliação do emprego das diversas tecnologias cartográficas, denominadas Geotecnologias, na análise de bacias hidrográficas.

Os recentes avanços nas Geotecnologias veem possibilitando uma análise mais integrada das características das bacias hidrográficas. Dentre essas tecnologias, destacam-se o Sensoriamento Remoto¹⁷ e os SIG, uma vez que tornam possível associar e cruzar os dados referentes a bacia para a extração das informações, além da sua representação cartográfica, como mapeamentos geoambientais com o suporte da tecnologia *Shuttle Radar Topographic Mission* (SRTM) seguido de diversos mapeamentos temáticos. Tais recursos, associadas aos trabalhos de campo, pesquisa documental e demais procedimentos de pesquisa, viabilizaram a análise integrada das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.

As possibilidades de aplicação das representações cartográficas na interpretação de fenômenos e processos de natureza espacial são inúmeras. Desde o Mapa Babilônico do Mundo,

¹⁷ Moraes (2002) define o Sensoriamento Remoto como um conjunto de atividades que permite a obtenção de informações dos objetos que compõem a superfície terrestre sem a necessidade de contato direto com os mesmos. Para a autora, essas atividades abrangem a detecção, aquisição e análise da energia eletromagnética emitida ou refletida pelos objetos terrestres e registradas por sensores remotos. No caso da pesquisa, utilizou-se dados de sensores radar (SRTM) e sensores ópticos.

elaborado no século VI a.C aos modernos SIG's contemporâneos, a Cartografia tem constituído e representado a história das sociedades humanas (BROTON, 2014). Paisagens vividas, imaginadas, próximas e distantes tornaram-se cognoscíveis por meio dos mapas, construídos por sujeitos sociais que os pensaram, sentiram e viveram em contextos sociais e históricos diversos.

A articulação entre os conhecimentos científicos e os saberes dos sujeitos sociais que historicamente vivenciam o lugar permite uma leitura mais integradora com a realidade das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa. Assim, compreende-se que representar as paisagens desse lugar não se constitui como um fim em si mesmo, trata-se de usufruir do arsenal tecnológico da Ciência Cartográfica para construir mapas que possibilitem representar as paisagens e o lugar da vida dos sujeitos sociais da bacia do rio Coisa Boa.

3.1 Paisagens e representações da bacia do Rio Coisa Boa

[...] Adoro a Cartografia que vocês me ensinaram: como navegar sem cartas, por mares verdes de promessas, fugindo ao momento fóssil, buscando a memória antiga nas coordenadas dos sonhos.

Adaptado por Edvaldo Oliveira

O fascínio do ser humano pelos mapas surge da possibilidade de orientar-se e (re)conhecer-se em territórios próximos e distantes da vida. As coordenadas do sonho, mencionadas pelo autor em epígrafe, possibilitam imaginar mapas e trajetos em horizontes longínquos do pensamento, da paisagem e do infinito. Mapas do passado e do futuro. Cartografias do presente e das paisagens que constituem o sonho, a memória e o lugar da geograficidade que aflora das relações entre os sujeitos sociais e os ambientes vividos. Representar cartograficamente as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa torna possível conhecer minuciosamente seu território, para então, ponderar sobre geograficidade que constitui o acontecer diário da vida cotidiana na transformação das paisagens do lugar.

A sistematização do projeto cartográfico em ambiente SIG permitiu organizar dados de diferentes estruturas¹⁸ para a representação cartográfica das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa. Assim, foi possível obter informações detalhadas dos ambientes que compõem a bacia, além dos dados sociais da comunidade local.

¹⁸Segundo Câmara et al (1996), os dados geográficos são instrumentos para as pesquisas de natureza espacial, pois representam fatos, objetos e fenômenos associados a uma localização sobre a superfície terrestre, num certo instante ou período de tempo. Quanto à estrutura, diferenciam-se os dados vetoriais, *rasters* e alfanuméricos.

A representação do relevo mediante as curvas de nível ocorreu por intermédio do geoprocessamento da folha SRTM, com índice de nomenclatura s13_w042_1arc_v3. Trata-se de um dado de arquitetura *raster*, obtido originalmente com 90m de resolução espacial e refinado pela *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) para 30m. As curvas de nível possuem formato vetorial, geradas no software QGIS com 10m de equidistância no intervalo. Para delimitar o alto curso da bacia, foi selecionada a cota 860, situada na direção sudoeste da bacia. O baixo curso foi delimitado por meio da cota 500, situada no norte da bacia.

Na perspectiva da hierarquia fluvial, a bacia do Rio Coisa Boa compõe uma bacia de segunda ordem. Trata-se de uma bacia de dimensões territoriais reduzidas. Os aspectos geoambientais da bacia do Rio Coisa Boa repercutem nas configurações das suas paisagens. Os neossolos litólicos e o relevo com o modelado acidentado dificultaram seu povoamento e imprime peculiaridades no modo de vida dos sujeitos sociais que a vivenciam. Por meio da análise da topografia da bacia delimitou-se o alto, médio e baixo curso mediante as variações altimétricas. Os atributos geoambientais da bacia expressam materialidade da articulação da composição litológica quartzo-arenítica com o relevo dissecado, datado do mesoproterozóico e temperaturas amenas.

Por intermédio do projeto cartográfico, obtiveram-se os seguintes parâmetros geomorfométricos: área da bacia, padrão de drenagem, forma, perímetro, comprimento do rio principal, densidade de drenagem, densidade de rios, altitude máxima e mínima e amplitude altimétrica máxima.

Segundo Christofolletti (1980), os padrões de drenagem são definidos pelo ordenamento espacial dos cursos fluviais na bacia. A análise do mapa permite inferir que o padrão de drenagem da bacia do Rio Coisa Boa apresenta um formato dendrítico. De acordo com Lima (2012),

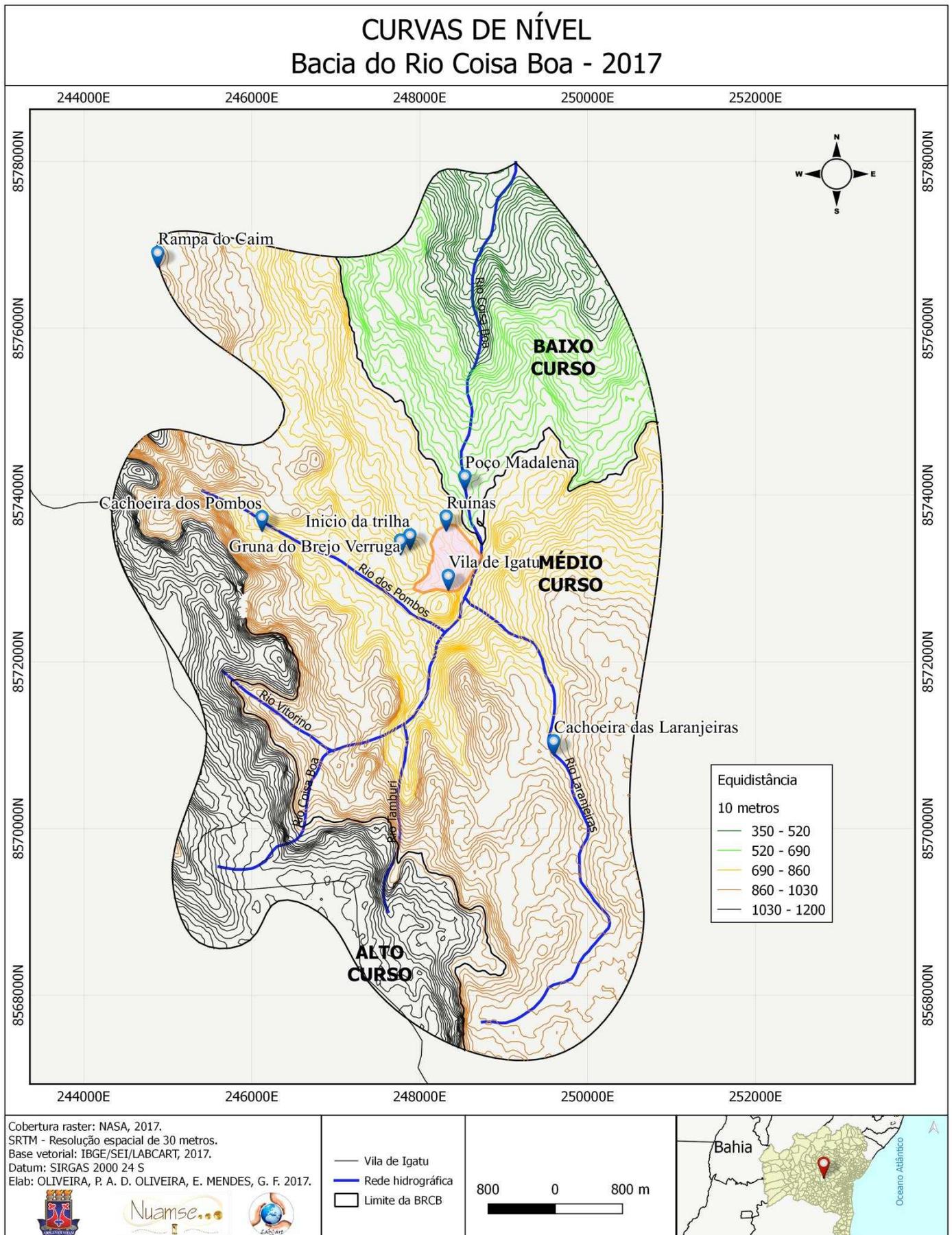
Este padrão, também designado como arborescente, tem sua configuração espacial semelhante à configuração de uma árvore. A alusão é feita tomando-se o rio principal como correspondente ao tronco da árvore, enquanto os tributários correspondem aos seus ramos e as cabeceiras de erosão aos raminhos e folhas (LIMA, 2012, p.75).

Outro parâmetro relevante é a forma da bacia, que apresenta forma triangular, cuja área é definida por meio da área de drenagem do rio principal e dos canais tributários, delimitada pelos divisores de água por meio das linhas de cumeada. Em ambiente SIG, utilizou-se como referência para delimitação das curvas de nível, os pontos cotados e a carta hipsométrica. A área da bacia do Rio Coisa Boa é de 50 km² e o perímetro é de 33,02 km. O comprimento do

rio principal da bacia é 10,4 km. A densidade de drenagem, expressa pela fórmula $Dd = Lt / A$, corresponde a razão do comprimento total dos rios pela área da bacia.

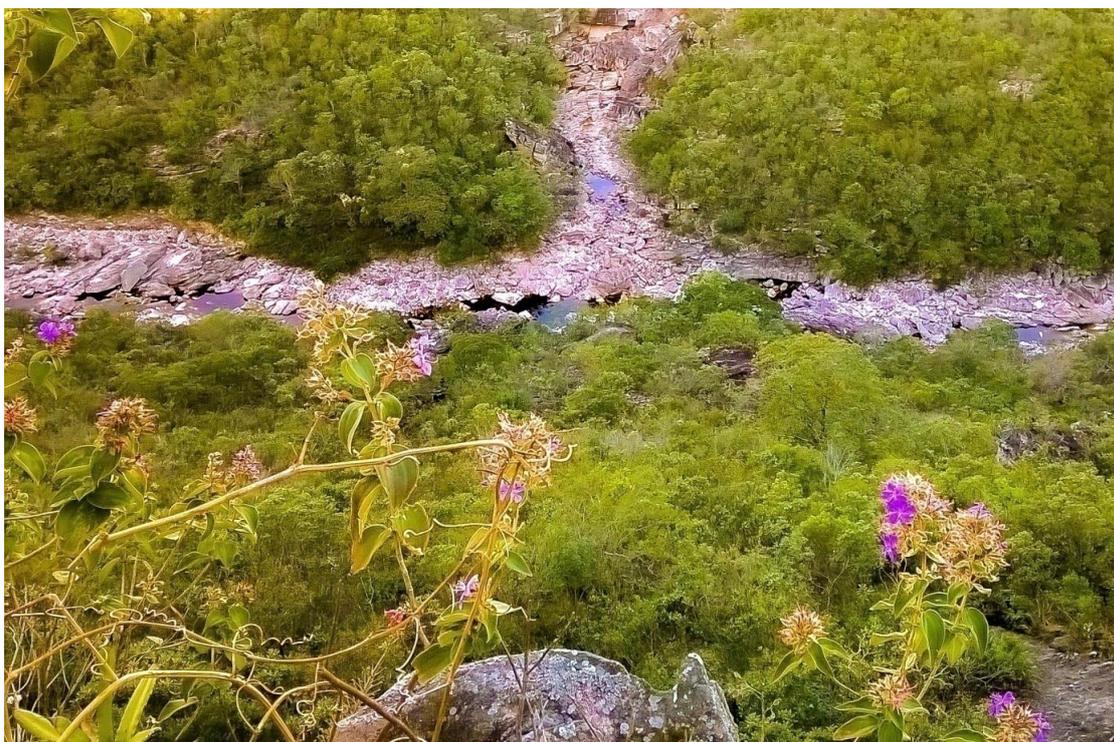
Ainda de acordo com Lima, a densidade de rios é designada por meio da razão entre o número de rios ou segmentos fluviais por km² de terreno, apresentando a bacia do Rio Coisa Boa uma densidade de 1,6 rios/km² de terreno. A altitude máxima da bacia é 1204m e a mínima é 352m. A amplitude altimétrica máxima é definida pela diferença da altitude máxima pela mínima e corresponde a 852m. Esses parâmetros correspondem a quantificação de variáveis do relevo e da hidrografia da bacia do Rio Coisa Boa. A Figura 6 apresenta o mapa com as curvas de nível, a rede hidrográfica e a delimitação do alto, médio e baixo curso da bacia do Rio Coisa Boa.

Figura 6 – Mapa de curvas de nível da bacia do Rio Coisa Boa, 2017.



O Rio Coisa Boa, principal canal fluvial, tem sua foz no Rio Piabas, que por sua vez, desagua no Rio Paraguaçu, considerado como rio pleno de memórias, famoso por atravessar o território e a história do Estado da Bahia. A bacia do Rio Coisa Boa tem como delimitadores topográficos, as formações de relevo denominadas Serra do Sincorá, nas áreas próximas a Igatu, distrito situado no município de Andaraí. A Figura 7 apresenta o encontro do Rio Laranjeiras, com o canal principal da bacia, o Rio Coisa Boa.

Figura 7 – Vista do encontro do Rio Laranjeiras com o Rio Coisa Boa.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

A memória dos sujeitos sociais que estabelecem vínculos mais efetivos com as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa é intensamente marcada pelo trabalho no garimpo de diamante e pela vivência na natureza. Embora a paisagem local seja exuberante e repleta de belezas naturais, é imprescindível lembrar que não se trata de uma natureza isolada, apartada da sociedade, pois como afirmou um morador da vila de Igatu, ex-garimpeiro e guia turístico: “Não se engane moça, cada pedra desse morro que ocê ta vendo foi revirada, que era pra vê se tinha diamante embaixo¹⁹”. Refletir sobre as transformações das paisagens considerando o olhar dos sujeitos sociais que as vivenciam torna possível compreender as múltiplas nuances que as compõem.

¹⁹ Entrevista concedida pelo senhor Francisco, 67 anos. Janeiro de 2017.

A memória social e a historicidade expressas nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa permite compreendê-la por meio do imbrincamento entre os tempos longos e curtos da relação sociedade natureza (SUERTEGARAY, 2002). A perspectiva integradora do geossistema se constitui como possibilidade de interpretação da multiplicidade que é intrínseca a relação sociedade natureza, pois, é importante

Considerar como uma sociedade concebe o natural, e como esse quadro mental se traduz nas projeções de uso e gestão de seu espaço e de seu território. A visão sistêmica e integradora do geossistema permite, de tal modo, passar a um nível superior de complexidade no entendimento de paisagem cultural, visto como uma marca que expressa uma civilização e uma determinada relação sociedade-natureza (RODRIGUEZ; SILVA; CAVALCANTI, 2004, p. 17).

Interpretar as paisagens na perspectiva geossistêmica configura-se como premissa fundamental para a compreensão da Geografia do lugar, do tempo e da vida dos sujeitos sociais que integram essas paisagens. Ao discutir sobre as transformações da paisagem da bacia do Rio Coisa Boa, um empresário local traz a seguinte narrativa:

Uma vez deixado de ser explorada, a mata começa a tomar conta do que foi promovido pela civilização. As tocas e os regos devem ser preservados também, porque fazem do patrimônio cultural do lugar. A natureza toma conta do lugar, mas não pode apagar os acontecimentos históricos que aqui aconteceram²⁰.

O garimpo artesanal de diamantes acontecia na Serra da Sincorá, em áreas próximas a vila de Igatu. Embora essa atividade tenha cessado, ainda existem nas serras e na memória social, em que se vislumbram as cicatrizes e vestígios dessa atividade. As tocas de garimpeiros, habitações utilizadas para o descanso do trabalho no garimpo, estão localizadas nas serras, construídas com as pedras disponíveis no local. A Figura 8 apresenta uma toca de garimpeiro na bacia do Rio Coisa Boa:

²⁰ Entrevista concedida pelo senhor José, 37 anos. Julho de 2017.

Figura 8 – Toca de garimpeiro na trilha do Rio Laranjeiras.

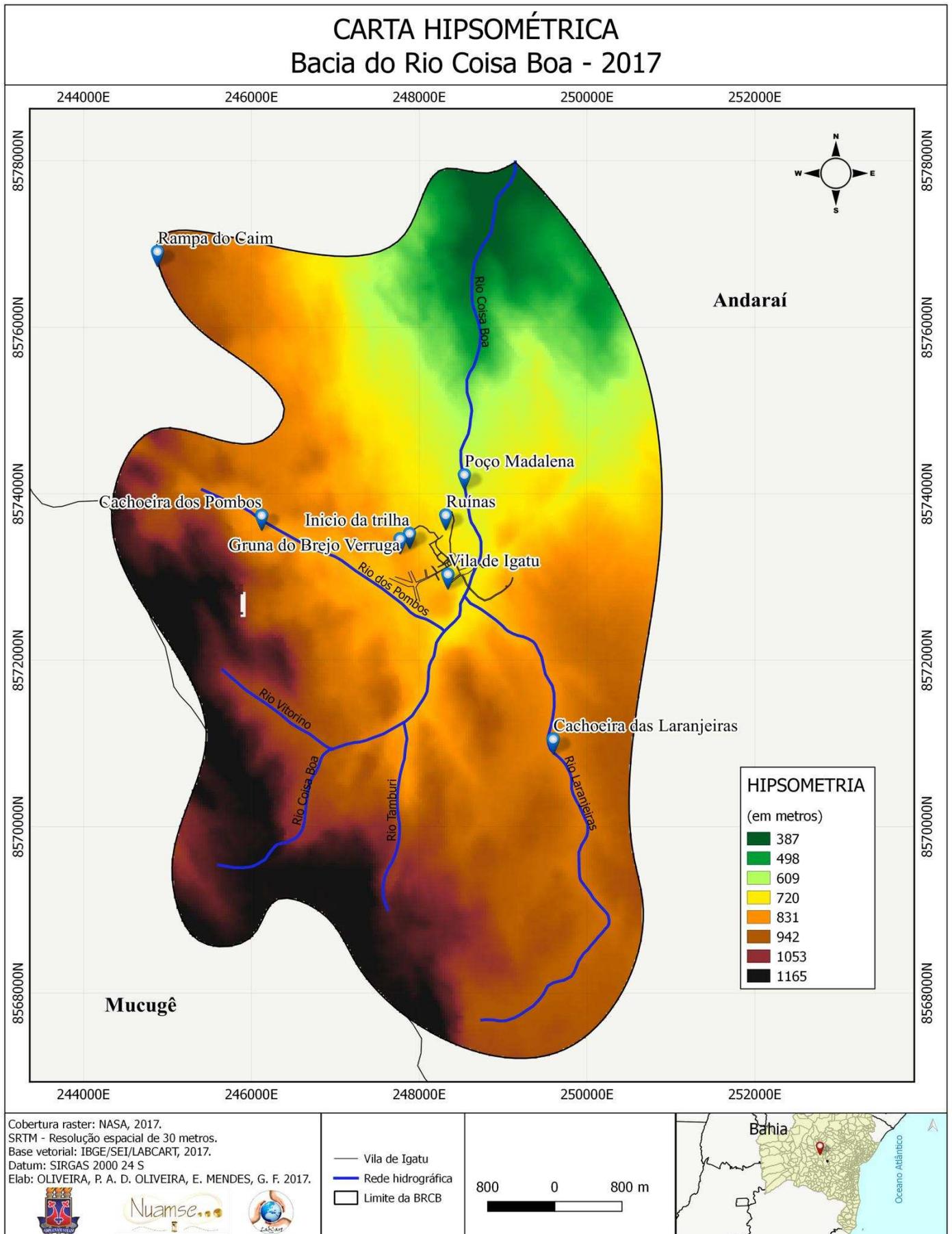


Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

As tocas de garimpeiro são moradias rústicas, construídas com grandes blocos rochosos, abundantes nas paisagens da bacia. Segundo Ab’Saber (2003) a paisagem se constitui como produto da dinâmica processual dos tempos geológicos mais remotos aos processos atuais e recentes. Interpretar as paisagens torna possível desvendar a teia de representações, memórias e conflitos que constituem a realidade social, diante das significações humanas em diferentes contextos socioambientais. De acordo com Cabral (2000, p.43), “[...] a paisagem é plurimodal, assim como é o sujeito para o qual a paisagem existe”. É nesse contexto que, ainda que não sejam mais utilizadas como local de repouso para o garimpeiro, as tocas no alto das serras resistem como vestígios de relações e processos pretéritos.

Na leitura das paisagens, Maia reitera que para a “[...] elaboração do estudo integrado de um determinado ambiente é necessário compreender sua dinâmica de funcionamento a partir dos aspectos naturais e das intervenções humanas” (MAIA, 2005, p.101). A composição litológica da bacia do Rio Coisa Boa é constituída por quartzo-arenitico e conglomerados de rocha (INDE, 2017). A bacia está situada na formação tombador, com idade geológica mesoproterozóica. A estrutura do relevo é dissecada, com formas tabulares e topos convexos. A Figura 9 apresenta a Carta Hipsométrica da bacia com a informação altimétrica e a espacialização dos principais lugares de memória mencionados nas narrativas dos sujeitos sociais entrevistados na pesquisa.

Figura 9 – Carta hipsométrica da bacia do Rio Coisa Boa, 2017.



Fonte: Projeto cartográfico, 2017.

Cabe aqui uma descrição da paisagem, por meio da representação cartográfica da área de entorno da vila, destacando alguns aspectos geomorfométricos. A vila de Iguatu está situada na porção central da bacia, com altitude entre 720 a 830 metros e constitui-se num lugar de memória repleto de significados e histórias. Nessa vila encontramos o ponto de partida da trilha para a Rampa do Caim, além das Ruínas do bairro Luís dos Santos, outro lugar emblemático na bacia do Rio Coisa Boa, pois os sujeitos sociais se referenciam a ele como espaços de saudade, de gente que não está mais lá e que faz falta no convívio cotidiano. Nesse bairro, no período do auge do garimpo chegou a morar mais de 500 pessoas, hoje só vive um habitante.

O Rio Coisa Boa atravessa a vila, lugar do encontro e das relações sociais na bacia. Desse ponto, a montante encontra-se os rios afluentes do canal principal, a sudeste o Rio Laranjeiras, ao sul o Rio Tamburi, ao sudoeste o Rio Vitorino e a oeste o Rio dos Pombos. As cachoeiras do Rio dos Pombos e das Laranjeiras são constantemente lembradas nas narrativas além do poço Madalena que fica no baixo curso do Rio Coisa Boa. Tanto as nascentes do rio principal, quanto às dos canais fluviais tributários estão localizadas nas áreas mais elevadas da bacia, no alto da serra do Sincorá, com altitudes oscilando entre 942 a 1165 metros. As áreas de menor altitude, situadas ao norte da vila possuem altimetria entre 600 a 300 metros, aproximadamente. A Figura 10 apresenta o vale do Rio Coisa Boa, fotografado do alto da Serra do Sincorá, nas proximidades da vila de Iguatu.

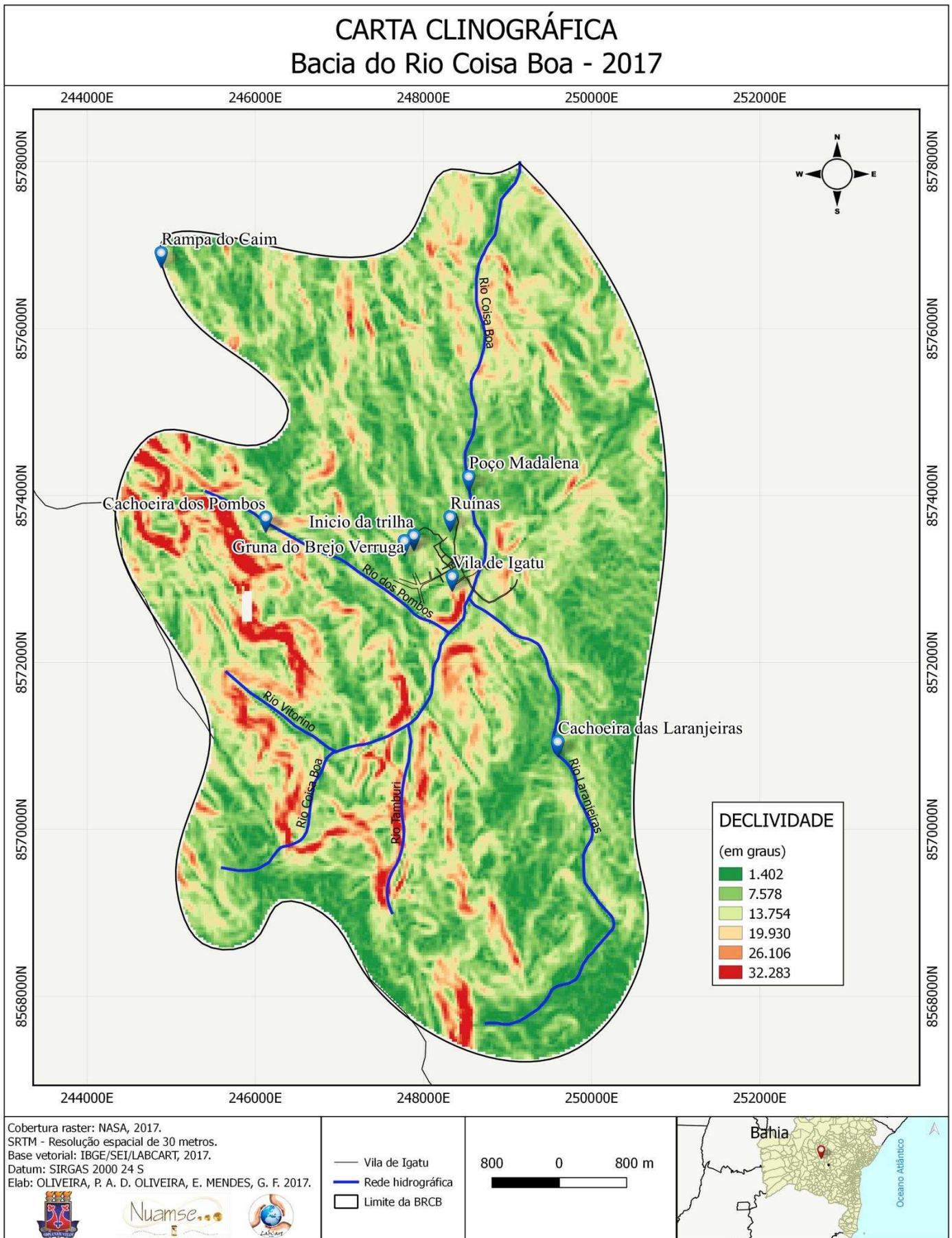
Figura 10 – Vale do Rio Coisa Boa.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

A Figura 10 ilustra o vale do Rio Coisa Boa, num trecho em declive onde, na parte central, no plano inferior é possível visualizar o Poço Madalena, lugar significativo na bacia, pois os jovens utilizam essa área para o lazer. Além das variações na altimetria do relevo, a declividade, definida por meio do SRTM pelo ângulo de inclinação para cada célula em graus, expressa em graus radianos, se constitui como um relevante instrumento para a análise da paisagem da bacia. Assim, a carta clinográfica, apresentada na Figura 11 ilustra bem as variações na inclinação do terreno.

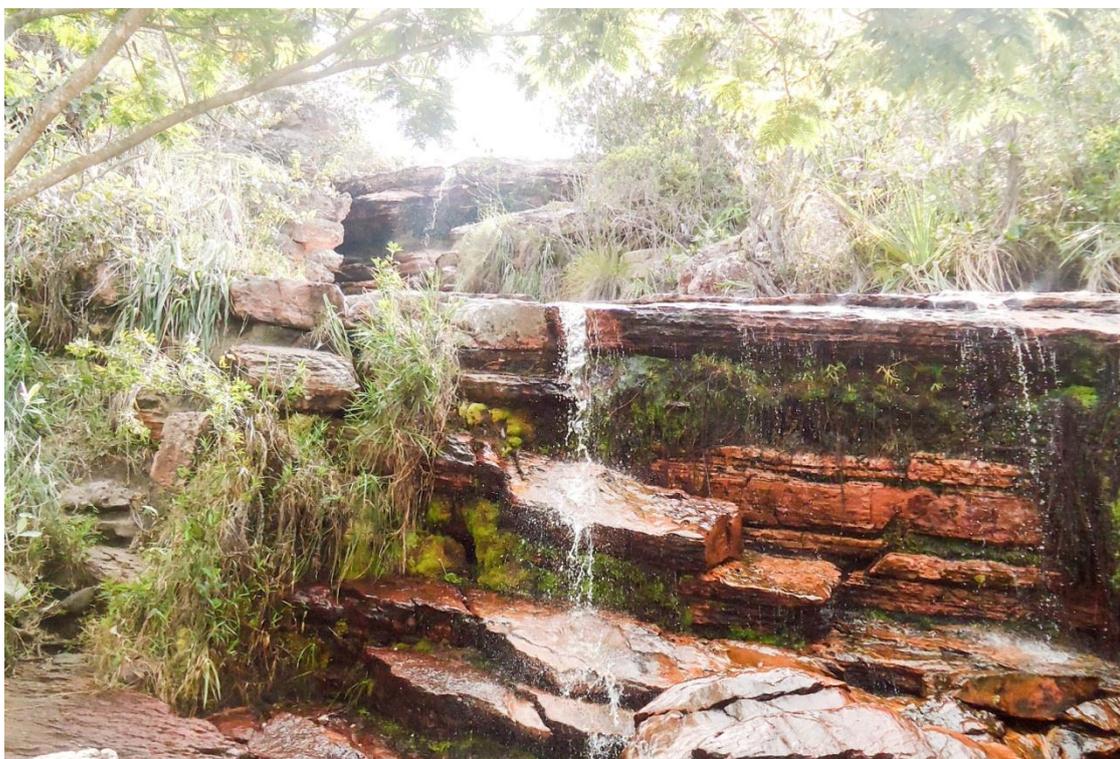
Figura 11 – Carta clinográfica da bacia do Rio Coisa Boa, 2017.



As áreas de declividade mais intensa estão concentradas no alto curso da bacia, nas áreas centrais e nas áreas ao sul, com índices de declividade oscilando entre 19° a 32° graus, em todo o terreno da bacia. O baixo curso, situado na porção norte da carta também apresenta considerável inclinação, com índices transitando entre 13° a 26° graus.

O terreno irregular e acidentado, com altos índices de declividade, aliado ao clima úmido e farta rede hídrica, permite à formação de pequenas quedas d'águas próximas a vila. Segundo Sampaio²¹, as “[...] correntes d’água escura que descem as serras escarpadas e rolam no seu leito de cascalho as pedras preciosas que foram outrora o único incentivo para se povoarem esses lugares tão pouco férteis, do ponto de vista agrícola” (SAMPAIO, 2002, p.250). Com o fim do garimpo, essas águas, outrora diamantíferas, hoje trazem em seu leito outro tesouro. Esses lugares fazem parte do cotidiano das pessoas que vivem em Igatu, além de serem importantes atrativos turísticos para os visitantes. A Figura 12 apresenta a Cachoeirinha, no curso do Rio dos Pombos.

Figura 12 – Cachoeirinha nas proximidades da vila de Igatu



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

²¹ Em expedição pelo interior do Brasil entre 1900 a 1903, o engenheiro Teodoro Sampaio (1855-1937) escreveu sobre a natureza, a população e as cidades observadas no percurso pelos sertões entre o Rio São Francisco e a Chapada Diamantina.

Ao abordar o significado das águas dos rios, um comerciante ex-garimpeiro traz a seguinte narrativa: “Gosto muito mesmo! Menina, me sinto bem quando vou nas cachoeiras que tem aqui perto²²”. Apesar da idade avançada, percebeu-se nas pesquisas de campo que os idosos residentes em Igatu possuem muita disposição e vigor para os passeios e caminhadas pelas trilhas, nas serras e cachoeiras da bacia. Esses sujeitos sociais conhecem profundamente a paisagem local, traçam cotidianamente os mapas do lugar, na forma de mapas mentais, e guardam na memória o conhecimento de como chegar em qualquer parte da bacia. Esse conhecimento adquirido por meio da vivência na natureza os habilitou a trabalharem como guias locais, atividade que desenvolvem para complementar a renda, pois o turismo é um importante agente dinamizador da economia local.

3.2 Histórias de Igatu: lugar de memória, encontro e partida na Bacia do Rio Coisa Boa, Chapada Diamantina.

Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.

João Guimarães Rosa

Pela rusticidade do lugar, dificuldades de acesso, e especialmente pela coragem do povo, a Chapada Diamantina, por muito tempo, esteve associada as representações de sertão. No atlas das representações literárias de regiões brasileiras, publicado pelo IBGE, os sentidos de sertão são, inapelavelmente, entrelaçados a Geografia dos homens e mulheres que vivenciam esse lugar, “[...] onde a força é equipamento indispensável à sobrevivência e a coragem é artigo de destaque no caráter dos homens” (IBGE, 2006, p.100). As paisagens marcadamente rústicas da Chapada Diamantina compõem o mosaico da Geografia e desenha os modos de vida no lugar.

No que se refere à estrutura física, a Chapada Diamantina consiste numa extensão do sistema orográfico do Espinhaço. Nas palavras de Léda, este sistema geomorfológico é constituído por um “[...] conjunto de formas de relevo cuja complexa configuração foi sendo moldada através dos tempos, sofrendo a ação dos processos tectônicos e erosivos que deram origem aos atuais contornos do planalto” (LÉDA, 2003, p.245).

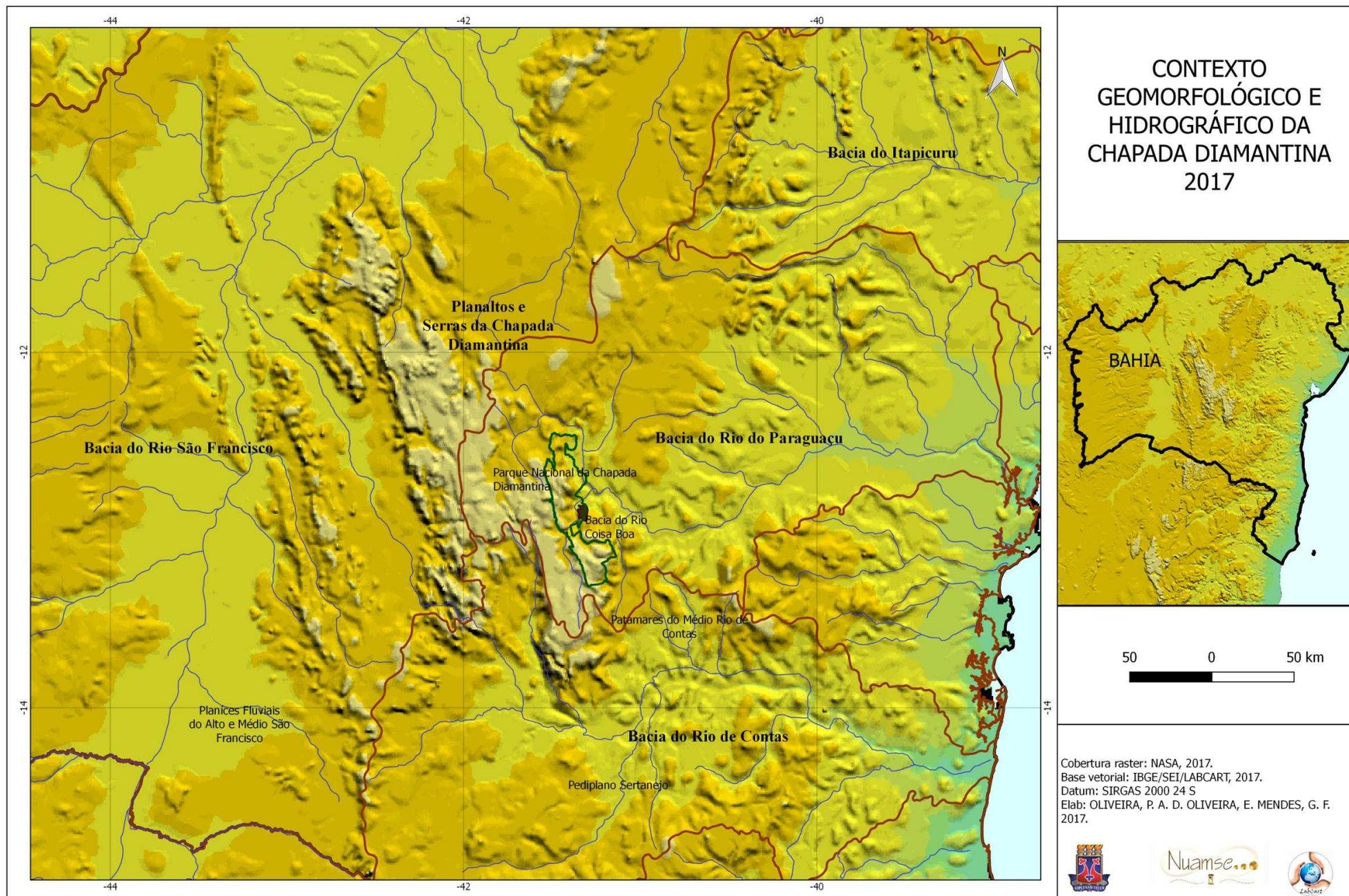
Na imensidão dos sertões da Bahia, a Chapada Diamantina emerge como um enclave e apresentam cicatrizes dos processos tectônicos de configuração geográfica expressam a dinâmica dos tempos longos da natureza na transformação das paisagens do lugar, que ao

²² Entrevista concedida pelo senhor Sebastião, morador da vila, 80 anos. Agosto de 2017.

entrelaçar-se aos tempos curtos dos homens que a habitam constroem memórias, sentidos e representações da Geografia que lhe é peculiar.

A Chapada Diamantina se ergue como imenso bloco rochoso no pediplano cristalino do semi-árido baiano, na porção central do Estado. Apresenta um contraste em relação à configuração do relevo das depressões interplanálticas sertanejas. Sua estrutura separa as planícies fluviais do vale do São Francisco do litoral da Bahia. Desse modo, todo o complexo geomorfológico compõe um grande divisor de águas entre a bacia do Rio São Francisco, na vertente oeste da Chapada, e os afluentes dos rios Paraguaçu e Contas, pertencentes as bacias do Atlântico Leste (LÉDA, 2003). A configuração geomorfológica e o contexto hidrográfico da Chapada Diamantina podem ser visualizados na Figura 13:

Figura 13 – Contexto geomorfológico e hidrográfico da Chapada Diamantina, 2017.



Segundo o dicionário geológico-geomorfológico, a chapada pode ser definida como um “[...] planalto sedimentar típico, pois trata-se de um acamamento estratificado que em certos pontos, está nas mesmas cotas de superfícies de erosão, talhadas em rochas pré-cambrianas” (GUERRA, 2008, p.134). No caso da região Nordeste do Brasil, as chapadas correspondem a grandes testemunhos da antiga cobertura cretácea do local, o que se constitui como chapada residual. Ainda de acordo com Guerra, a chapada residual consiste em relevos de topografia plana e tabular, como aquele encontrado no morro do Pai Inácio, importante atrativo turístico da Chapada Diamantina.

Ainda sobre o processo de formação geomorfológica da Chapada Diamantina, Chiapeti destaca a influência dos sistemas morfoclimáticos, que ao longo do tempo geológico ajudaram a construir as paisagens que hoje causam admiração e fascínio para os sujeitos sociais que a vivenciam e, também, para os que a visitam.

A articulação entre esses processos, combinado a influência das ações da sociedade na ocupação e povoamento da Chapada Diamantina permite evidenciar a intrínseca relação sociedade e natureza na configuração e transformação das paisagens do lugar. Ao ponderar sobre o processo de povoamento, Léda sublinha a descoberta e a exploração dos diamantes nos contrafortes da Serra do Sincorá, como preponderantes para a sua consolidação. Com a palavra, o autor:

Inicialmente, é possível definir as origens da Chapada Diamantina enquanto *espaço habitado*, a partir da busca de riquezas minerais como o ouro e as esmeraldas, em meados do século XVIII, período no qual foram criadas as primeiras cidades, Rio de Contas e Jacobina, localizadas, respectivamente, nos extremos sul e norte da região. Mas o desbravamento e povoamento efetivo só aconteceram em meados do século XIX, com a descoberta de diamantes e sua exploração na Serra do Sincorá (LÉDA, 2003, p.248-249).

A vocação diamantífera da Chapada tornou-se um elemento de considerável notoriedade nas representações construídas sobre esse espaço. Esse aspecto foi evidenciado pelo romancista Herberto Sales, especialmente no livro *O Cascalho* (Figura 14), obra clássica da literatura regional, traduzida para diversos idiomas, emblemática por abordar o cotidiano do garimpo no alto da serra do Sincorá.

Figura 14 – Capa e ilustração do livro *O Cascalho*, na edição romena, publicada em 1969.



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Andaraí Herberto Sales.
Pesquisa de campo, 2017.

Tendo em vista a considerável escassez referente à historiografia do garimpo no contexto espaço temporal da Chapada Diamantina nos séculos XIX e XX, tomou-se de empréstimo o aporte historiográfico presente na Literatura Regional. Sublinham-se as contribuições de Herberto Sales, que em *O Cascalho* retrata os conflitos, relações, sonhos e expectativas que constituíram a vida no garimpo em Igatu.

Jesus (2009) destaca que as representações sociais do garimpo, especialmente no contexto do século XX, produzidas acerca do início da extração do diamante na região das Lavras Diamantinas, “[...] estão povoadas pela ideia de riqueza e opulência. Retrata-se uma época em que era comum que diamantes fossem encontrados até na moela das galinhas²³, período em que não se perguntava preço de nada em decorrência da força do dinheiro que circulava” (JESUS, 2009, p.18). Ao construir um registro histórico da atividade garimpeira na Chapada Diamantina, mais precisamente em Igatu, Jesus considera ainda que

²³ Expressão popular presente na obra de Herberto Sales, consagrada no clássico *O Cascalho*, publicado originalmente em 1944.

As notícias em torno da abundância e da facilidade com que o diamante era encontrado ressoaram por todas as partes da Província e do Império. Em pouco tempo, milhares de pessoas, pertencentes a grupos sociais diversos (garimpeiros das regiões vizinhas e das Minas Gerais, grandes e pequenos comerciantes, escravos e libertos), seduzidos pelo brilho do diamante chegaram às Lavras acreditando ter encontrado a Canaã do dinheiro fácil e das fáceis fortunas (JESUS, 2009, p.18-19).

Em contraposição as promessas de riqueza do garimpo, Jesus (2009) evidencia as contradições que constituíam a terra rica de gente pobre, pois o reluzir dos diamantes na maioria das vezes ocultava as relações de trabalho perversas e condições de vida insalubre experienciada pelos garimpeiros na busca pela pedra preciosa dos recantos das serras. Para a autora

A relação de trabalho preponderante nas Lavras, presente desde o século XIX, foi o sistema de fornecimento, popularmente conhecido com sistema de meia-praça. Por este, que se assemelhava ao sistema de meação, o fornecedor, (contratante do serviço), deveria suprir as necessidades básicas do fornecido (garimpeiro) durante todo o trabalho. [...] O valor conseguido com a venda do carbonato ou diamante que eventualmente fosse encontrado deveria após o pagamento do quinto (se fosse o caso) ser dividido ao meio entre as partes da sociedade (JESUS, 2009, p.50).

Sublinha ainda que outra relação de trabalho a ser destacado no garimpo local era o sistema de diárias. Nessa modalidade, o diarista, era pago em dinheiro determinada quantia pelos serviços, todavia, se acontecesse deles bamburrarem, ou seja, caso eles encontrassem diamantes, não teriam parte nos lucros da venda. Jesus sublinha que esta condição geralmente abrangia “[...] pessoas com pouca experiência no trabalho do garimpo, na gíria garimpeira denominadas de “coraus”. Era comum que estes trabalhadores à medida que iam ganhando experiência galgassem a posição de meia-praça mais prestigiada entre os garimpeiros, porque poderiam participar um pouco mais do bolo da riqueza descoberta” (JESUS, 2009, p.50). Contudo, há que se por em relevo, também, que tal condição não era atribuída somente aos “coraus”, posto que, não raro, em momentos de crises mais profundas, serem extintas as sociedades de meia-praça e “[...] aumentadas as colocações de diaristas, muito mais vantajosas aos “donos de serra”, que buscavam superar a crise aumentando a produção” (JESUS, 2009, p.51). Para evidenciar essas questões, apresenta-se a narrativa de Sales:

-Será que o senhor não pode chegar mais uma coisinha, coronel? – insinuou timidamente o garimpeiro.
- Meu preço é um só.

-Então o senhor pode fazer a conta. (...)
 Abatendo os 20% do quinto, da minha parte como dono da serra, ficam duzentos e oitenta mil-réis. Dos duzentos e oitenta, abatendo a minha parte como fornecedor, ficam cento e quarenta. Seu sócio ta aí? (...)
 Pois bem (...) cada um tem direito a 70\$000.
 Mas logo em seguida, abrindo o caderno de papel pardo do barracão, correu o dedo ao longo da página cheia de números alinhados em parcelas, e acrescentou:
 -Sua conta no barracão é 160\$000, Joaquim. Quer dizer que, abatendo os setenta de sua parte do diamante, você fica me devendo noventa.
 -E como há de ser coronel?...- disse, com hesitação.
 -Como há de ser? -retrucou, meio agastado, o chefe. - Você encheu a barriga, matou sua fome, me deve 90\$000, tem que pagar esse dinheiro.
 -Pagar como patrão?...(SALES; 1956, p.41- 43).

É muito provável que o diálogo apresentado por Sales represente situações vivenciadas cotidianamente no garimpo, atividade intensamente marcada pelos traços do coronelismo na Chapada Diamantina. De acordo com Jesus (2009), o auge da produção diamantífera ocorreu num período muito curto, circunscrito às décadas de 1840 e 1850, que em menos de 50 anos conheceu também a decadência.

Em meados da década de 1930, a extração desses minérios entra em colapso. Contudo, dessa vez, não houve recuperação. O acirramento da crise repercutiu num processo de esvaziamento da vila. Segundo a autora, aqueles que permaneceram atravessaram um severo empobrecimento, que atingiu níveis catastróficos a partir de 1950. As palavras de Moraes retratam bem esse processo:

[...] milhares de garimpeiros e mesmo de famílias e de indivíduos que exerciam atividades correlatas à garimpagem, foram deixando a região. E o êxodo passou a ser tão grande, tão febril, que dava a impressão de que toda aquela gente, que enchia com as caravanas longas as estradas tristes, estivesse fugindo de uma calamidade ou de uma guerra. O destino?... O destino era São Paulo. O destino era os sertões de Goiás, de Minas Gerais, Paraná e, sobretudo, do Mato Grosso [...]. E os caminhos?... Ah! Os caminhos eram exatamente aqueles mesmos pelos quais os jagunços marcharam quatro anos antes, sentindo o descortinar de novas paisagens e de um novo mundo. [...] Para trás, como uma saudade, ficou a chapada baiana, imensa, quase deserta. Ficou a chapada escaldada de sol, mas sem calor humano. Ficou a chapada com as entranhas vermelhas das piçarras erodidas dos garimpos, expostas ao céu como a querer mostrar o coração geológico, sangrando (MORAES, 1963, p. 210).

A descrição de Moraes remete a aspectos da memória social cravadas da paisagem da Chapada Diamantina em um tempo sofrido, que ainda permanece vivo nas vozes, silêncios, olhares e narrativas de quem o vivenciou. O esquecimento e o abandono que o declínio do

garimpo provocou nas paisagens do lugar foi escrito em prosa e versos, marcando a literatura regional e a cultura da Chapada Diamantina.

A Figura 15 retrata a vila de Igatu na década de 1970, quando, de acordo com informações verbais dos moradores, restaram cerca de 150 pessoas na vila, que nos tempos áureos da exploração garimpeira, chegou “[...] a casa dos 9.000 mil habitantes ávidos pela riqueza e sucumbidos pela ambição que marcou a vida do lugar” (ANDRADE, 2005, p.30).

Figura 15 – Vila de Igatu, década de 1970.



Fonte: Acervo da galeria Arte e Memória/Pesquisa de campo, 2017.

A segunda metade do século XX, até o fim dos anos 1980, consistiu num tempo marcado pelo abandono e pelas dificuldades econômicas decorrentes da crise do garimpo. Na base de dados do IBGE, estão disponíveis dados populacionais do distrito de Igatu a partir do censo demográfico realizado em 1991. A Tabela 1 apresenta a síntese dessas informações:

Tabela 1 – Quantitativo populacional do distrito de Igatu, para os anos de 1991, 2000 e 2010.

<i>Ano</i>	<i>População Rural</i>		<i>População Urbana</i>		<i>TOTAL</i>
		<i>%</i>		<i>%</i>	
1991	303	46,69	346	53,31	649
2000	459	58,03	332	41,97	791
2010	769	31,89	360	68,11	1.129

Fonte: IBGE, Censo Demográfico. Dados organizados pela autora, 2017.

Em 2016, viviam na vila de Igatu 390 pessoas, sendo que destes, (292 pessoas), correspondente a 75% da população são nascidos na vila e 25% da população, (92 pessoas), vieram de outras cidades e fixaram residência na vila (COSTA, 2016).

Se as coisas mudam devagar depressa dos tempos, como afirmou Rosa (1986), a análise integrada das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa se constitui como princípio norteador à interpretação das temporalidades intrínsecas ao mundo vivido e apropriado pelos sujeitos sociais, pois além do olhar contemplativo, ler suas nuances plurais permite desvelar a geograficidade que perfila a vida cotidiana dos sujeitos sociais que a vivenciam. Esses sujeitos trazem na memória a temporalidade, evidenciada por Rosa, posto que, expressa as transformações das paisagens, entendidas como herança e encontro entre passado, presente e futuro no lugar.

Tais significações florescem nos sentimentos de pertencimento e familiaridade em relação ao ambiente que vivenciam. A vila de Igatu, se destaca como rugosidade no espaço (SANTOS, 2006), pois, ao mesmo tempo que preserva suas as formas e estruturas, seus conteúdos sociais vêm se transformando em diversos contextos históricos que ali imperou. De acordo com Ribeiro, “[...] a rugosidade, como acúmulo de tempos que conforma o espaço, condiciona os futuros possíveis. Interfere na disputa entre futuros que acontece a cada momento” (RIBEIRO, 2012, p.69). A Figura 16 e a Figura 17 apresentam bem essa realidade.

Figura 16 – Mercadão da Vila de Igatu-1970.



Fonte: Acervo da galeria Arte e Memória /Pesquisa de campo, 2017.

Figura 17 – Mercadão da vila de Igatu-2017.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Com exceção do colorido que se destaca na fotografia e nas paisagens da vila no presente, pouco se alterou na sua estrutura, que mantém o padrão arquitetônico das casas semelhante ao que era no passado, embora algumas de suas funções sociais tenham se alterado. Contudo, esse movimento de permanências e rupturas não ocorre de forma harmoniosa, pois o processo de produção socioespacial acontece na dinâmica das relações humanas que pulsam na vida do lugar. Um aspecto polêmico na pesquisa é a relação dos sujeitos sociais que nasceram ou residem há muito tempo em Igatu com o tombamento da vila pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

Sobre o tombamento da vila, o órgão considera que “[...] abrange as ruínas de habitações de pedra localizadas entre a ponte sobre o rio Coisa Boa e a margem esquerda em direção à trilha do antigo garimpo local. O núcleo original de fundação, datado de meados do século XIX, encontra-se em ótimo estado de conservação e o perímetro tombado possui, aproximadamente, 200 imóveis” (IPHAN, 2017). Ainda que os esforços de preservação do patrimônio arquitetônico sejam válidos e relevantes, é imprescindível considerar que Igatu não deve ser apreendida somente pelas formas que resistem do passado. A vida ainda pulsa naquele lugar, inevitavelmente, produzindo espaços e transformando as paisagens, tanto na vila, que é tombada, quanto na bacia onde está inserida.

As serras, cachoeiras, trilhas e a Vila de Igatu compõem um complexo mosaico de paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, onde a memória social dos sujeitos é intensamente marcada pelas representações construídas por meio da relação destes com a natureza, que envolvem o sentimento de identidade, pertencimento, contudo, abarcam também conflitos socioambientais.

A Figura 18 apresenta um dos principais divisores topográficos da bacia, marcado pelo mirante da Rampa do Caim, um importante lugar de memória nas paisagens da bacia, situado na porção noroeste, é apropriado socialmente pela vivência e pela memória dos sujeitos que a vivenciam.

Figura 18 – Mirante da Rampa do Caim.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

A Rampa do Caim consiste numa trilha de aproximadamente 6 km, saindo do centro da vila. Além de ser um importante roteiro turístico em Igatu, a trilha se presentifica na memória dos sujeitos sociais que vivenciam a bacia, e também para aqueles que vão visitá-la. Quando questionamos esses sujeitos sobre um lugar especial para se conhecer em Igatu é consenso entre eles a ida a Rampa do Caim. Um morador da vila, ex-garimpeiro e atual comerciante, traz a seguinte narrativa sobre esse lugar: “Não pode sair de Igatu sem conhecer a Rampa do Caim. Lá é bonito demais!²⁴”. O percurso da trilha embora, relativamente longo, é repleto de belezas naturais, além das notáveis marcas do garimpo presente na constituição da memória e na paisagem do lugar.

O olhar sensível em relação às vivências no lugar e ao reconhecimento da memória dos sujeitos sociais está ancorado na compreensão de que passado, presente e futuro são dimensões intrínsecas da temporalidade que integra a memória social, definida por Halbwachs (1990) como uma construção social dos acontecimentos passados, realizada por meio das condições que os grupos sociais vivenciam no presente.

²⁴ Entrevista concedida pelo senhor Sebastião, 80 anos. Agosto de 2017.

Diante disso, percebe-se que a vila de Igatu se configura como lugar de memória e encontro para os sujeitos que vivenciam as paisagens. As representações das paisagens da bacia permitem conhecer e mapear esses lugares de memória, assim como analisar as características geoambientais que compõem tais paisagens.

3.3 Dimensão socioambiental das paisagens na bacia do Rio Coisa Boa

*Como podes comprar ou vender o céu, o calor da Terra?
Tal idéia é-nos estranha. Não somos donos da pureza do
ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-
los de nós?*

Chefe Indígena Seattle

Pensar a dimensão socioambiental das paisagens de forma integrada, articulando o conhecimento científico com o saber ambiental das comunidades locais constitui-se como uma necessidade premente (LEFF, 2006). A devastação dos sistemas naturais ocorre pelo desequilíbrio entre o tempo curto das sociedades diante dos tempos longos da natureza (SUERTEGARAY, 2002). O questionamento mencionado em epígrafe convida a reflexão sobre a necessidade da preservação dos ambientes.

Apesar das pequenas dimensões e da infraestrutura rústica, o turismo e as demais atividades humanas influenciam na dinâmica ambiental da bacia e a Vila de Igatu dá suporte ao desenvolvimento das atividades turísticas locais. Dentre os principais conflitos socioambientais decorrentes da dimensão sociedade natureza, destaca-se o esgotamento sanitário da vila que, no caso da inexistência de fossas, é lançado nos canais fluviais da bacia, além do descarte inadequado do lixo (Figura 19) e a proliferação de focos de incêndio nas serras. Tais conflitos influenciam tanto no equilíbrio do ambiente, quanto nas relações de pertencimento dos sujeitos, no que concernem as belezas paisagísticas.

Figura 19 – Descarte inadequado de lixo na vila de Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Segundo informações obtidas junto aos moradores, a coleta de lixo é realizada três vezes por semana pela prefeitura de Andaraí. No entanto, algumas pessoas descartam esses resíduos de forma inapropriada e inconsequente em terrenos na vila, ou então queimam esse material no fundo do quintal das casas. Essas práticas, além de serem danosas ao ambiente, são extremamente prejudiciais as pessoas que vivenciam o lugar, contaminando o solo, provocando o mau cheiro e a degradação. O descarte do esgoto nos canais fluviais (Figura 20) também preocupa algumas pessoas que vivem em Igatu.

Figura 20 – Lançamento de esgoto doméstico na vila de Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Embora a vila tenha 360 moradores, segundo o censo realizado em 2010 pelo IBGE, o fluxo de turistas é constante, e aumenta em determinadas épocas do ano, como feriados, datas comemorativas e eventos, a exemplo do Festival de Igatu. O aumento da população eleva também a pressão sobre os recursos naturais, afetando o equilíbrio do sistema ambiental que integra as paisagens.

As paisagens trazem consigo heranças dos processos naturais, históricos e sociais do lugar. Compreendê-las para além do visível, implica em reconhecer as suas múltiplas dimensões. A beleza cênica da paisagem é o principal recurso natural da bacia do Rio Coisa Boa, uma vez que, em decorrência das condições geoambientais do lugar, seria inviável o desenvolvimento de atividades como agricultura, indústria e pecuária.

As paisagens da bacia podem ser lidas na perspectiva das relações dos sujeitos sociais com o ambiente que vivenciam, em que as derivações provocadas pelas suas práticas sociais promovem no ambiente, transformações que poderão afetar seu modo de vida. Compreende-se as reflexões ambientais como centrais nas discussões acerca da relação sociedade natureza, especialmente nas reflexões que envolvem a articulação entre a Memória Social e a Ciência Geográfica.

As relações socioambientais se manifestam de forma complexa e considerar as experiências dos sujeitos em relação à natureza humanizada das paisagens possibilita

compreender o sentimento de pertencer ao lugar, fortalecendo a necessidade da preservação dos ambientes vivenciados.

**PAISAGEM E MEMÓRIA NA BACIA DO RIO COISA BOA, IGATU – CHAPADA
DIAMANTINA, BA**



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

4 PAISAGEM E MEMÓRIA NA BACIA DO RIO COISA BOA, IGATU– CHAPADA DIAMANTINA, BA

O rio era largo, solene e sempre. Meu olhar não alcançava a outra margem sem ajuda da fantasia. Mas eu guardava a certeza de haver sempre um outro lado. Tudo no mundo tem um verso.

Bartolomeu Campos de Queirós

Refletir sobre as múltiplas nuances da memória na paisagem torna possível vislumbrar a natureza humanizada dos ambientes vividos e compreender o modo de vida dos homens e mulheres que integram a paisagem do lugar, concebendo-os, também, como expressão da natureza. Os rios, além de configurarem-se como elementos emblemáticos da paisagem, trazem no curso de suas águas as memórias dos sujeitos sociais que vivenciam/vivenciaram as paisagens do lugar.

As palavras do autor em epígrafe narram a grandeza das águas diante do olhar do ser humano. Os rios, ora largos, ora estreitos, perenes ou intermitentes trazem consigo as marcas das sociedades que com eles se relacionam/relacionaram em diversos contextos históricos. Caramelo e Sauri (2016) abordam as potencialidades dos rios no desenvolvimento histórico das sociedades humanas, ao destacar a relevância do acesso a água doce para a manutenção da vida. Os autores situam os rios como protagonistas no desenvolvimento de muitas sociedades, pois segundo eles,

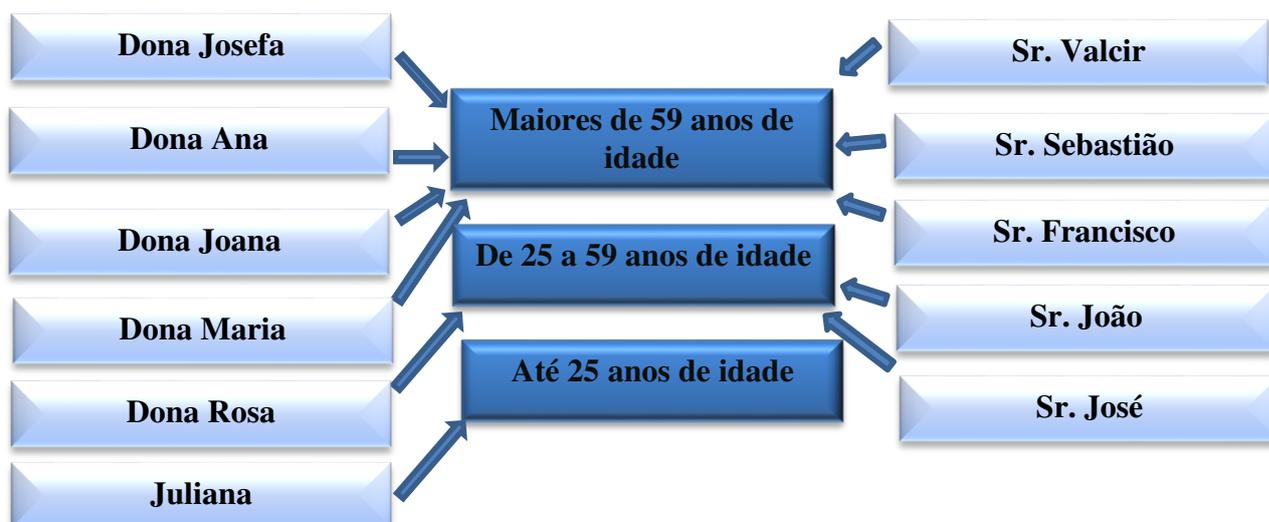
[...] es relevante recordar que la tradicional obtención del agua dulce ha convertido a gran parte de los ríos en protagonistas del desarrollo histórico de muchos pueblos, entre los que citaremos en el presente texto dos referentes universales como el Nilo y el Rin. A nivel regional y en relación con el presente trabajo, podríamos citar el Guaporé, el Vermelho, los ríos Branco y Colorado (Rondônia/Brasil), el Muga, el Tordera, el Valle d'Ozinelles (región de la Cataluña/ España); el Maturraña (cuenca del Ebro/España) y los afluentes de la margen derecha del río Amazonas (Xingu, Tapajós, Madeira, Puruá, Jutá y Javari). Muchos de ellos han permanecido ocultos en gran parte de los diálogos y debates sobre las aguas²⁵ (CAMELO; SAURÍ, 2016, p.108)

²⁵[...] é importante lembrar que a obtenção tradicional de água doce tornou grande parte dos rios protagonistas do desenvolvimento histórico de muitos povos, entre os quais citamos neste texto duas referências universais como o Nilo e o Reno. Em nível regional, em relação ao presente trabalho, podemos citar o Guaporé, o Vermelho, os rios Branco e Colorado (Rondônia / Brasil), Muga, Tordera, Valle d'Oininelles (região da Catalunha / Espanha); A Maturraña (bacia do Ebro / Espanha) e os afluentes da margem direita do rio Amazonas (Xingu, Tapajós, Madeira, Puruá, Jutá e Javari). Muitos deles permaneceram em grande parte escondidos dos diálogos e debates sobre a água (Tradução nossa).

Dos grandes e emblemáticos rios, citados pelos autores, aos pequenos cursos d'águas que atravessam a Geografia da vida, as águas fluviais trazem consigo uma plenitude de significados que se presentificam na memória e na vida dos sujeitos sociais, que de alguma maneira, tem suas histórias entrelaçadas ao curso dessas águas, pois como disse o artista: “Foi um rio que passou em minha vida...”²⁶.

A análise das narrativas dos sujeitos sociais permite vislumbrar o horizonte de significados, sentidos e representações que constituem a memória social de um lugar. A matéria prima das artes do fazer na pesquisa em memória é a narrativa, compreendida em sua inteireza de silêncios, vozes, olhares e gestos. Para compreender os significados dos rios, das paisagens, dos lugares de memória na bacia do Rio Coisa Boa, foi necessário vivenciar o cotidiano e conviver com os sujeitos sociais do lugar. A Figura 21 apresenta uma síntese dos entrevistados, identificando-os segundo a faixa etária.

Figura 21 – Classificação etária dos sujeitos sociais entrevistados na pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Além das entrevistas realizadas nas pesquisas de campo, 11 no total, um aspecto marcante na pesquisa foi o convívio e as conversas informais com os sujeitos sociais na vila de Igatu. O acolhimento das pessoas, simbolizado pelas portas abertas e prosas sem pressa na janela, permitiu que conhecêssemos, de perto, seu modo de vida, vislumbrando as dificuldades, as saudades e a perspectivas que se concretizam no ir e vir das relações cotidianas exposto nas paisagens do lugar. Na pesquisa em memória social, o essencial está contido na profundidade

²⁶ Samba composto em 1970 pelo músico brasileiro Paulinho da Viola.

de sentidos e significações presentes nas narrativas dos entrevistados, assim, adotou-se como critério, a saturação²⁷ na análise qualitativa das entrevistas.

Os rios integram as paisagens, transformam-nas continuamente em seu infindável movimento cíclico. A relação com as águas é marcante na memória social de Igatu, tendo em vista que o modo de vida dos sujeitos sociais desse lugar é intensamente atrelado ao movimento das águas dos rios da bacia do Rio Coisa Boa. Em entrevista realizada com Dona Maria, senhora idosa, residente da vila, ela afirma de forma emocionada

A gente gostava muito de ir no rio. Eu e as mulheres tudo da rua lavava a roupa, ariava os pratos, tudo na beira do rio. Hoje que não precisa mais, né? Pois tem água em casa. [...] Hoje eu não posso ir longe mais. Só passeio aqui pela rua, na praça²⁸.

Dona Maria narra com saudade a vida em um tempo diferente em Igatu. Embora o cansaço não permita que ela continue a andar pelas trilhas e curvas dos rios, suas recordações a fazem reviver tais experiências.

Pensados como elementos do quadro natural, os rios integram o ciclo hidrológico ao transportar as águas da bacia hidrográfica e os materiais inteperizados na superfície da mesma, desaguardo em outro rio, lago ou oceano. Segundo Chiapeti, as águas dos rios são projetadas no infinito de significados humanos, uma vez que

[...] é preche de significados, é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. É condição básica e vital para a reprodução da vida humana e de outras formas de vida, e também participa do mundo simbólico humano, juntando várias imagens e significados (CHIAPETI, 2009, p.55).

Reconhecer o humano como expressão da natureza permite uma melhor compreensão das relações que estes mantêm com os movimentos das águas nos sistemas ambientais. As representações que muitos sujeitos sociais constroem sobre o mundo vivido são repletas de memórias, significados e experiências deles em relação aos rios que vivenciaram/vivenciam em suas trajetórias de vida, pois como considera Mariano Neto,

[...] os elementos da natureza como rios, montanhas, campos, florestas e as construções humanas transformam-se em imagens, caminhos e representações

²⁷ Segundo Minayo (2017) a saturação se constitui num momento da pesquisa em que a coleta de novos dados não se converteria em avanços. Para a autora, o essencial na pesquisa qualitativa não está na quantidade de pessoas entrevistadas, mas sim no aprofundamento, na abrangência e na diversidade no processo de compreensão das informações obtidas em pesquisas de campo.

²⁸Entrevista concedida pela Dona Maria, 82 anos. Janeiro de 2017.

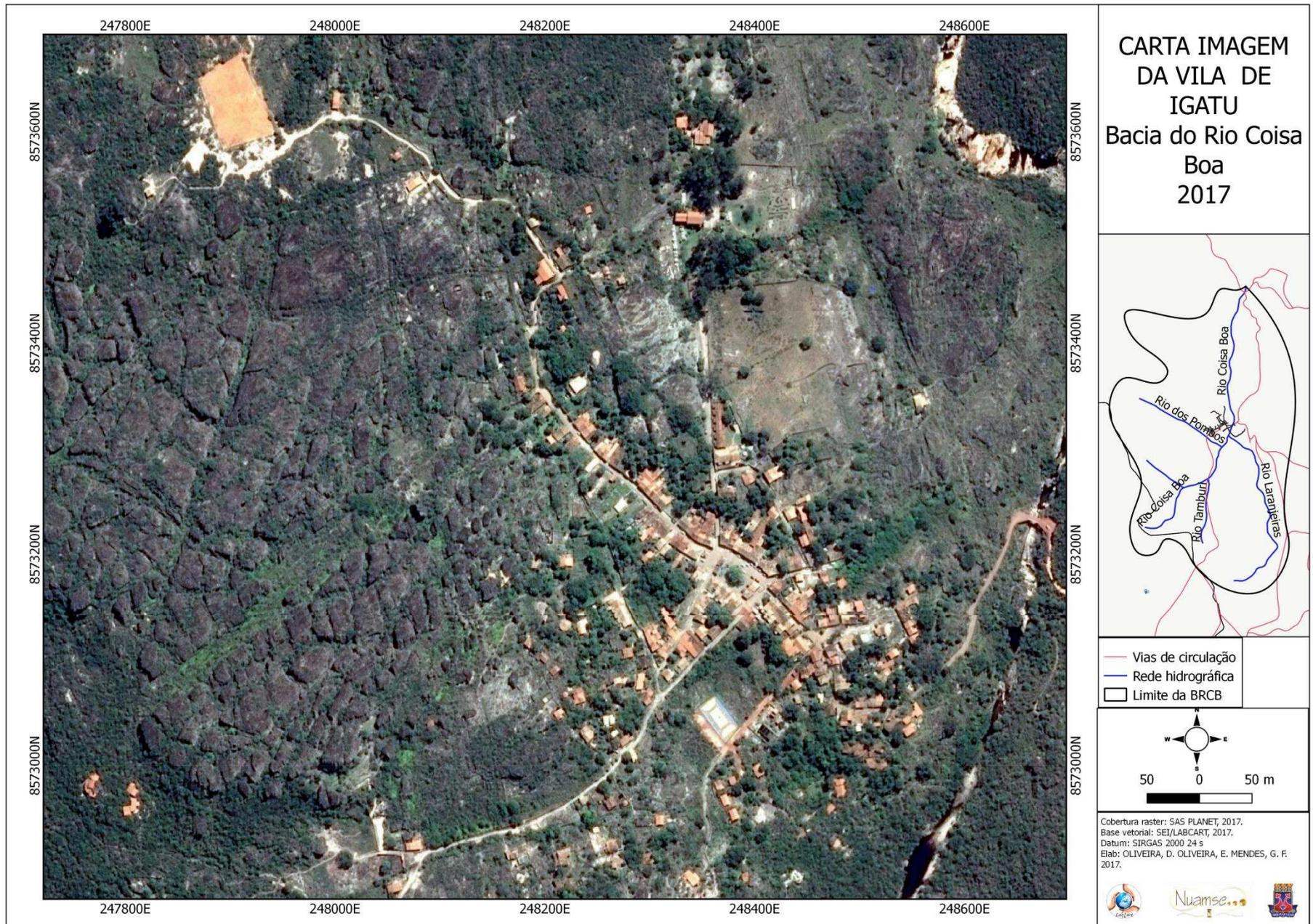
de uma comunidade em sua vida cotidiana. Podemos notar isso, no modo de ser das pessoas e no falar da terra. As imagens da natureza, os fragmentos da lembrança em busca de um sentido, compreensão das imagens mentais que estabelecem a idéia de natureza (MARIANO NETO, 1999, p.73).

Da intrínseca dimensão sociedade natureza, afloram os sentidos da geograficidade que constitui o ser/estar no mundo para os sujeitos sociais. É nesse constante fazer-se, que os grupos sociais constroem o cotidiano em Igatu, vila pequena no tamanho, mas infinita em significado e memória para os sujeitos sociais que habitam a bacia do Rio Coisa Boa. Ao abordar o significado das paisagens da bacia para sua vida, Seu Francisco, orgulhosamente afirma: “Eu acho muito bonito, muito decente. As vez a gente aqui não valoriza muito, mas o pessoal de fora acha um brinco andar pelas serras²⁹”.

Segundo Andrade, “[...] Igatu viveu momentos de glória, conheceu a riqueza e viu reluzir nos diamantes que a floravam da terra, a sua própria decadência” (ANDRADE, 2005, p.49). Do alto das serras do Sincorá que delimita a bacia, a vila Igatu, histórica e emblemática construção de pedras, é possível vê-la existir e resistir como inegável rugosidade no espaço, em temporalidades sobrepostas e desiguais. A Figura 22 apresenta a carta imagem da vila de Igatu, onde é possível observar a configuração espacial, com tecido urbano concentrado na parte sudeste e alongamento tentacular a noroeste.

²⁹ Entrevista concedida pelo senhor Francisco, 75 anos. Fevereiro de 2017.

Figura 22 - Carta imagem da vila de Igatu.



Fonte: Projeto cartográfico, 2017.

Igatu é, indubitavelmente, uma rugosidade nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa. Um lugar pleno de memória e significados, que nos transporta para uma singular experiência de tempo e espaço. Para Santos (2006), “[...] as condições preexistentes em cada lugar, o seu estoque de recursos, materiais ou não, e de organização - essas rugosidades - constituem as coordenadas que orientam as novas ações” (SANTOS, 2006, p.133). É com esse entendimento que a leitura da realidade no universo empírico de análise, a bacia do Rio Coisa Boa, se faz no encontro da memória com a Geografia. O modo de vida, as representações e o sentimento de estar no mundo dos sujeitos sociais que habitam esse lugar é marcado pela intensa simbiose que existe entre eles e o ambiente, preenchendo-o de memórias e processos históricos que se evidenciam nas paisagens do lugar. Nesse constante fazer-se, os grupos sociais constroem o cotidiano na vila de Igatu (Figura 23).

Figura 23 – Praça José da Silva Gomes, vila de Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

O modo de vida em Igatu passou por profundas transformações desde o término da atividade garimpeira. Há quem diga que Igatu hoje é um eco, uma ruína do que foi nos tempos áureos do garimpo. Segundo Seabra (2017), “[...] um exemplo clássico do abandono das cidades na Chapada Diamantina é a vila de Igatu, apelidada pelo autor de cidade fantasma” (SEABRA, 2017, p.22). Por mais que os processos históricos e as relações sociais tenham alterado o ritmo da vida em Igatu, discorda-se que esta vila seja reconhecida como cidade fantasma, pois

vivenciar o cotidiano e conviver com as pessoas que habitam a vila torna possível (re)conhecer a vida que pulsa e resiste ali.

O Sr. Francisco, ex-garimpeiro recorda um tempo em que o cotidiano da vila era marcado pela efervescência dos centros urbanos: “No meu tempo, aqui era totalmente diferente. Aqui tinha cinema, circo, fila harmônica... Hoje não tem mais. Isso tudo é uma saudade de um lugar que faz falta na vida da gente³⁰”.

A narrativa saudosa de seu Francisco transporta para um lugar que só conhecemos por meio da memória das pessoas que a viveram no passado. Hoje, ao caminhar pelas ruas de pedra da vila de Iगतu vislumbra-se o ontem que se faz presente pela memória, e se projeta no futuro seguindo as estratégias de preservação do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural. As Figuras 24 e 25 ilustram parte do casario antigo da vila de Iगतu, na década de 1970 e em 2017, respectivamente:

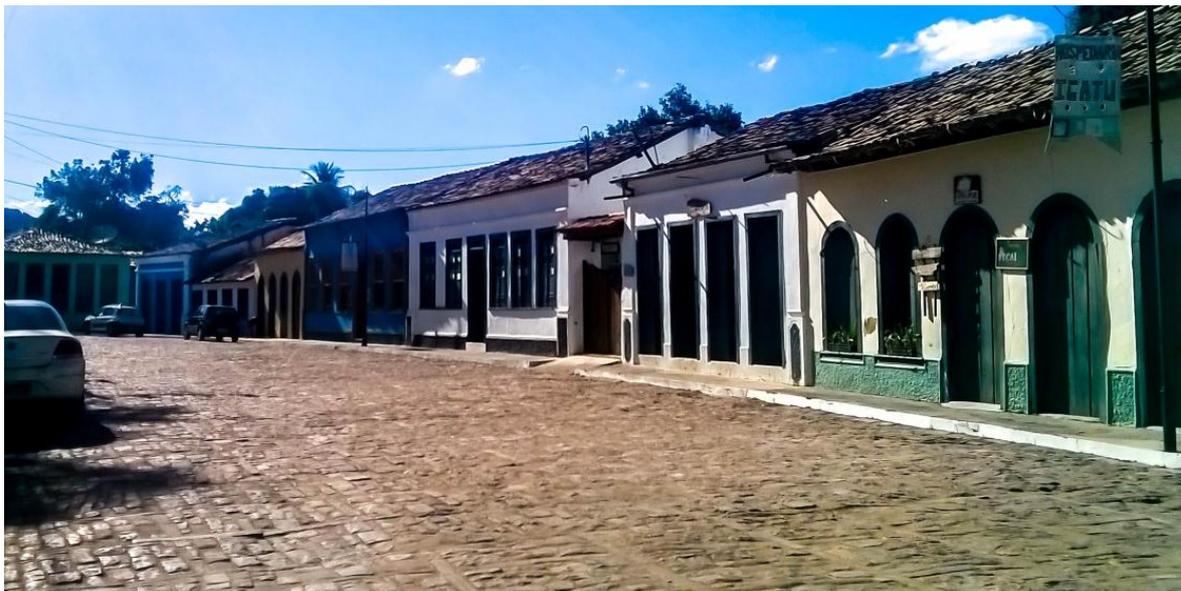
Figura 24 – Casario antigo na Vila de Iगतu -1970.



Fonte: Galeria Arte e memória/Pesquisa de campo, 2017.

³⁰ Entrevista concedida pelo senhor Francisco, 75 anos. Fevereiro de 2017.

Figura 25 – Casario antigo na Vila de Igatu, 2017.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Passados mais de 40 anos, a maioria das edificações da vila de Igatu permanecem com a mesma estrutura. A patrimonialização da vila, com o tombamento do sítio urbano, teve como propósito preservar seu patrimônio arquitetônico. A leitura das fotografias das décadas de 1970 e de 2017 possibilita perceber, que com exceção do atual colorido das fachadas, pouca coisa mudou. Segundo Silva (2016, p.142), “[...] as iniciativas em favor da patrimonialização tendo como um dos seus principais instrumentos o tombamento, buscou atender as necessidades de conservação das edificações e o desenvolvimento do turismo”.

Na década de 1970, tempo em que a vila estava praticamente abandonada, o esvaziamento populacional, decorrente do fim do garimpo repercutiu na vida dos sujeitos sociais que ali permaneceram. Segundo relatos, foi um tempo difícil, marcado pela escassez e pelo abandono, pois em meadas do século XX havia vários serviços em Igatu, o que acabou junto com o garimpo. Sobre esse aspecto, Jesus (2009) considera que dos distritos de Andaraí, Igatu

[...] foi o que mais recebeu benfeitorias, tais como, estradas, cabo telefônico que ligava a vila à sede, iluminação pública, calçamentos, escolas, e, diferentemente da sede, possuía água encanada e serviço de esgoto, serviços que desapareceram com o processo de declínio na extração diamantífera (JESUS, 2009, p.42)

Esse tempo é vivo na memória dos sujeitos sociais que vivenciaram o ápice, a decadência e o renascimento de Igatu. Ao refletir sobre as transformações no cotidiano da vila, o Sr. Francisco, morador local que permaneceu em Igatu durante esse período relatou: “[...]”

antes aqui tinha mais movimento. Quando eu era menino, na década de 1950, tinha muita gente aqui. Quando o garimpo acabou, o povo foi indo embora”³¹. Ao abordar essas lembranças dos tempos áureos do garimpo, o senhor Sebastião recorda com saudade e diz sentir falta do “[...] movimento, da fartura do diamante. As tropas que vinham do sertão, com os burros carregados de alimentos para vender para o povo do garimpo. Hoje não tem mais, e a gente tem saudade, né?”³².

O garimpo deixou profundas marcas nas paisagens da memória de quem vivenciou/vivencia o cotidiano da vila de Igatu. A fé cega pelo brilho dos diamantes ainda resiste na esperança de alguns moradores antigos voltarem a trabalhar no garimpo. Existe em Igatu um bairro com as ruínas das casas de pedras de antigos garimpeiros que deixaram a vila. Segundo os moradores, os diamantes eram procurados até nas paredes de pedras das casas. As pedras, matéria-prima abundante no lugar, eram usadas para a construção das casas antigas. Hoje, é possível apreciar as ruínas (Figura 26), que passaram por um processo de restauração arquitetônica.

Figura 26 – Ruínas de casas de pedra.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

³¹ Entrevista concedida pelo senhor Francisco, 75 anos. Fevereiro de 2017.

³² Entrevista concedida pelo senhor Sebastião, 80 anos. Fevereiro de 2017.

As ruínas das casas de pedra que atualmente ainda são encontradas na vila se constituem como um elemento atrativo para o turismo local. No entanto, os moradores mais antigos da vila possuem uma relação diferente com esse lugar, pois eles conheciam as pessoas que ali moravam e sentem saudade da convivência do dia a dia. Segundo Andrade (2005, p.57), “[...] a lembrança nunca vem só no destino de quem a procura. Ela está contextualizada na eterna relação espaço-tempo”. Existe hoje uma relação de estranhamento em relação esse lugar, pois, nas palavras de uma moradora antiga, “[...] Até as ruínas, tudo tem dono. As veiz, a pessoa que morou não pode nem chegar perto, por conta que é tombado. Isso foi um trauma na vida do povo daqui³³”.

Ainda que o tombamento da vila se constitua em algo necessário para a preservação do patrimônio do lugar, é fundamental reconhecer que este não deve acontecer à revelia dos sujeitos sociais que ali vivem. Isso porque, as paisagens da bacia estão em permanente transformação, assim como o tempo que rege a vida no lugar. Por mais que a preservação do patrimônio arquitetônico da vila seja relevante, é essencial reconhecer que Igatu não é um presépio ou um cenário, é antes de tudo, o lugar da vida das pessoas que a habitam.

O tempo e o desenvolver da vida no lugar o preenche de memória e significações humanas e assim vão se consolidando os lugares de memória: espaços que trazem a característica de preservar o elo entre o presente e o passado (NORA, 1993). De acordo com Nora, os museus, as bibliotecas e os arquivos são lugares de memória, pois assumem tal função. Em Igatu, existe um espaço instituído para este fim. No entanto, constatou-se, por meio da análise das narrativas que os sujeitos sociais que estes não se reportaram a ele em nenhum momento. Compreende-se, então, como o silêncio é preche de sentidos e revelador de significados, pois o que está instituído oficialmente como lugar de memória não encontra ressonância nos moradores. Da mesma maneira o inverso também ocorre, pois lugares não institucionalizados tornam-se referências de memória para determinados grupos. Pensar sobre o não dito torna possível refletir sobre a identificação dos sujeitos sociais com esse lugar. A organização dos objetos expostos no museu da Galeria Arte e Memória tem como propósito apresentar aos visitantes as ferramentas usadas no dia a dia no garimpo (Figura 27).

³³ Entrevista concedida pela Dona Josefa, 65 anos. Agosto de 2017.

Figura 27 – Ferramentas utilizadas no garimpo artesanal.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Esses instrumentos de trabalho do garimpo podem ser associados a ideia de objeto-semióforo. Para Abreu (1996), tais objetos são destituídos do valor de uso na atualidade, contudo, são considerados preciosidades, pois seu valor repousa no significado que trazem consigo. A autora compreende que esses objetos constituem uma ponte entre o mundo visível e o invisível, compondo um suporte material de ideias.

A pesquisa de campo nesse local foi uma vivência importante no estudo, pois possibilitou refletir sobre os processos de identificação dos sujeitos sociais no lugar e as conflitualidades que se inscrevem na simbiose entre espaço e memória. É provável que para os moradores da vila, a exposição dessas ferramentas no museu tenha outros significados, seja lugar comum do cotidiano. O olhar de fora, no entanto, busca nesses lugares indícios da história, de como a vida aconteceu ali. O olhar de dentro não se limita a esses lugares da exposição, busca entender o acontecer cotidiano das relações sociais por meio da convergência entre o visível, as vozes, o que foi dito, e, sobretudo, o que foi silenciado.

As múltiplas nuances da temporalidade se justapõem em Igatu. As ruas de pedras, os casarios antigos, as casas abertas e a vida passando pelas janelas conduzem a um tempo

pretérito, raro e alheio a pressa dos dias atuais. Ver crianças brincando na rua e idosos sentados na praça em tardes vagarosas e noites tranquilas é uma realidade no acontecer cotidiano da vila.

E assim, no colorido do presente se traduz a esperança por dias melhores em Igatu, um lugar que conheceu o auge e a decadência pelo brilho do diamante no passado. Hoje experiencia outro recomeço que amanhece como possibilidade e olhar voltado para um futuro melhor para quem vivencia o lugar. Com histórias e paisagens singulares, Igatu segue resistindo face aos tropeços e percalços do tempo e da rusticidade desse encantador sertão de pedra, poeira e água.

4.1 Rios que atravessam memórias: narrativas sobre o ambiente vivido

*Entre o sono e sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.
Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.
Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.
E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre —
Esse rio sem fim.*

Fernando Pessoa

O movimento das águas rege a vida na paisagem, modelando-a no compasso do clima, do relevo, dos solos e dos seres bióticos do lugar. As águas são plenas de sentido na memória dos sujeitos sociais, marcam o lazer, a sobrevivência e a manutenção da vida desses sujeitos no intenso fazer-se da Geografia do lugar. Nos versos evocados, o poeta constrói uma narrativa em torno de sua relação com o rio: no curso das águas, a vida se concretiza na transformação das paisagens.

A memória social dos homens e mulheres que vivenciam essas paisagens é, incontestavelmente, atrelada ao movimento das águas da bacia. Igatu é caracterizada por Sampaio como “[...] Região de terras altas, que os rios escavaram profundamente e onde se apresentam os mais belos perfis de montanha destes sertões” (SAMPAIO, 2002, p.232).

Entre os meandros da história, a memória social e as representações permitem compreender como a Geograficidade faz pulsar a vida na paisagem no olhar dos sujeitos sociais. Ao interpretar as nuances das paisagens, Santos reitera seu caráter de palimpsesto, memória

viva (SANTOS, 2006). A ideia de palimpsesto como metáfora para ler a paisagem torna possível refletir sobre as temporalidades nelas inscritas.

Nesse sentido, ao refletir sobre suas vivências nas paisagens, Dona Joana relata, com saudade, um tempo passado, que persiste na memória: “Hoje eu não vou mais, por conta que não aguento mais caminhar... É o cansaço que não deixa. Mas eu gostava muito de ir nas cachoeiras, na Rampa do Caim, nas Laranjeiras, no poço”³⁴. Dona Joana como tantas outras pessoas de Igatu viveram o privilégio do acontecer cotidiano da vida entre as cachoeiras e cursos d’água da bacia do Rio Coisa Boa. Embora o cansaço predomine no presente, ela guarda na memória tais vivências.

As pedras e águas que marcam os ambientes da bacia do Rio Coisa Boa reluzem como os novos diamantes do lugar, pois além das belezas cênicas, evidenciam os significados e sentidos presentificados na memória e nas paisagens. A relação com a natureza é um traço marcante da identidade das pessoas que habitam a bacia do Rio Coisa Boa. A memória desses sujeitos sociais é constituída por representações simbólicas construídas socialmente por meio da relação com a paisagem do lugar. A narrativa de Dona Joana expressa o significados, representações e alegorias que povoam sua memória em relação a paisagem da bacia:

Sim, tudo é muito importante pra mim. Vai no Coisa Boa, que ocê vai gostar. Pra lá dos Pombos, lá na serra tem uma luz, que a gente não sabe de onde vem, a gente fica até com medo. Ou é diamante ou então deve ser gente que já morreu³⁵.

A leitura da narrativa ajuda a refletir sobre a pluralidade de signos, códigos, representações e alegorias que se presentificam na memória social de um grupo. Nesse contexto, Jovchelovitch (2000, p.143) considera que as “[...] narrativas estão presentes em todas as épocas, todos os lugares, todas as sociedades; elas começam com a própria história da humanidade e não há em lugar algum um povo sem narrativa”, uma vez que estas integram sua memória e identidade em relação ao espaço vivido. Dona Joana não foi alfabetizada, criou dez filhos e trabalhou a vida inteira no garimpo de serra na bacia do Rio Coisa Boa. Ela traz na memória um profundo conhecimento sobre as paisagens do lugar, pois sua vida está atrelada ao convívio e ao trabalho diário que lá desenvolvia. A Figura 28 apresenta um trecho do alto curso do Rio dos Pombos, mencionado na narrativa.

³⁴ Entrevista concedida pela Dona Joana, 82 anos. Fevereiro de 2017.

³⁵ Entrevista concedida pela Dona Ana, 85 anos. Fevereiro de 2017.

Figura 28 – Trecho do Rio dos Pombos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

De que maneira a exuberância das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa permite vislumbrar a beleza imaterial presentificada nos saberes ambientais dos sujeitos sociais que a vivenciam/vivenciaram? Não há como apresentar respostas prontas e definitivas a tal questionamento. Contudo, a leitura integrada dessas paisagens não poderia negligenciar o olhar desses sujeitos sociais. Ao enveredar por essas paisagens, Sampaio constatou: “Os rios e ribeiros são aí numerosos, e os que são propriamente diamantinos trazem as águas escuras, ou amarelo-topázio” (SAMPAIO, 2002, p.249). O encantador colorido das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa sempre povoará a memória de quem o conhecer, mesmo que de passagem. É nesse sentido que Santos indaga

Em que medida a "territorialidade longa" seria mais importante que a "efemeridade"? A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro (SANTOS, 2006, p. 223)

A memória a que Santos se reporta é cotidianamente constituída por todos os sujeitos sociais que de alguma forma estabelecem vínculos de pertencimento em relação ao lugar e as paisagens vivenciadas. As narrativas sobre o ambiente vivido têm muito a ensinar sobre a vida

e a interpretação da paisagem local. Ao refletir sobre o significado da paisagem, o Sr. João enfatiza o “[...] sentimento de propriedade, de amor a terra, que está ligada a história de minha família. [...] As águas dos rios daqui são uma benção, representam nossa vida³⁶”. Nesse contexto, as reflexões suscitadas por Leite (2001) reafirmam as significações presentes nas narrativas sobre as águas. Segundo o autor,

Há um drama, um enredo e uma história inscritos nesta Geografia em movimento que se regula pelo fluxo das águas. Um vai-e-vem de espaços e paisagens. A amplidão e a horizontalidade do mundo refletida nas águas dissimulam profundidades, meandros e percursos obscuros da natureza e do homem que se redesenham na voz, na história, nas histórias, na memória, na cultura (LEITE, 2001, p.379-380).

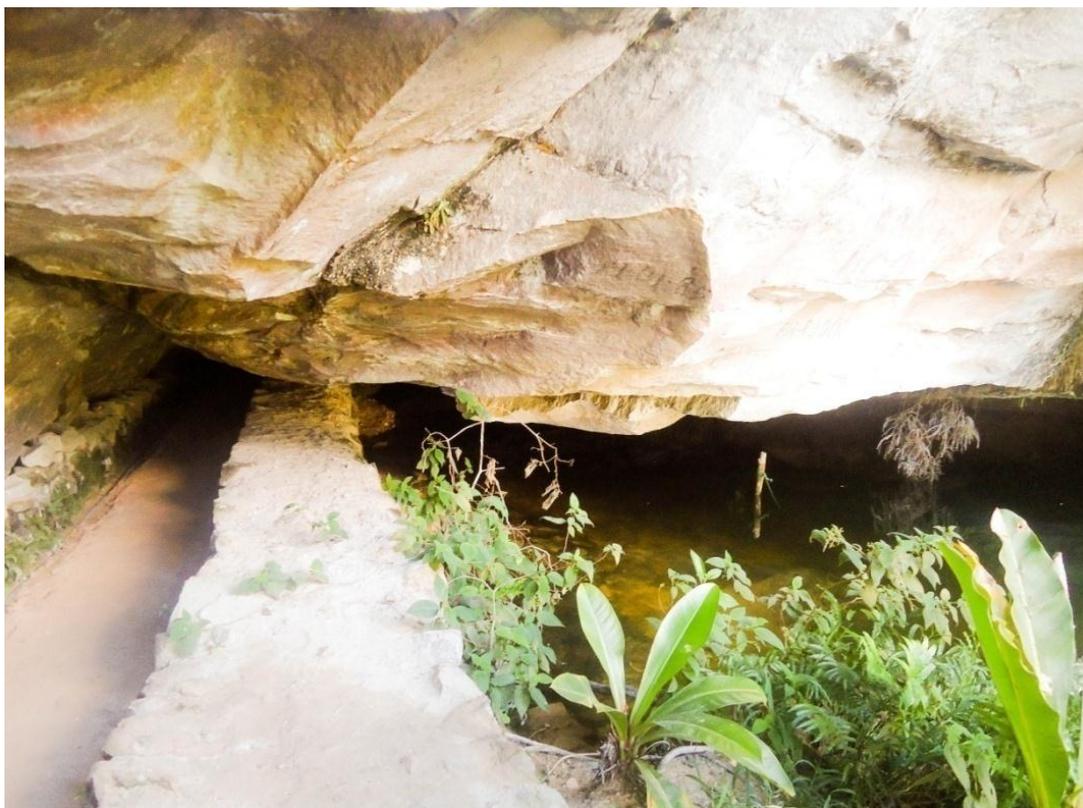
Torna-se evidente a relação entre as águas e o cotidiano dos sujeitos sociais que vivem em Igatu. As cachoeiras, os rios, as serras e trilhas são os novos diamantes. Lugares consagrados na memória social pelo reconhecimento dos sujeitos que os vivenciam. Nesse sentido, ao abordar sobre um lugar significativo na bacia, o Sr. João afirma com convicção: “A mina do Brejo Verruga, um lugar cheio de memórias, com certeza. Lá acontecem os festejos dos ternos das almas. Um enterro por aqui, é a coisa mais linda. Seguimos velando e cantando até a igreja³⁷”. A gruna³⁸ do Brejo Verruga (Figura 29) é um lugar repleto de significados e controverso para os sujeitos sociais.

³⁶ Entrevista concedida pelo senhor João, 37 anos. Agosto de 2017.

³⁷ Idem.

³⁸ A gruna é um tipo de gruta construída pelos garimpeiros na extração dos diamantes em ambientes subterrâneos.

Figura 29 – Entrada da Gruna do Brejo Verruga.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

A entrada estreita da gruna do brejo Verruga de certa forma assusta e algumas pessoas relataram não sentirem-se seguras no interior do lugar. Lá dentro, existe um grande salão de areia, com a exposição de esculturas (Figura 30) das pessoas que morreram trabalhando lá.

Figura 30 – Esculturas expostas no interior da Gruna do Brejo Verruga.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

Nesse lugar funcionavam dois importantes garimpos na história de Igatu: o garimpo do Brejo e o do Verruga. O Sr. Valcir, que ainda trabalha no local narra: “Ah, ali tinha diamante demais, diamante que dava para comprar Igatu todinha, e ainda sobrava dinheiro³⁹”. Garimpar a memória do lugar permite enveredar pelos sonhos que alimentavam a esperança de enriquecimento com o diamante. Para Andrade (2005), a figura do garimpeiro representa a inquietação, a coragem, o desbravamento e, inevitavelmente, a esperança. Na ausência do diamante, o trabalho dos homens e mulheres de Igatu busca alternativas para a manutenção da vida. É com os olhos voltados para o futuro que o presente e o passado se justapõem nas paisagens da memória, em que a relação com a natureza se manifesta de outras formas.

³⁹Entrevista concedida pelo senhor Valcir, 60 anos. Agosto de 2017.

4.2 Prelúdios do amanhã: paisagens e cenários socioambientais possíveis

Identidade é tudo que se forma quando não nos dão nada e tudo que sobra quando nos tiram tudo.

João Claudio Moreno

Refletir sobre as paisagens da memória da bacia do Rio Coisa Boa torna possível compreender as distintas manifestações da geograficidade nas reconfigurações do cotidiano na vila de Igatu. A memória social é constituída num elo contínuo entre passado, presente e futuro e pensá-la segundo a perspectiva das paisagens permite vislumbrar os prelúdios do amanhã considerando o olhar dos sujeitos sociais que as integram e vivenciam cotidianamente o lugar. A configuração dos processos identitários em Igatu envolve os movimentos da história no lugar, pois como enfatizou o autor em epígrafe, no ir e vir da história, a identidade é o que permanece.

Igatu, como as demais vilas e cidades patrimonializadas no Brasil não foi concebida como patrimônio cultural, tornou-se um, em decorrência das relações sociais e dos processos históricos que ali se desenvolveram. Para Silva (2016), o patrimônio edificado se eterniza em sentido literal por meio do tombamento da sua paisagem. Ainda que o sítio urbano da vila seja tombado pelo IPHAN, as transformações de suas paisagens são inevitáveis, pois as relações sociais cotidianas se materializam no espaço da vila, modificando suas estruturas. O painel apresentado na Figura 31 mostra algumas ruínas de casarões antigos e residências em construção na vila.

Figura 31 - Edificações em ruínas e residências em construção na vila de Igatu.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

As edificações em ruínas são comuns nas paisagens da vila. Atualmente, as casas são construídas de alvenaria, não mais de pedras. A vila atualmente possui 127 residências, sendo que 41% dessas casas (51 casas) são ocupadas por pessoas vindas de outras cidades e 33% (33 casas) constituem-se como segunda moradia, casas para veraneio (COSTA, 2016). A especulação imobiliária é uma realidade na vila, pois o processo de urbanização turística acarretou o aumento dos preços dos terrenos e residências. Em estudo realizado sobre a urbanização turística na vila de Igatu, Oliveira e Carvalho relatam que

[...] a construção de novas casas e o aquecimento do setor imobiliário na comercialização de lotes, associado à especulação imobiliária, constituem características da urbanização turística na vila. Entre as informações obtidas com moradores, é mencionada a existência de imóveis à venda por aproximadamente R\$ 500.000,00 e a supervalorização do metro quadrado em áreas como o Alto da Barriguda, que na década de 1990 era comercializado por R\$ 30,00/m² e atualmente encontra-se na faixa de R\$ 200,00/m² a R\$ 500,00/m² (OLIVEIRA; CARVALHO, 2016, p.11).

A influência do turismo na vila de Igatu é uma realidade no cotidiano do lugar. Tal aspecto é complexo, pois pode ser analisado por diferentes nuances: se por um lado, constitui-se num aspecto positivo, pois dinamiza a economia da vila, de outro, deve ser bem planejado, pois a infraestrutura simples da vila pode não abarcar um aumento demasiado no fluxo de pessoas. Uma questão que preocupa, por exemplo, é a ausência do saneamento básico na vila, o descarte dos dejetos é feito em sistema de fossa, ou descartado a céu aberto e nos cursos fluviais.

No que concerne aos equipamentos urbanos, a vila dispõe de um posto de saúde, uma escola pública de ensino fundamental I e uma quadra poliesportiva. Em relação a infraestrutura voltada para o turismo, a vila possui dez pousadas e hotéis, cinco restaurantes, um centro de informação ao turista e algumas pequenas lojas de artesanato e bares.

Em Igatu, O cemitério e igreja de São Sebastião são lugares de memória, que destacam-se pela sua simplicidade e beleza. Uma narrativa de uma jovem que morou em Igatu considera: “Não tenho o noivo ainda, mas faço questão que meu casamento seja na Igreja de São Sebastião, porque ela é linda demais!⁴⁰”. A Figura 32 retrata bem a igreja, presente na narrativa e o cemitério da vila.

⁴⁰ Entrevista concedida pela senhorita Juliana, 19 anos, agosto de 2017

Figura 32 – Igreja e cemitério de São Sebastião.



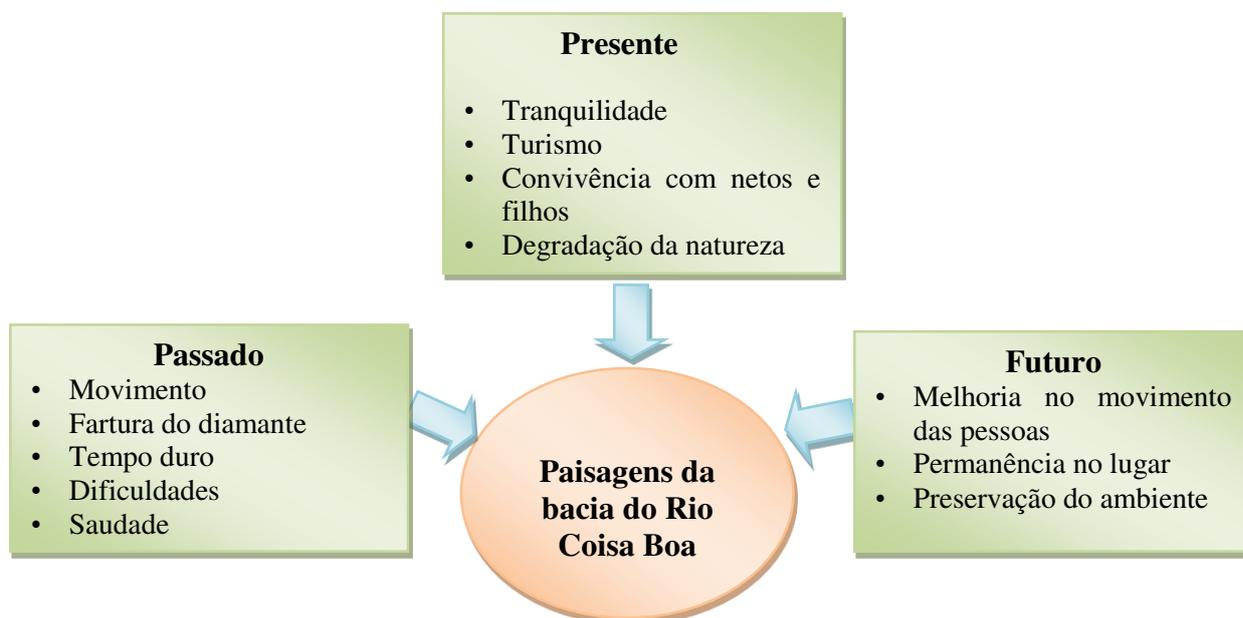
Fonte:ALBUQUERQUE, 2017⁴¹.

O colorido e a simplicidade das paisagens de Igatu fascinam e despertam o desejo de decifrar os significados do lugar. O sentimento de pertencer ao lugar se manifesta na necessidade de preservação dos ambientes. Ao abordar esse aspecto, o Sr. Francisco responde ao ser indagado se a natureza é preservada: “É bem preservada. A gente tenta cuidar das coisas da gente⁴²”. É fundamental que a apropriação turística das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, principalmente na vila de Igatu, tenha o devido cuidado com as características socioambientais do lugar. Do contrário, a exuberância dessas paisagens em breve terá fim. As representações sociais acerca das múltiplas temporalidades presentificadas nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa são apresentadas no diagrama da Figura 33, elaborado por meio da interpretação e síntese das narrativas dos sujeitos sociais entrevistados.

⁴¹ Fotografia disponível em: <<http://www.guiachapadadiamantina.com.br/cidades-e-vilas/cidades-e-vilas-igatu/>>. Acesso em dez. 2017.

⁴² Entrevista concedida pelo senhor Francisco, 75 anos, fevereiro de 2017.

Figura 33 – Representações sobre as temporalidades nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Do passado glorioso, reluzente em diamantes e saudades, marcado também pelas dificuldades e movimentos, ao presente tranquilo, cujo aspecto essencial é o convívio intenso na natureza, com a família e a inserção do turismo no futuro que se desenha é um por vir, repleto de possibilidades, sonhos e expectativas e contradições. A preocupação com a preservação da natureza é um traço marcante também, posto que, a degradação da natureza foi um traço visível nas pesquisas de campo, e presente nas narrativas.

Ao refletir sobre o turismo no futuro da vila, Dona Rosa, comerciante, afirma esperançosamente: “[...] hoje as pessoas estão mais conscientes em relação ao turismo, pois ele só acontece quando há preservação histórica e ecológica. [...] O turismo transformou o lugar. A exploração do diamante praticamente não existe mais⁴³”. Os prefácios do futuro amanhecem todos os dias para as pessoas que fazem o acontecer cotidiano da vida nas paisagens do lugar. Tais paisagens povoam a memória e as representações de quem as vivencia dia a dia. A Figura 34 apresenta em síntese, o mapa com lugares de memória na bacia do Rio Coisa Boa.

⁴³ Entrevista concedida pela Dona Rosa, 35 anos, agosto de 2017.

Figura 34 – Lugares de memória nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.



A leitura da Figura 34 convida a enveredar pelos lugares de memória da bacia do Rio Coisa Boa. Mais do que contemplar passados próximos ou distantes, vivenciar os lugares de memória permite desafiar o próprio tempo, como romper com sua incessante linearidade e experienciar a vida na intersecção dos tempos lentos da natureza na interação com os tempos rápidos da sociedade.

É aquietar-se frente a ciranda das águas nas paisagens, que impiedosamente descem as serras, e, frias trazem alento e frescor aos dias de sol no presente. Seja no amarelo topázio das águas do Rio dos Pombos, no escuro das águas encontradas no poço e no poço Madalena, ou ainda no entardecer iluminado do alto das serras que formam as quedas d'água do Rio Laranjeiras, é inevitável chegar a conclusão de que essas águas, são, os novos diamantes do lugar.

Os tons do passado ganham um outro colorido quando contemplados pelo olhar renovado dos dias atuais. Caminhar pelas ruínas das casas de pedra nos transporta para um tempo distante, que se aproxima do presente quando narrado, lembrado e às vezes, silenciado, por quem o viveu. Há também a resistência expressa na simplicidade dos modos de vida, nas representações que compõem cada pedaço de chão. O colorido das casas na vila, e da igreja, o interior da grana iluminado pelas velas e a incontestável beleza do alto da Rampa do Caim tornam possível vislumbrar as significações humanas que constituem a memória da paisagem.

As paisagens instigantes da bacia do Rio Coisa Boa simbolizam o maior patrimônio das pessoas do lugar. Patrimônio, não entendido somente na sua dimensão concreta, mas também nas (i)materialidades que se manifestam nas representações e significados que esses lugares de memória mapeados têm, efetivamente, na vida dos grupos sociais que habitam e dão sentido a essas paisagens.

A singularidade expressa nas paisagens da bacia do Rio Coisa Boa reitera a indissociabilidade da dimensão sociedade natureza em sua composição, posto que, embora as belezas naturais sejam marcantes no lugar, suas paisagens são intensamente humanizadas, constituídas de memória, como matéria prima fundamental para que adquirissem os significados que possuem hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fonte: Pesquisa de campo, 2017. Foto: Débora Oliveira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julga-se também a paisagem pela serenidade de cada momento perceptivo refletido na paz do espírito. Valores quantificáveis não podem representar o efeito de uma paisagem constituída por sons e odores. Brilhos e cores gravadas na própria mente, além de ser sentido pode ser observado em sua lentidão como se fosse um respirar, a queda de um orvalho. O próprio silêncio é uma forma de expressar um estado momentâneo de uma paisagem, na ausência do brilho transcende a escuridão, envolvendo as cores com outros matizes, novos ruídos e movimentos diferenciados. No concreto e no invisível diversificam-se os fluxos, transformando a realidade e a própria percepção do observador, pois afinal também somos parte da paisagem.

Cacau

Há memória no curso das águas? A proposição inicial do estudo era refletir sobre os significados das paisagens de uma bacia hidrográfica. Contudo, a análise integrada das paisagens e suas distintas formas de representação, sociais e cartográficas, fundadas na memória social, permitiu enveredar pelos distintos tempos e espaços que configuram a vida e as próprias paisagens do lugar. Tal análise possibilitou, ainda, vislumbrar as relações de afeto, conflitualidade e pertencimento que compõem o processo de identificação dos sujeitos sociais com as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.

A pesquisa teve o objetivo de analisar as múltiplas nuances das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, na Chapada Diamantina, de modo a evidenciar a imbricação da geograficidade com a memória do lugar. Assim, considera-se que as representações, os sons, os odores, os sentidos e as temporalidades inscritas nessas paisagens permitem compreendê-las como expressão da memória social que lhe é peculiar, pois como foi enfatizado em epígrafe, também somos parte da paisagem.

No percurso desse estudo buscou-se demonstrar a intrínseca relação existente entre paisagem e memória social na compreensão da Geografia que atravessa o cotidiano. Afinal, as paisagens vividas habitam a memória dos sujeitos sociais, constituindo-se como um de seus alicerces fundamentais.

Com a ancoragem nessa premissa foi possível compreender as significações plurais que envolvem as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa. A leitura integrada dessas paisagens permitiu enfocar a dimensão sociedade natureza, considerando também a memória social dos sujeitos que estabelecem vínculos de pertencimento com essas paisagens, bem como as características socioambientais que as constituem.

Ao considerar os olhares, as vozes e os silêncios dos sujeitos sociais em relação as suas vivências na bacia do Rio Coisa Boa foi possível compreender a memória dos grupos sociais

que tem suas vidas intensamente atreladas a essas paisagens. A constituição de lugares de memória na bacia evidencia a intersecção que existe entre o passado, o presente e o futuro em Igatu, pois o cotidiano do lugar é marcado pela historicidade que teimosamente se presentifica a cada alvorecer, preenchendo de vida e movimento as (re)configurações de suas paisagens.

A pluralidade de significações humanas, que dão sentido aos lugares de memória instiga a enveredar por sinuosos caminhos e meandros que precedem as paisagens da memória. Seja ao subir a Serra do Sincorá, em direção a Rampa do Caim, ou, ao caminhar pela vila, rumo as ruínas das casas de pedra, podemos vislumbrar as cicatrizes dos tempos, deixadas como uma lembrança, vaga, porém constante, de que a (re)escrita da história está sempre a compor a paisagem e o ritmo da vida no lugar.

As especificidades das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa corroboram a indissociabilidade das relações sociedade natureza na composição da Geografia do lugar. Ainda que as belezas naturais sejam uma característica notável, as paisagens dessa bacia são essencialmente humanizadas, repletas de sentidos e significações. Preservar, cotidianamente, cenários socioambientais deve ser um compromisso para todos os sujeitos sociais que de alguma forma se relacionam com as paisagens desse lugar. Mais do que contemplar, a vivência nessas paisagens deve pautar-se no respeito em relação a natureza, seus ritmos, sistemas e fluxos.

Nas filigranas da memória e das representações sociais foi possível perceber os sentidos que integram a memória do lugar, forjada no calor das relações humanas em diversos tempos históricos e contextos sociais.

A Geografia descortina múltiplas vertentes para a compreensão dos elementos que convergem no processo de produção do espaço, lido sob a perspectiva da análise integrada das paisagens do lugar, considerando também, o viés da memória social e das representações. Buscou-se, ao questionar as fronteiras das disciplinas científicas, evidenciar a intrínseca relação entre Geografia e Memória, tendo como alicerce as categorias paisagem, lugar, memória social e representações. Conclui-se que a interface entre a análise integrada das paisagens, as representações cartográficas e as representações sociais permitiram compreender melhor a espacialidade das relações e processos humanos que transformam as paisagens e requalificam os lugares vivenciados pelos homens e mulheres que habitam a bacia do Rio Coisa Boa.

Esse foi, indubitavelmente, um estudo construído por muitas mãos. Partilhar das experiências vividas pelos sujeitos sociais, aqui representados sob os pseudônimos de Dona Maria, Sr. Sebastião, Sr. Valcir, Sr. João e tantos outros permitiu decifrar significados ocultos na paisagem que o olhar de fora, sozinho, dificilmente conseguiria acessar. É que a memória

social, matéria prima humana e rara, não é encontrada no isolamento, é um trabalho artesanal, constituído por olhares, vozes, silêncios, lembranças e esquecimentos que só fazem sentido quando identificamos as relações e os movimentos que se dão no cotidiano dos sujeitos sociais.

A reflexão de Bosi (2012) sobre o tempo vivo da memória social possibilitou que adentrássemos em temporalidades complexas, ora próximas, ora distantes, mas que se tornam cognoscíveis por meio das narrativas dos memorialistas.

Considerar os movimentos da história, mas com os olhos voltados para o presente e para os amanhã que ainda estão por vir. Eis o desafio de decifrar as paisagens e as nuances do lugar na Geografia. Igatu vive e resiste entre pedras, águas, esperanças e memórias. Houve o tempo do garimpo, hoje é outro tempo, talvez do turismo? Uma possibilidade. Independente das atividades econômicas que dinamizam a vida no lugar, sempre haverá outro amanhã. Igatu conheceu o ápice da riqueza pelo brilho do diamante. Atravessou a decadência com o fim do garimpo, e resiste sobrepondo temporalidades, sentidos e representações... pedra sobre pedra. A vida que pulsa no lugar, feito de chão, gente e memória o transforma constantemente, evidenciando nas paisagens os prefácios do tempo e da vida de quem o produz esse espaço.

A sensação que se experimenta ao findar a pesquisa é a de que se poderia recomeçar agora e, possivelmente, chegar a conclusões diversas do que se encontrou até aqui. Tal constatação, que a *prima facie* poderia sugerir fragilidade, encontra respaldo na experiência partilhada por Massey, uma vez que “[...] a beleza do trabalho empírico é que logo que se chega a conclusões nítidas e satisfatórias ele começa a mostrar frestas e questões [...]” (MASSEY, 2008, p. 251). Tal dinâmica suscita a possibilidade de pensar em outros desdobramentos para o que foi discutido, confirmando que a análise do real é inesgotável e provoca insistentemente novos questionamentos.

Por fim, mais do que apresentar conclusões fechadas, espera-se que as reflexões empreendidas na pesquisa possam fertilizar novas possibilidades de análise no que concerne a uma aproximação do aporte teórico da memória e das representações sociais com os estudos geográficos. A análise da realidade social é por demais complexa e dinâmica para findá-la. Os sentidos estão sempre em curso, ainda que por pretensão ou vaidade alguém pense em dar a última palavra. No entanto, o convite a refletir, inquietar-se e pensar o mundo sob o olhar aguçado pelas lentes da Ciência Geográfica está sempre aberto.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. Bases conceituais e papel do conhecimento na previsão de impactos. In: PLANTENBERG, C. M; AB'SABER, A. N. (Org.) **Previsão de Impactos**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 27-50.
- _____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano 111, n 4, jan-jun, 1998. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_2_abreu.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2016.
- ABREU, R. **A Fabricação do Imortal: história, memória, e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Lapa, p. 100, 1996.
- ALMEIDA, M. G. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- ALMEIDA, M. G. VARGAS, M. A. M. MENDES, G. F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p.23-35, mai./ago. 2011.
- ANDRADE, C. S. **“No meio do caminho tinha uma pedra”**: Memória, Turismo e o Místico na paisagem de Xique-Xique de Igatu, Andaraí-BA. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo. Ilhéus (Ba): UESC/ UFBA, 2005.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004.
- BOSI, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BORGES, J. L. Funes, el memorioso. **Petrotecnica**, v. 1, p. 95, 2004.
- BROTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Zahar, 2014.
- BRUCK, M. S. Profa. Eclea Bosi - Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva**, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000.
- CÂMARA, G. et al. **Anatomia de sistemas de informações geográficas**. Campinas: Unicamp, 1996. 197 p.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência a sociedade e a cultura emergente**. Tradução de Álvaro Cabral. 20ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARAMELLO, N; SAURÍ, D. El río: un protagonista oculto en el diálogo de las águas.

Mercator, Fortaleza, v. 15, n.3, p. 107-126, jul./set., 2016. Disponível em:
<<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/1740/688>> Acesso em: 8 de out. de 2016.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial**. São Paulo: Edgar Blucher, 1981.

_____. Concepções geográficas na análise do sistema ambiental. **Anais do II Encontro de Estudos Sobre o Meio Ambiente**. Volume 3: Conferências e Painéis. Florianópolis-SC, 24 a 29/09/1989.

_____. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.

CHIAPETTI, R. J. N. **Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar**. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2009.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 59-97.

COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. 2013. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de “Towards a Radical Cultural Geography of Theory” Publicado em **Antípode – a Radical Journal of Geography**, Worcester, 15 (1). 1983.

COSTA, L. S. **Igatu, a arte que brota das pedras: uma análise socioambiental e cultural da atividade turística**. Monografia de Graduação. UESB: Vitória da Conquista, 2017.

DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. 2. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FITZ, P. R. **Cartografia Básica**. São Paulo: Ed. Oficina de Textos, 2008.

GIRARDI, E. P. **Proposição teórico-metodológica de uma Cartografia Geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Campus de Presidente Prudente. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2008.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p. 11-26.

_____. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus- Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 13, 2008.

_____. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.

GUERRA, A. T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**. Niterói, ano 2, n. 3, p. 111-122. 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/32/30>>. Acesso em: 14 de nov. de 2016.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, ano li, nº 3, jul./dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf>. Acesso em: 11 de out. de 2017.

INFRAESTRUTURA NACIONAL DE DADOS ESPACIAIS (INDE). Visualizador INDE. Disponível em: <<http://www.visualizador.inde.gov.br/>>. Acesso em: 2 de dez. de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de recuperação de dados automática**. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=202>>. Acesso em: 25 de ago. de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas das Representações Literárias Brasileiras**, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Tombamento da vila de Igatu**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/113>>. Acesso em: 29 de ago. de 2017.

JESUÍNO, J. C. Foz- Côa: construção social de um lugar de memória. In: SÁ, C. P. **Memória, imaginário e representações sociais**. Editora Museu da República: Rio de Janeiro, 2005.

JESUS, D. S. S. **Na trilha do diamante que fugiu: Condições de vida, trabalho e estratégias de sobrevivência nas serras de Chique-Chique de Igatu (1930-1950)**. Monografia de Graduação. UEFS: Feira de Santana, 2009.

JODELET, J. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais e a Esfera Pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza. **Caderno de Geografia**, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

LAGE, C. S.; PEIXOTO H.; VIEIRA C. M. B. Aspectos da vulnerabilidade ambiental na Bacia do Rio Corrente-BA. **GeoTextos**, vol. 4, n. 1 e 2, 2008.

LÉDA, R. L. M. **Políticas públicas e territorialização do desenvolvimento turístico na Bahia**: o caso da Chapada Diamantina. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 4ª edição, São Paulo/SP. Editora Cortez, 2006.

LEFÈBVRE, H. **The production of space**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1991. [1974].

_____. **Lógica formal, lógica dialéctica**. 2 ed. Paris: Anthropos, 1969. Tradução de M^a Esther Benitez Eiroa.

LEITE, M. C. S. Memória e encantamento das águas: vozes e histórias do pantanal de mato grosso. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**. V.22, 2001. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10748/7980>> Acesso em: 11 de out. de 2016.

LIMA, E. M. **Interações socioambientais na bacia hidrográfica do rio Catolé – Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia) – NPGeo, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

LIMA, D. M; ALENCAR, E. F,. A lembrança da História: memória social, ambiente e identidade na várzea do Médio Solimões. **Lusotopie**, 2001. Disponível em:
<<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lima.pdf>> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

LUSTOZA, R. E. **Produção do espaço urbano e questão ambiental**: a urbanização entre mar e montanha na cidade do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2006.

MARIANO NETO, B. **Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba**: memória cultural e natureza no cerimonial da vida. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente. UFPB: João Pessoa, 1999.

MAIA, M. R. **Sustentabilidade e agricultura familiar**. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2012.

_____. **Zoneamento Geoambiental do Município de Vitória da Conquista - Ba**: um subsídio ao planejamento. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, T.A. de. Como um rio. 1983. Disponível em:
<http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=12333&poeta_id=313>. Acesso em: 5 de mar. de 2017.

MENDES, G. F. **Sertão se traz na alma?** território/lugar, memória e representações sociais. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

MENDONÇA, F. S.A.U. – Sistema Ambiental Urbano: uma abordagem dos problemas ambientais na cidade. In: MENDONÇA, F (Org), **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

MENEZES, S. S. M. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desenho do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª edição. São Paulo Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

_____. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, 2017.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Revista etc**, espaço, tempo e crítica Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas. Nº 1(3), vol. 1, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_1_3.pdf > Acesso em: 7 de set. de 2016.

MORAES, W. de. **Jagunços e Heróis. A Civilização do Diamante nas Lavras Diamantina**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1963.

MORAES, E. C. de. **Fundamentos de sensoriamento remoto**. São José dos campos: INPE, 2002.

MORAES, A. C. R. de. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MONTEIRO, C. F. Teoria e clima urbano: um projeto e seus caminhos. In: MONTEIRO, C. A. F. MENDONÇA, Francisco. (Org) **Clima urbano**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOLASCO, M. **Igatu um museu vivo do garimpo**. Feira de Santana, Relatório final financiado pela Fundação O Boticário, 2000.

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História**. Educ. n.10, p.7-28, 1993.

OLIVEIRA, E. **Expansão da eucaliptocultura no Planalto da Conquista** – singularidades no processo de implantação da monocultura. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2012.

_____. **Cartografia temática aplicada à elaboração de cenários urbanos**: estudo de caso – Itambé – Bahia. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) UESC, Ilhéus, 2005.

OLIVEIRA, G. A.; CARVALHO, D. A. Urbanização turística e ressurgimento da vila de Igatu, Andaraí/Bahia. In: **Anais do IV Simpósio Nacional sobre Cidades Pequenas**, Universidade Federal de Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Gabriel_Oliveira45/publication/319881039_URBANIZACAO_TURISTICA_E_RESSURGIMENTO_DA_VILA_DE_IGATU_ANDARAIBAHIA/inks/59c013b40f7e9b48a29ba8c4/URBANIZACAO-TURISTICA-E-RESSURGIMENTO-DA-VILA-DE-IGATU-ANDARAI-BAHIA.pdf>. Acesso em dez. 2017.

PESAVENTO, S. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista Esboços**, v.11, nº 11 – UFSC, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>> Acesso em: 17de out. de 2016.

PIRES, J. S. R.; SANTOS, J. E, DEL PRETTE, M. E. A Utilização do Conceito de Bacia Hidrográfica para a Conservação dos Recursos Naturais. In: SCHIAVETTI, A.; CAMARGO A. F. M. **Conceitos de bacias hidrográficas**: teorias e aplicações. Editus: Ilhéus, 2002.

RIBEIRO, A.C. T. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Revista Redobra**, n. 9, p. 58, 2012.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. da; CAVALCANTI, A. P. B. **Geoecologia das Paisagens**: Uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Edições UFC, 2004.

ROSA, J.G. **Grande Sertão-Veredas**. 33 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSS, J.L.S. **Ecogeografia do Brasil**: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

ROUSSO, H. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**, v. 9, n. 17, p. 85-92, 1996.

SALES, Herberto. **Cascalho**. 3.^a edição revista e ilustrada. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1956.

SAMPAIO, A. V. O. **Apreensão da paisagem a partir do turismo na Chapada Diamantina – Bahia**. Dissertação de mestrado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

SAMPAIO, T. **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, D. P. **Manejo Integrado de Bacias Hidrográficas**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2003.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1978.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec: São Paulo, 1988.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

_____. A aceleração contemporânea: tempo e espaço-mundo. **Desafios da globalização**, v. 4, 1992, p. 191-198.

SARAMAGO, J. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

_____. **Levantado do chão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SAUER, O. C. A educação de um geógrafo. **Revista GEOgraphia** – Ano. II– n.4 –2000.

SEABRA, G. **Chapada Diamantina: o falso brilhante**. Ituiutaba: Barlavento, 2017.

SETTI, A. A.; et al. **Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos**. 2ª ed. – Brasília: Agência Nacional de Energia Elétrica, Superintendência de Estudos e Informações Hidrológicas, 2000.

SILVA, D. P. S. “Arruando” vejo rio, homens, pedra & cal: a des-re-patrimonialização do sítio histórico tombado de Penedo-AL. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

SILVA, L. R. **Do senso comum à Geografia científica**. Editora Contexto: São Paulo, 2004.

SILVA, L. C. S. **Fragilidade hídrica e ecodinâmica na bacia hidrográfica do Rio Sergipe: desafios à gestão das águas**. Tese de Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2014.

SILVA, E. V. da. Interações entre sociedade, natureza e cultura na construção das paisagens. In: SEABRA, G. (Org.). **O capital natural na economia global**. Induiutaba: Barlavento, 2016.

SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. Tradução de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Dora do Amarante Romariz. **Métodos em Questão**. São Paulo, IG-USP, 1977.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física e geografia humana: Uma questão de método- Um ensaio a partir da pesquisa sobre arenização. **GEOgraphia**, v. 12, n. 23, p. 8-29, 2011.

_____. Geografia e ambiente: desafios ou novos olhares. **Revista Mato-Grossense de Geografia**, v. 17, n. 1, 2016.

_____. Tempos longos... Tempos curtos... Na análise da natureza. **Geografares**, n. 3, 2002.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE/Supren, 1977.

APÊNDICES

Apêndice A – Modelo de questionário aplicado na pesquisa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo)

Pesquisa para a dissertação: A memória no curso das águas: paisagens e representações da Bacia do Rio Coisa Boa, Chapada Diamantina – Bahia

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Oliveira

Co-orientadora: Prof. Dra. Geisa Flores Mendes

Autora: Débora Paula de Andrade Oliveira

1. Perfil do colaborador da pesquisa

Nome (opcional): _____

Idade: _____ Sexo: () M () F

Profissão: _____

Grau de escolaridade:

() Não alfabetizado

() Ensino Fundamental incompleto - Cursou até a _____ série

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto – Cursou até a _____ série

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo – Curso: _____

Local de nascimento: _____

Local de moradia: _____

1.2 Sempre viveu aqui? Se não, qual a razão da saída e do retorno?

1.3 Se não nasceu aqui, por que veio morar aqui?

2. Sobre a relação com a paisagem e o lugar

2.1 O lugar onde mora sempre foi como é hoje?

2.2 A que atribui as mudanças na paisagem local?

2.3 Quais os lugares que mais gosta de ir nas proximidades da bacia do Rio Coisa Boa? Por que?

2.4 As paisagens desses lugares despertam algum sentimento para você?

2.5 Ao receber um amigo ou parente que mora longe, onde você levaria?

2.6 Considera que a natureza aqui é preservada? Por que?

2.7 Quais são os principais problemas ambientais do lugar que você vive?

2.8 Qual o destino do esgoto doméstico da sua residência/estabelecimento comercial?

2.8 O lugar onde você vive possui belezas naturais? Se sim, elas têm algum significado na sua vida?

2.9 Qual a sua opinião sobre o tombamento da vila de Igatu?

2.10 As ruínas da vila de Igatu têm algum significado na sua memória? Como você se relaciona com elas?

2.11 Fale sobre o significado das cachoeiras e das águas dos rios:

2.10 Existem lugares que você não gosta de ir no interior da bacia do Rio Coisa Boa?

2.11 Fale sobre uma saudade em relação ao passado de Igatu

2.12 O que vem a sua memória quando pensa nas paisagens daqui

2.12.1 No tempo passado: _____

2.12.2 No tempo presente: _____

2.12.3 No tempo futuro: _____

Apêndice B – Matriz de análise dos conflitos socioambientais nas paisagens

MATRIZ DE ANÁLISE DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NAS PAISAGENS		N° Ponto: _____
1.	Localização geográfica (UTM):	E(x) = S(y)= Z(elev)=
2.	Descrição da visada:	
3.	Numero das fotografias:	
3.	Natureza do conflito:	
4.	Origem:	
5.	Espacialidade:	Pontual () Linear () Zonal ()
6.	Temporalidade:	Antigo () Recente ()
7.	Intensidade:	Provisório () Sazonal () Consecutivo ()
8.	Resiliência:	Reversível() Curto prazo () médio prazo () longo prazo () Irreversível()
9.	Magnitude:	Baixa () Média () Alta ()
10.	Fragilidade:	nulo ()baixo () médio () alto ()
11.	Grau de comprometimento	nulo ()baixo () médio () alto ()
12.	Vulnerabilidade socioambiental:	
13.	Registro fotográfico:	